



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

POLIFONIA E METÁFORA NO DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF: A  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

**SIMONE SANT' ANNA**

**2014**



**UFRJ**

**POLIFONIA E METÁFORA NO DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF: A  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS***

Por

SIMONE SANT'ANNA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2014  
UFRJ – Faculdade de Letras

**POLIFONIA E METÁFORA NO DISCURSO DE DILMA ROUSSEFF: A  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS***

Simone Sant'Anna

Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como quesito para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas, na Área de Concentração Língua Portuguesa.

Examinada por:

---

Presidente, Professora Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis – UFRJ  
(Orientadora)

---

Professora Doutora Lúcia Helena Martins Gouvêa – UFRJ (Língua Portuguesa)

---

Professora Doutora Helena Gryner – UFRJ (Linguística)

---

Professora Doutora Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt – UFRJ (Língua Portuguesa)

---

Professor Doutor Fernando Vieira Peixoto Filho- UFRRJ

---

Professor Doutor Helênio Fonseca de Oliveira – UERJ (Suplente)

---

Professora Doutora Regina Gomes de Souza – UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

Sant'Anna, Simone.

Polifonia e metáfora no discurso de Dilma Rousseff: a construção do *ethos*

Simone Sant'Anna - Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2014.

CLI, 133 f.:il.; 31cm.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/FL/Departamento de Letras Vernáculas - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis – UFRJ/FL/Departamento de Letras Vernáculas

Referências Bibliográficas: f. 130-133.

1. A Presidente Dilma Rousseff 2. Semiologia de Charaudeau 3. A Polifonia 4. A Metáfora

I. PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. Polifonia e metáfora no discurso de Dilma Rousseff: a construção do *ethos*

Dedico esta tese à Mariná Sant'Anna, à Zenith Drummond de Sant'Anna e a Washington Drummond de Sant'Anna, minha amada família.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela força, pela fé, pelo ânimo, pela saúde e pela sabedoria que me conduziram até o momento presente e possibilitaram a realização desta pesquisa. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor.

À professora Maria Aparecida Lino Pauliukonis, excelente orientadora, pela paciência, pelos conselhos, pelas orientações sempre atenciosas e carinhosas. Profissional exemplar e pessoa maravilhosa. Minha eterna gratidão.

À professora Lucia Helena Martins Gouvêa, pelo carinho com que sempre me recebeu na sala de pesquisa, pelos conselhos e por ter sido a minha “orientadora substituta” no Seminário de Teses e Dissertações em Andamento.

Às professoras Sonia Zyngier, Celia R. dos Santos Lopes, Regina Souza Gomes, e Monica Maria Rio Nobre, pelos ricos ensinamentos durante o curso de doutorado.

Aos professores Lúcia Helena Martins Gouvêa, Helena Gryner, Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt, Fernando Vieira Peixoto Filho, Helênio Fonseca de Oliveira, Regina Gomes de Souza e Maria Aparecida Lino Pauliukonis por terem aceitado fazer parte da banca examinadora do Exame de Qualificação e da Defesa da Tese.

Às amigas Delí (*in memoriam*), Angela Freire, pelas orações e palavras de incentivo.

À amiga Giselle Toledo Esteves, por estar sempre disposta a ajudar nas dúvidas relacionadas aos assuntos acadêmicos.

Aos colegas de curso, pela contribuição intelectual e pessoal.

À minha mãe, pelo dom da vida e pelo investimento na minha educação. Meu eterno amor e gratidão.

A todos os meus parentes e amigos que de alguma forma contribuíram para que eu fosse a pessoa que sou.

Ao grupo de pesquisa CIAD.

À CAPES, pela bolsa.

## **SINOPSE**

Análise do emprego da polifonia e da metáfora nos discursos oficiais de Dilma Rousseff como recursos argumentativos, à luz de pressupostos da Análise Semiolinguística do Discurso, de acordo com algumas orientações da Linguística Cognitiva e com base na construção de imagens (*ethos*) e possíveis efeitos retóricos e discursivos direcionados ao auditório (*pathos*).

## RESUMO

SANT'ANNA, Simone. **Polifonia e metáfora no discurso de Dilma Rousseff: a construção do *ethos***. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

A presente pesquisa enfoca o emprego de recursos da polifonia e da metáfora no discurso oficial de Dilma Rousseff como uma importante e produtiva estratégia argumentativa para a construção de sua imagem (*ethos*) como primeira mulher eleita presidente do Brasil. Tradicionalmente tratadas como figuras de linguagem ou meros recursos estilísticos, as estruturas metafóricas passam a ser consideradas hoje importantes instrumentos cognitivos da linguagem corrente e um dos meios mais frequentes de expansão semântica dos itens lexicais. Assim, a metáfora passa a ser vista como fenômeno conceitual e importante modelo cognitivo de apreensão da realidade. A presente perspectiva pretende, assim, uma nova abordagem da metáfora e dos conceitos de dialogismo e polifonia propostos por Bakhtin (1995), ao investigar o caráter argumentativo e a função discursiva que os efeitos de sentido de seu emprego acarretam. Com base nos princípios da Análise do Discurso e nos conceitos de *ethos*, *pathos* da Nova Retórica, das noções de dialogismo e polifonia bakhtinianos e de metáfora conceptual da Linguística Cognitiva, realizou-se uma análise dos trechos nos quais as ocorrências metafóricas apresentam função retórico-argumentativa, responsável pela construção de imagens (*ethé*) da Presidente Dilma, capazes de convencer o auditório visado (*pathos*) do universo de seus eleitores. O *corpus* foi constituído por ocorrências em 48 discursos políticos oficiais sobre temas diversos proferidos pela presidente Dilma Rousseff, durante o primeiro semestre de 2011, primeiro ano de seu governo, obtidos no site do planalto <http://www2.planalto.gov.br>. O arcabouço teórico utilizado conta com contribuições da Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2008), dos conceitos de *ethos* prévio e *ethos* discursivo de Maingueneau e Amossy (2008; 2011), da Semântica argumentativa de Anscombre e Ducrot (1997) e da visão da metáfora conceptual, a partir das propostas de Lakoff & Johnson (2002). Os resultados da análise apontam que a escolha polifônica e metafórica está diretamente relacionada ao propósito argumentativo do sujeito enunciador, constituindo-se sua análise uma proposta bastante produtiva para o tratamento do texto argumentativo.



## ABSTRACT

SANT'ANNA, Simone. **Polifonia e metáfora no discurso de Dilma Rousseff: a construção do *ethos***. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This research focuses on the use of resources of polyphony and metaphor in the official speeches of Dilma Rousseff as an important and productive argumentative strategy to build an image (*ethos*) as the first female president to be elected in Brazil. Traditionally treated as mere figures of speech or stylistic features, the metaphorical structures are, nowadays, regarded as important cognitive tools of everyday language and as a very useful means of semantic expansion of lexical items. Thus, the metaphor is seen as a conceptual phenomenon and important cognitive model of apprehending reality. This research, therefore, show the results of a new approach to metaphor and to the concept of dialogism and polyphony proposed by Bakhtin (1995), since the discursive and argumentative function that they convey are analyzed. Based on the principles of Discourse Analysis, the concepts of *ethos*, *pathos*, New Rhetoric, the notions of dialogism and polyphony taken from Bakhtin's theory, and the conceptual metaphor of Cognitive Linguistics, some parts of the president's speeches were analysed. In such parts, it is possible to detect a rhetorical argumentative function, responsible for building images (*ethe*) of president Dilma that persuade the target audience (*pathos*) of the universe of their constituents. The corpus consisted of 48 official speeches on various topics delivered by president Dilma Rousseff during the first half of 2011, the first year of government, obtained in the plateau <http://www2.planalto.gov.br> site. The theoretical framework used includes the contributions of Charaudeau Semiolinguística Theory, (2008), the concepts of *ethos* and prior discursive *ethos* of Maingueneau and Amossy (2008; 2011), the argumentative semantics of Anscombre and Ducrot (1997) and view of conceptual metaphor, from the motions Lakoff& Johnson (2002). The results show that the polyphonic and metaphorical choice is directly related to the argumentative purpose of enunciating subject, which makes this analysis a very productive proposal for the treatment of argumentative text.

## RESUMEN

SANT'ANNA, Simone. **Polifonia e metáfora no discurso de Dilma Rousseff: a construção do *ethos***. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta investigación se centra en el uso de los recursos de la polifonía y de la metáfora en el discurso oficial de Dilma Rousseff como una estrategia argumentativa importante y productiva para construir su imagen (*ethos*) como la primera presidente elegida de Brasil. Tradicionalmente tratadas como meras figuras retóricas o rasgos estilísticos, las estructuras metafóricas se hacen hoy día importantes herramientas cognitivas del lenguaje corriente y uno de los medios más frecuentes de expansión semántica de unidades léxicas. Por lo tanto, la metáfora es vista como un fenómeno conceptual e importante modelo cognitivo de aprehensión de la realidad. De esta manera, la presente perspectiva busca un nuevo enfoque a la metáfora y al concepto de dialogismo y la polifonía propuesto por Bakhtin (1995), al investigar el carácter argumentativo y la función discursiva que los efectos del significado que su empleo resultan. Sobre la base de los principios de Análisis del Discurso y los conceptos de *ethos*, *pathos*, de la Nueva Retórica, de las nociones de dialogismo y la polifonía Bakhtin y la metáfora conceptual de la Linguística Cognitiva, se llevó a cabo un análisis de los fragmentos en los que las ocurrencias de estos elementos presenta función retórico - argumentativa, responsable por la construcción de imágenes (*ethe*) de la presidente Dilma capaces de convencer al público objetivo (*pathos*) del universo de sus electores. El corpus se constituyó por ocurrencias en 48 discursos políticos oficiales sobre temas diversos proferidos por la presidenta Dilma Rousseff, durante el primer semestre de 2011, el primer año de gobierno, que se obtienen en el sitio <http://www2.planalto.gov.br> meseta. El marco teórico utilizado incluye las contribuciones de la teoría semiolingüística de Charaudeau (2008), de los conceptos de *ethos* previo y *ethos* discursivo de Maingueneau y Amossy (2008; 2011), de la semántica argumentativa de Anscombre y Ducrot (1997) y de la visión de la metáfora conceptual, a partir de los movimientos de Lakoff y Johnson (2002). Los resultados del análisis demuestran que la elección polifónica y metafórica está directamente relacionada con el propósito argumentativo del sujeto enunciador, convirtiéndose su análisis en una propuesta muy productiva para el tratamiento del texto argumentativo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF.....	18
1.1 – Vida Pessoal.....	18
1.2 – Formação Acadêmica.....	20
1.3 – Experiência Profissional.....	20
1.4 – Experiência Política no Governo Lula.....	21
2. FUNDAMENTOS: TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA.....	25
2.1- O “contrato” de comunicação.....	25
2.2- Os Modos de Organização do Discurso.....	27
2.2.1 - O Modo Enunciativo.....	27
2.2.2 - O Modo Argumentativo.....	28
2.2.3 – A Argumentação em Análise do Discurso.....	34
2.3 - O <i>Ethos</i> no Discurso Político.....	38
2.3.1 – A Encenação Política.....	39
2.3.2 – O <i>Ethos</i> de Credibilidade.....	41
2.3.3 - O <i>Ethos</i> de Identificação.....	45
3. A POLIFONIA.....	53
3.1 – As Vozes no Discurso.....	53
3.2 – A Polifonia e o Discurso Relatado.....	53
4. A METÁFORA.....	64
4.1 –A Linguística Cognitiva.....	64
4.2 – Importância do Contexto.....	66
4.3- A Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson.....	71

5. ENFOQUE METODOLÓGICO.....	73
6. ANÁLISE DOS TEXTOS.....	75
6.1 – Análise da polifonia.....	75
6.2 – Análise das expressões metafóricas.....	82
6.2.1 – Análise do Frame Percurso/Espaço.....	84
6.2.2 – Análise do Frame Guerra.....	91
6.2.3 – Análise do Frame Construção.....	97
6.2.4 – Análise do Frame Mazelas.....	101
6.2.5 – Análise do Frame Corpo Humano.....	105
6.2.6 – Análise do Frame Jogo.....	112
6.2.7 – Análise do Frame Mãe.....	118
6.2.8 – Análise do Frame Etapas da Vida.....	121
7. CONCLUSÃO.....	126
8. REFERÊNCIAS.....	128

## ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS, FIGURAS E TABELAS

### QUADROS:

<b>Quadro 1:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame percurso.....	90
<b>Quadro 2:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame guerra.....	96
<b>Quadro 3:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame construção.....	100
<b>Quadro 4:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame mazelas.....	104
<b>Quadro 5:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame corpo humano.....	111
<b>Quadro 6:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame jogo..	117
<b>Quadro 7:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame mãe..	121
<b>Quadro 8:</b> Expressões metafóricas, <i>ethos</i> e metáfora orientacional no frame etapas da vida.....	124
<b>Quadro 9:</b> <i>Ethé</i> construídos a partir dos frames encontrados.....	125

### GRÁFICOS:

<b>Gráfico 1:</b> Porcentagem de Polifonia.....	75
<b>Gráfico 2:</b> Porcentagem de Expressões metafóricas.....	82
<b>Gráfico 3:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame percurso...	84
<b>Gráfico 4:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame guerra.....	91
<b>Gráfico 5:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame construção	97
<b>Gráfico 6:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame mazelas....	101
<b>Gráfico 7:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame corpo humano.....	105

<b>Gráfico 8:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame jogo.....	112
<b>Gráfico 9:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame mãe.....	118
<b>Gráfico 10:</b> Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame etapas da vida.....	121

**FIGURAS:**

<b>Figura 1:</b> Situação de Comunicação.....	25
<b>Figura 2:</b> O modelo de Argumentação.....	29

**TABELAS:**

<b>Tabela 1:</b> Total de ocorrências e porcentagens de Polifonia.....	75
<b>Tabela 2:</b> Total de ocorrências de expressões metafóricas.....	83

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a analisar o emprego de recursos da polifonia e da metáfora como importante e produtiva estratégia argumentativa no discurso político de Dilma Rousseff. A observação desses recursos objetiva identificar a imagem (*ethos*) construída pela presidente, a partir dos discursos políticos oficiais enunciados por ela e analisar os possíveis efeitos patêmicos provocados no auditório, comprovando-se seu teor persuasivo. A análise do *ethos* e do *pathos* mostra-se relevante por possibilitar uma observação mais completa da construção dessa imagem. Aristóteles (2011) já mencionava a relação entre a razão (*logos*), a emoção ou paixão do auditório (*pathos*) e o caráter ou costumes do orador (*ethos*) no discurso de argumentação.

Recentemente, Adam (2010) retomou esses componentes apresentados por Aristóteles e propôs uma visão triangular com esses três pólos para resumir e ilustrar o dispositivo da argumentação. Para Adam (2010) a argumentação é constituída pelo equilíbrio entre os três pólos em um constante jogo de forças entre o *logos*, de um lado, o *ethos* e o *pathos*, de outro, ora prevalecendo a razão, ora a emoção.

Charaudeau (2011), em análise do discurso político, também aponta para uma mudança mais recente no foco dos estudos sobre a argumentação. O autor comenta que a análise do discurso político tradicional apoiava-se mais sobre os conteúdos das proposições apresentadas do que sobre os procedimentos encenados; mais sobre o valor dos argumentos do que sobre as estratégias persuasivas; mais sobre o *logos* que sobre os efeitos do *pathos* e do *ethos*.

Segundo Charaudeau, isso acontece porque o jogo do discurso político desenvolvia-se preferencialmente em torno dos sistemas de pensamento e das ideologias. Portanto, pela própria natureza do gênero ou da tipologia textual, os estudos sobre o discurso político estavam mais relacionados ao *logos* (razão). Todavia, o autor destaca, no capítulo final de sua obra, que o discurso político, mesmo contendo uma mistura desses três componentes, progressivamente deslocou-se do lugar do *logos* para o do *ethos* e do *pathos*, do lugar do teor dos argumentos para o de sua encenação, mais emocional, a ponto de estes últimos acabarem assumindo o lugar de “valores” de verdade. Daí a importância da observação desses fenômenos na análise do discurso político em questão.

É relevante salientar que, de acordo com Charaudeau (2011) e Maingueneau (2008), o *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso e não ao indivíduo real, apreendido independentemente de sua atividade oratória. Por isso, é natural que possa haver uma diferença entre o ser social e a imagem construída, através da linguagem. É válido ressaltar que não se trata de confrontar o sujeito real com a imagem no discurso, pois é possível e preferível dissociá-los. Sendo assim, o objetivo principal deste estudo é identificar, descrever e explicar como as categorias enunciativas podem contribuir para a construção de uma imagem de identificação e credibilidade do sujeito enunciador (discursivo) seja essa imagem compatível com o sujeito real ou não.

O objeto de estudo desta investigação é o uso da polifonia e da metáfora como recursos argumentativos e a relação entre esses recursos com os dois conceitos, *ethos* e *pathos*, enfocando-os como procedimento argumentativo nos discursos políticos da presidente Dilma Rousseff.

A orientação teórica encontra apoio em princípios da Análise do Discurso e nas teorias da enunciação, com ênfase nos conceitos de “contrato de comunicação” e nos modos de organização discursiva da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2011); nos conceitos de *ethos* discursivo e *ethos* prévio de Dominique Maingueneau (2008) e Amossy (2011); na Linguística Cognitiva, particularmente, a teoria da metáfora conceptual de Lakoff & Johnson (2002); na Semântica argumentativa de Ascombre e Ducrot(1997) e na Filosofia da Linguagem, mais especificamente, a que se prende à retórica de Aristóteles (2011) e aos conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin (1995).

O *corpus* utilizado para a prospecção é um conjunto de quarenta e oito discursos políticos proferidos por Dilma Rousseff durante o primeiro semestre do ano de 2011. Os textos foram obtidos no site do Planalto <http://www2.planalto.gov.br>. Para compor a amostra foram selecionados os trechos com os recursos da polifonia e da metáfora orientados para a construção do *ethos*. Foi realizada uma análise qualitativa dos textos para demonstrar como esses elementos estão associados à estrutura linguístico-discursiva e/ou composicional da argumentação.

A análise das ocorrências no *corpus* busca responder às seguintes questões centrais:



- De que forma os recursos de polifonia e metáfora apresentam função argumentativa nos textos de discurso político?
- Como esses recursos são capazes de construir imagens (*ethé*) capazes de convencer o auditório pela emoção (*pathos*)?

A originalidade da tese reside na proposta de que a investigação da função argumentativa da polifonia e da metáfora, vistas pela tradição como meros recursos estilísticos, será viabilizada por meio de análises múltiplas que permitem articular os resultados da pesquisa a distintas teorias com respaldo em orientações da Análise do Discurso e da Linguística Cognitiva. É relevante também a escolha do *corpus* por tratar-se de discursos proferidos pela primeira presidente eleita no Brasil, “*locus*” predominantemente dominado pelos homens. Acrescentam-se as contribuições que esta pesquisa pode trazer para a área de Língua Portuguesa no que se refere aos estudos do texto argumentativo e do discurso político.

Para tanto, buscam-se respostas aos seguintes questionamentos:

- Qual é o comportamento dos elementos linguísticos e discursivos quando inseridos em textos argumentativos (discurso político)?
- Quais imagens (*ethé*) podem ser construídas com base no uso dos elementos que apresentam teor argumentativo?
- Como é estabelecida a relação entre as imagens construídas e seus possíveis efeitos no auditório?

No intuito de responder às questões apresentadas, os objetivos específicos são: (i) identificar e descrever aspectos linguísticos e discursivos nos discursos políticos que possam proporcionar o fortalecimento argumentativo; (ii) verificar como esses elementos contribuem para a argumentação através da construção da imagem do locutor e como esta é capaz de influenciar a sua aceitação ou rejeição por parte do interlocutor; e (iii) investigar como os diferentes procedimentos linguísticos e discursivos são capazes de estabelecer essa relação entre *ethos* e *pathos*. Vale ressaltar que a abordagem do *pathos* foi realizada com base em pressuposições, devido à impossibilidade de analisar de forma concreta os efeitos produzidos no auditório.

A partir dos objetivos e questionamentos que envolvem o uso de polifonia e metáfora como recursos argumentativos, formularam-se algumas hipóteses:

(i) elementos que, a princípio não apresentam função argumentativa, podem assumir essa função quando inseridos em textos argumentativos; (ii) as imagens da

presidente construídas pelo discurso enunciado por ela criam um efeito de aproximação e identificação com o auditório reforçando o seu poder de persuasão; (iii) o uso de trechos com o recurso da polifonia servem para reforçar os argumentos apresentados tornando-os mais fortes; (iv) o uso de metáforas contribui para a aproximação do enunciador com o auditório por meio do conhecimento partilhado de ideias e valores; (v) o uso de estratégias linguístico-discursivas como a citação e a utilização de metáforas reforçam a relação entre *ethos* e *pathos* contribuindo para o fortalecimento da argumentação.

A tese constitui-se de sete capítulos iniciados após o de Introdução. No capítulo um, há uma apresentação de informações sobre a vida pessoal e profissional da presidente Dilma Rousseff. O teor do capítulo mostra-se relevante para a compreensão de como a imagem da primeira mulher a ser eleita presidente do Brasil é construída previamente a partir de seus dados biográficos.

O capítulo dois expõe o arcabouço teórico da pesquisa. Nele, são apresentados os principais conceitos de uma abordagem semiolinguística do discurso: o ato de linguagem e os sujeitos do discurso; o contrato de comunicação; os modos de organização do discurso, com ênfase no modo sobre a argumentação em Análise do Discurso. O Capítulo fundamenta também a questão do *ethos* no discurso político que trata da encenação política e dos diferentes *ethé* que caracterizam o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação que formam o alicerce da análise desta pesquisa.

O capítulo três concentra a discussão acerca da polifonia com base na análise de trechos dos discursos proferidos pela presidente. A metáfora, por sua vez, é apresentada no capítulo quatro que contém seções sobre a Linguística Cognitiva; a importância do contexto e, mais especificamente, o conceito de metáfora conceptual de Lakoff e Johnson que norteia a análise das expressões metafóricas encontradas.

O enfoque metodológico é apresentado no capítulo cinco no qual são apresentadas as informações a respeito da constituição do *corpus*, das etapas de investigação e dos procedimentos de análise.

No capítulo seis encontram-se as análises dos *frames*, caracterizados por meio da seleção das expressões metafóricas, assim como os resultados decorrentes das análises e interpretações que possibilitaram a construção de diferentes imagens (*ethé*) de Dilma Rousseff e contribuíram para o reforço da argumentação de seu discurso.

Por fim, no capítulo sete, são apresentadas as considerações finais relativas aos resultados encontrados na pesquisa.

## **1. A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF**

Uma das justificativas desta pesquisa é analisar como se apresenta o discurso político da primeira mulher a se tornar presidente da República do Brasil. O presente capítulo é dedicado à observação de trechos da biografia da presidente Dilma Rousseff que podem ajudar na compreensão de seu discurso político. Os dados biográficos foram extraídos da biografia disponível no site do planalto e no livro “*O que a vida quer é coragem*”(2011), uma biografia autorizada, cujo conhecimento é relevante para a compreensão de imagem do *ethos* prévio de Dilma e para o reforço do *ethos* discursivo construído em seu discurso. Para facilitar a leitura, o capítulo foi dividido de acordo com fatos ligados a vida pessoal, formação acadêmica, experiência profissional e experiência política como uma extensão do governo Lula.

### **1.1 – Vida pessoal**

Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na maternidade do Hospital São Lucas, em Belo Horizonte. Filha de Pedro Rousseff que, em 1929, deixou a Bulgária e veio para o Brasil, e da professora Dilma Jane da Silva. Os pais de Dilma tiveram três filhos: Igor, Dilma e Zana.

Dilma estudou em bons colégios e Pedro Rousseff foi o grande incentivador das leituras da filha. Desde aproximadamente os 12 anos de idade Dilma Rousseff era motivada a ler livros como *Germinal* de Émile Zola, um clássico na iniciação política de muitas gerações; *Humilhados e ofendidos* de Dostoiévski, outro livro de temática social; Honoré de Balzac: *O lírio do vale*, *O pai Goriot*, entre outros. Aos 18 anos, tinha lido praticamente toda a *Comédia humana*. As constantes leituras de temática social, naturalista e marxista influenciaram a forte tendência de Dilma Rousseff a estar envolvida em assuntos políticos e sociais.

Dilma Rousseff e Cláudio Galeno, seu primeiro marido, casaram-se em setembro de 1967. Devido à militância política, Galeno (ou o companheiro Lobato) foi

deslocado para Porto Alegre e não podia levar Dilma com ele, a distância e o tempo prolongado foram causas da separação do casal. Em uma de muitas missões durante a militância, Dilma foi a Porto Alegre e reencontrou Galeno e comunicou-lhe, de forma direta, que estava com Max e disposta a ficar com ele. Dilma nunca deixou de dizer coisas diretamente, uma das marcas de seu comportamento. Max era o codinome de Carlos Araújo. Foram apresentados como Max e Estela, pouco depois do carnaval de 1969 e só souberam o nome verdadeiro um do outro depois da prisão de ambos. As atitudes tomadas por Dilma em seus relacionamentos amorosos podem ter contribuído para a construção de uma imagem (*ethos*) de pessoa objetiva e determinada.

A vida em liberdade de Dilma Rousseff só recomeçou em 1973, em Porto Alegre, ao lado de seu segundo marido, o advogado Carlos Araújo, com quem teve uma filha aos 28 anos. Em 1994, eles se separaram, depois de 25 anos de vida em comum, por causa de uma traição de Carlos, cuja namorada estava grávida. Dilma simplesmente colocou Carlos para fora de casa com seus pertences. Dois anos depois se reconciliaram e voltaram a viver juntos até meados do ano 2000, quando se separaram de novo, mas amigavelmente. Na vida amorosa, mais uma vez seus atos contribuem para a construção da imagem de alguém capaz de tomar decisões rápidas, de forma racional, porém também sob a influência de uma dose elevada de sentimentos.

Além do *ethos* de determinação, o *ethos* de superação é de extrema relevância para a construção da imagem de Dilma Rousseff. A forma como a presidente mostrou-se firme, serena e determinada em sua vida de luta armada e diante de outras enfermidades contribuiu para a criação da imagem de uma mulher forte e decidida.

Em outubro de 2007, ela sentiu fortes dores no abdômen e, por recomendação de Lula, internou-se no Hospital Sírio-Libanês. Os médicos diagnosticaram em Dilma um caso grave de diverticulite, um tipo de inflamação no intestino. Os médicos deram à Dilma as recomendações necessárias: observar a medicação, cortar gorduras e condimentos, perder peso. Na virada de 2008 ela já tinha perdido 12 quilos, mas voltou a trabalhar em ritmo forte assim que recebeu alta. Esse fato narrado na biografia procura reforçar a imagem de determinação e superação das adversidades.

Durante a campanha presidencial, no entanto, mais um obstáculo estava diante de Dilma. O médico Kalil deu-lhe a notícia: “Temos um linfoma, mas ainda bem que foi feito o exame precocemente e se descobriu cedo. É um linfoma localizado e dá para tratar perfeitamente”.

À noite, no Jornal Nacional, milhões de telespectadores assistiram mais uma vez àquela mulher valente, que agora se mostrava serena diante de um grande desafio: “Esta é a questão que está na pauta de hoje para mim: enfrentar essa doença, que os médicos garantem que será extirpada, e sair mais forte do lado de lá”. “Nós, brasileiros, temos esse hábito de sermos capazes de enfrentar obstáculos, de transpô-los e de sairmos inteiros”, ela disse em cadeia nacional, emocionando o Brasil.

O câncer era um episódio que não estava previsto no roteiro da vida de Dilma Rousseff, nem da mulher nem da candidata. Ela precisava avaliar com Lula a nova situação. Se o mais prudente seria desistir da campanha, o Partido trocar de candidato, o correto era tomar a decisão logo, dando tempo a Lula para refazer sua estratégia. Sabe-se que a escolha de Lula foi pela candidata Dilma e o resultado foi sua vitória nas urnas.

## **1.2 – Formação acadêmica**

Dilma Rousseff iniciou cedo os estudos no tradicional Colégio Nossa Senhora de Sion. Coursou o ensino médio no Colégio Estadual Central que era o centro da efervescência estudantil da capital mineira. De lá saíram muitos políticos de esquerda.

Entrou para a Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, em 1967. Mas, perdeu os dois anos que já tinha cursado porque a UFMG jubiloou alunos que foram condenados por subversão, conforme o Decreto-lei 477 da ditadura militar. Após esse período, Dilma Rousseff fez novo vestibular da Faculdade de Economia da UFRGS, onde se formou em Economia.

Coursou um doutorado em Economia Monetária e Fiscal, sob a orientação do professor João Manuel Cardoso de Mello na Unicamp. O curso foi interrompido em 1999, pois ela assumiu uma função de governo na Secretaria de Energia do RGS, sem apresentar a tese final para obter o título de doutora.

## **1.3 – Experiência profissional**

Dilma, após sua prisão, fez estágio na FEE, a Fundação de Economia e Estatística do governo do Rio Grande do Sul, resultado dos bons contatos da família Araújo.

No Rio Grande do Sul, já uma considerável corrente da esquerda tinha se associado não ao nascente PT, mas à tradição trabalhista, fortemente arraigada na terra natal dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart. Dilma e Carlos Araújo participaram da fundação do Partido Democrático Trabalhista de Leonel Brizola, o herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas.

Pelo PDT, Dilma foi secretária de Fazenda da prefeitura de Porto Alegre, presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul e duas vezes secretária de Energia, Minas e Comunicação, do governo estadual do Rio Grande do Sul e, mais tarde, já pertencente ao Partido dos trabalhadores, tornou-se ministra de Minas e Energia e chefe da Casa Civil do governo Lula – foi ela a primeira mulher a assumir aquelas funções.

#### **1.4 – Experiência política no governo Lula**

Dilma tinha sido promovida para a Secretaria da Fazenda em Porto Alegre, a primeira mulher no país a comandar as finanças de uma capital. Quando entregou o cargo, no começo de 1988, a Dilma da articulação política e da formulação teórica era também a Dilma da gestão pública. Ela sabia falar a linguagem dos empresários; tratava de negócios, não de política, e soube fazer deles seus aliados em negociações posteriores, quando de seu trabalho no governo federal.

Dilma estava em uma viagem para a Alemanha, quando soube que seu nome fora cogitado para o Ministério de Minas e Energia. Ela parecia a pessoa certa para evitar um novo racionamento – além disso, Dilma já tinha apresentado ideias novas sobre levar energia para dois milhões de famílias no campo, um programa que seria, mais tarde, conhecido como Luz para Todos.

Lula apresentou sua ministra de Minas e Energia assim: “Havia quem pensasse que esse ministério era coisa de homem. Vamos provar que pode ser liderado por uma mulher”. Dilma Rousseff foi não só a primeira mulher a assumir o Ministério de Minas e energia como também depois a chefia da Casa Civil da Presidência da República.

Como ministra, foi falar pessoalmente com os donos de uma metalúrgica no Rio. Ela perguntou se eles seriam capazes de fabricar uma peça que o Brasil importava. Eles responderam que sim. Aquele e muitos outros componentes de navios e plataformas passaram a ser feitos no Brasil e vendidos para a maior empresa do país. Quando a P-51

foi inaugurada, em outubro de 2008, era a primeira plataforma semi-submersível totalmente construída no país, com mais de 75% de conteúdo nacional. O contrato gerou quatro mil empregos no estaleiro BrasFELS, de Angra dos Reis. A indústria naval se reerguia, no país, depois de 20 anos estacionada, em governos anteriores.

A troca do Ministro da Casa Civil, José Dirceu, por Dilma Rousseff fez uma grande diferença nas reuniões do Planalto: a nova ministra entendia, e entendia muito, de execução orçamentária. Exigia conhecer os números do governo e era dura nas cobranças ao chefe da Receita, Jorge Rachid, e ao secretário do Tesouro, Joaquim Levy. Este último já conhecia e temia a mão pesada da ministra, tanto que, em janeiro de 2004, quando ele foi ao MME com um projeto de marco regulador diferente do que ela estava preparando, Dilma não fez cerimônia: despachou-o de volta, sem contemplação.

Em 20 de fevereiro de 2010, quando o PT lançou oficialmente Dilma Rousseff candidata ao Palácio do Planalto, o presidente do partido era José Eduardo Dutra, que seria também o coordenador da campanha eleitoral, pois era muito afinado com a futura presidente. Na campanha presidencial de 2010, a jornalista Maria Olga Curado, uma goiana que trocou a carreira de sucesso na imprensa para treinar porta-vozes e líderes, seria a assessora que passaria mais tempo com a candidata Dilma Rousseff.

A relação de confiança estabelecida entre Lula e Dilma já vinha se estabelecendo desde a época da reeleição do Presidente, com a presença ativa de Dilma Rousseff na campanha. Fama de durona ela já tinha na Esplanada, uma fama que o próprio Lula fazia questão de cultivar e elogiar.

Quando Dilma deixou a Casa Civil para ser candidata, o PAC já produzia efeitos, depois de ter sido injetada pelo governo a quantia de mais de 400 bilhões de reais na economia. Para tocar o programa, Dilma “infernizou” a vida de assessores e colegas de ministério. Miriam Belchior e outros assessores estiveram a ponto de deixar a Casa Civil. Lula contava a amigos que ministros iam a seu gabinete queixar-se da forma como eram cobrados por Dilma. O presidente recomendava a ela que fosse mais suave, ao menos com os colegas, mas ele nunca a desautorizou. A fama de durona e irascível espalhou-se na Esplanada e chegou à imprensa que a disseminou. Quando repórteres perguntavam sobre o assunto, Dilma costumava se sair com esta: “Sou uma mulher dura, sim, cercada de homens meigos”.

Dilma tinha “um xodó” também, como ela própria dizia, pelos projetos de urbanização de favelas, e o Rio era sua maior vitrine. O PAC das Favelas estava

mudando a vida das pessoas e a paisagem em comunidades que eram território dominado pelo tráfico de drogas. “O problema das favelas e bairros pobres do país, na maior parte, é ausência de Estado”, Dilma dizia. “É uma população que sempre foi abandonada pelo poder público federal, estadual e municipal”.

Em um de seus discursos sobre o PAC das favelas, Lula chamou a atenção para aquela mulher de óculos, sempre atenta. Pediu que ela viesse para a frente do palco, onde podia ser vista pelos moradores, e falou: “Eu queria agradecer à nossa companheira Dilma Rousseff. A Dilma é uma espécie de *mãe do PAC*. Ela é a companheira que coordena o PAC. É ela que cuida, que acompanha, que vai cobrar (...) se as obras estão andando”. A imagem de mãe do PAC estava consolidada.

A nova Lei do Pré-sal era o que Dilma chamava de passaporte para o futuro. Na cerimônia de apresentação do projeto de lei, os fotógrafos captaram uma lágrima no rosto de Dilma enquanto Lula falava do seu “passaporte para o futuro”. No Jornal Nacional ela apareceu resumindo os objetivos do novo fundo social: “Afastar a pobreza do país, garantir casa, comida e saúde”. Dilma não era só a mãe do PAC, era também a mãe do Pré-sal.

Em novembro de 2009, quando da apresentação do programa nacional do PT, no horário nobre da televisão, reforçou-se mais a identificação. Dilma apresentava o programa ao lado de Lula e mostrava as obras do PAC, ao lado do Prouni e do Minha Casa, Minha Vida.

A associação entre os papéis de *mulher e mãe* na política costuma provocar restrições entre militantes feministas. Dilma nunca se constrangeu em ser chamada de mãe do PAC. “As pessoas sabem que mãe é quem cuida, e é isso que o povo espera de nós, seja no Chile ou aqui.”

A candidata nunca teve o dom de falar de improviso para as multidões, como Lula fazia, mas foi, aos poucos, aprendendo a apresentar suas ideias de forma mais objetiva. Ouviu o conselho, certa vez, em uma reunião para empresários, de um dos assessores: “Falta dizer o que você quer com isso tudo; falta dizer aonde você quer chegar”.

Dilma entendeu e acrescentou uma frase, que nem parecia adequada para uma plateia de empresários e investidores, mas dizia exatamente aonde ela queria chegar: “O combate à pobreza, retirar da pobreza os 16 milhões que, pelos últimos dados, integram a parcela do Brasil extremamente pobre, é algo muito importante para nós”. Esta passou



a ser a chave nos discursos da candidata. Seria também o *slogan* adotado por ela na presidência: “País rico é país sem pobreza”.

No dia 31 de outubro de 2010, passava pouco das 19h30 de domingo, quando o telefone celular vibrou nas mãos de Anderson Dorneles. Dilma votou pela manhã em Porto Alegre, chegou a Brasília no meio da tarde e repousava em seu quarto naquele momento. A TV Globo interrompeu o programa de Fausto Silva e cortou para William Bonner: nos próximos quatro anos e *pela primeira vez na História*, o Poder Executivo no Brasil será comandado por uma mulher. Dilma Rousseff está oficialmente eleita.

Dilma se emocionou pela primeira vez, no discurso de 24 minutos, ao falar do combate à miséria e dos programas que ela pretendia transformar na marca de seu governo, tantas vezes depois lembrados em seus discursos, como será visto na análise.

Dilma Rousseff foi eleita presidente da República com 55.752.529 votos, 12 milhões a mais que o adversário. Não era apenas a primeira mulher a conquistar a presidência da República, num país onde a presença feminina nas lutas sociais sempre foi marcante, no entanto, a representação política do sexo feminino nunca chegou a 10% das cadeiras do Congresso. Dilma era também a representante da geração, que viveu na época do combate à ditadura, a conquistar o poder em eleições livres, as primeiras que ela disputou nos 63 anos de vida que ia completar em 14 de dezembro, duas semanas antes de assumir o comando do país.

O objetivo da apresentação dessa biografia da Presidente, ainda que de forma bastante resumida, não tem função laudatória ou partidária, mas é necessária para mostrar que a construção do “*ethos*” pré-discursivo da personagem Dilma já estava delineado, de certa forma, tanto pela sua história de vida de militante e ex-presença política, como pela ampla propaganda do partido dos trabalhadores, pela sua aparição pública durante o governo de Lula e pelo seu apoio na campanha eleitoral à presidência. Teve ela o aval do presidente Lula que deixou o governo com uma das maiores taxas de aprovação e de popularidade.

A seguir, nos próximos capítulos, um resumo do embasamento teórico que fundamenta a pesquisa, com os princípios gerais da Teoria Semiolinguística e demais conceitos utilizados nas análises dos textos com ênfase nos conceitos de *ethos*, de polifonia e de metáfora.

## **2. FUNDAMENTOS: TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA DE CHARAUDEAU**

Nesta seção, serão apresentados alguns princípios básicos da Teoria Semiolingüística que são suporte para a análise do discurso da Presidente Dilma. Entre esses conceitos destacam-se: o de ato de linguagem como inter-enunciativo; o de “contrato” de comunicação; o de encenação discursiva e sua relação com os modos de organização do discurso; e, por fim, os procedimentos da construção enunciativa e da argumentativa com base na escolha lexical com finalidade retórico-persuasiva.

### **2.1.– O Contrato de Comunicação**

Charaudeau (2011), afirma que todo ato de linguagem compõe-se de dois circuitos de produção de saber: o circuito de fala configurada (espaço interno) e o circuito externo à fala configurada (espaço externo). O mundo falado por esses sujeitos tem uma dupla representação, de acordo com a esfera em que se encontra: quando esse mundo é considerado no circuito de fala, corresponderá a uma representação discursiva; quando ele for considerado no circuito externo, como testemunha do real, corresponderá a uma representação da situação de comunicação.

Esquema de representação dos dois circuitos do ato de linguagem

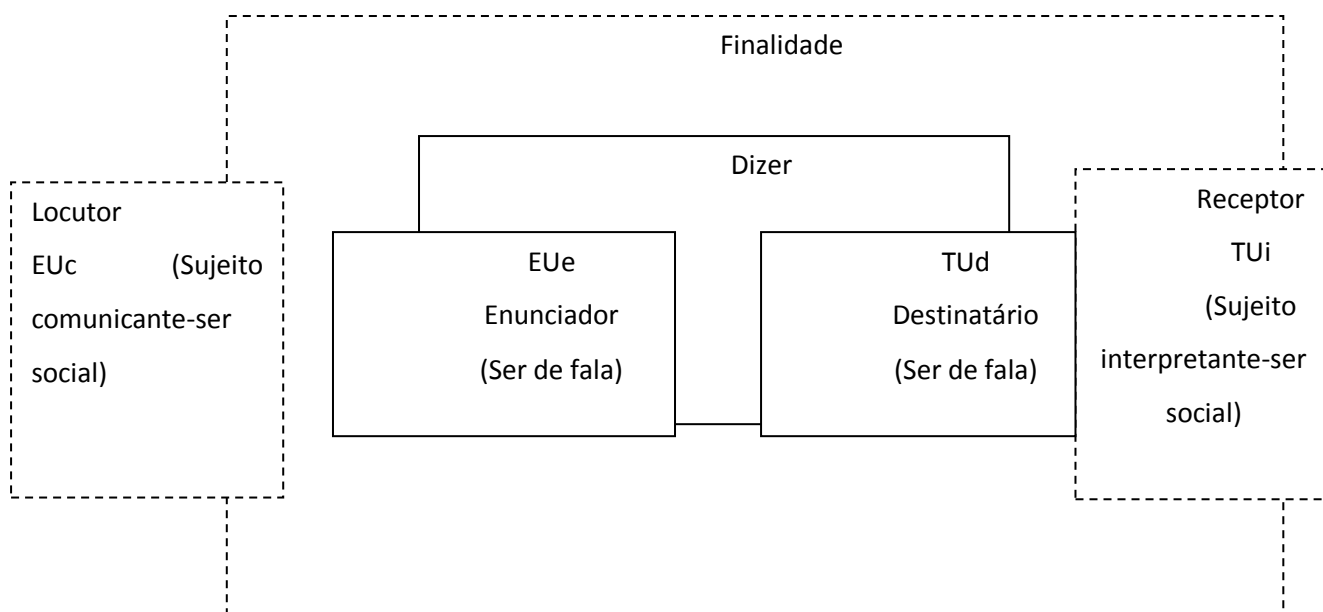


Figura 1: Situação de Comunicação

Todo ato de linguagem depende de um “Contrato de comunicação” que sobredetermina, em parte, os protagonistas da linguagem em sua dupla existência de sujeitos agentes e de sujeitos de fala, de discurso (fenômeno de legitimação). Esse contrato englobante e sobredeterminante orienta o julgamento dos outros contratos e as estratégias discursivas encenadas por esses sujeitos.

“A noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais.” (Charaudeau, 2011, p.56)

Consequentemente, um ato de linguagem pressupõe uma intencionalidade, a dos sujeitos falantes, que deve ser percebida pelos parceiros de uma troca. Em decorrência, esse ato depende da identidade dos parceiros, visa a uma influência e é portador de uma proposição sobre o mundo. Além disso, realiza-se num tempo e num espaço determinado, o que é comumente chamado de situação discursiva.

Para a Semiologia, portanto, analisar um texto (texto é um *ato de linguagem* em sua configuração linguageira) é um processo que não pretende dar conta apenas do ponto de vista do sujeito comunicante, nem se restringir ao ponto de vista do sujeito interpretante. O que se pretende é alcançar os possíveis interpretativos que

surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos o de produção e o de interpretação.

Deve-se lembrar que a proposta de Charaudeau (1992) parte de uma concepção de Análise do discurso de base comunicacional, que serve como instrumento não para se descobrir uma verdade, ou uma lógica, mas as formas pelas quais o discurso produz efeitos de verdade, de verossimilhança, aceitando-se que tudo é encenação discursiva.

A encenação discursiva (“*mise-en-scène*”) é o espaço de conflito e tensão no qual os circuitos (interno e externo) da linguagem dialogam e interagem em uma situação de comunicação. Nessa encenação entram os quatro sujeitos dos circuitos externo e interno de linguagem, que constroem o “mundo” por meio dos modos de organização do discurso (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo). Neste processo de encenação do discurso político de Rousseff sobressaem-se os modos enunciativo e argumentativo.

## **2.2 – Os Modos de Organização do Discurso**

### **2.2.1 – O Modo Enunciativo**

De acordo com Charaudeau (2011), o modo de organização enunciativo não deve ser confundido com a situação de comunicação. No enunciativo, o foco está voltado para os protagonistas, seres de fala, internos à linguagem, ou seja, o enunciativo é uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação. As três funções do modo enunciativo são: (i) estabelecer uma relação de influência entre locutor e interlocutor num comportamento alocutivo; (ii) revelar o ponto de vista do locutor, num comportamento elocutivo; (iii) retomar a fala de um terceiro, num comportamento delocutivo.

Os procedimentos da construção enunciativa são de duas ordens: linguística e discursiva. Correspondem à ordem linguística os procedimentos que explicitam os diferentes tipos de relações do ato enunciativo, através dos processos de modalização do enunciado. E correspondem à ordem discursiva os procedimentos que contribuem para pôr em cena os outros modos de organização do discurso (descritivo, narrativo, argumentativo).

É por isso que se pode dizer que o modo enunciativo comanda os demais. Com efeito, cada um desses modos propõe, ao mesmo tempo: uma organização do “mundo

referencial”, o que resulta em lógicas de construção desses mundos (lógica descritiva, narrativa, argumentativa); e uma organização de sua “encenação” que se concretiza com os dispositivos descritivos, narrativos e argumentativos.

A encenação argumentativa, que interessa sobremaneira a esta investigação, consiste em utilizar procedimentos que devem servir a seu propósito de comunicação, em função da situação e da maneira pela qual percebe seu interlocutor. Esses procedimentos têm por função essencial provar a validade de uma argumentação. Alguns desses procedimentos baseiam-se no valor dos argumentos (procedimentos semânticos), outros se apoiam em categorias linguísticas com o objetivo de produzir certos efeitos de discurso (procedimentos discursivos) e, por fim, outros organizam o conjunto da argumentação (procedimentos de composição).

Para que haja argumentação é necessário que existam três elementos: uma proposta polêmica sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém; um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento; e outro sujeito que se constitua no alvo da argumentação, o que deve ser persuadido. É o que será discutido de forma detalhada na seção a seguir.

### **2.2.2 – O Modo Argumentativo**

Segundo Charaudeau (2011), o modo argumentativo está em contato com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações do pensamento. O autor apresenta as noções de base, que são destinadas a fazer compreender como funciona a mecânica do discurso argumentativo; ou seja, não um tipo de texto, mas os componentes e procedimentos de um modo de organização discursivo cujas combinações podem ser vistas em funcionamento dentro de qualquer texto em particular. Vale ressaltar que a argumentação vista por esse ângulo não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos.

Segundo Charaudeau (2011), o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está implícito. Assim, a argumentação dirige-se à parte do interlocutor que raciocina (capacidade de refletir e compreender). O sujeito que argumenta passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento.

Para que haja argumentação, é necessário que haja:

- Uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém, quanto à sua legitimidade (da proposta).
- Um sujeito que se engaje em relação a esse questionamento e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade quanto a essa proposta.
- Um sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação. Trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

A argumentação define-se, portanto, numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo.

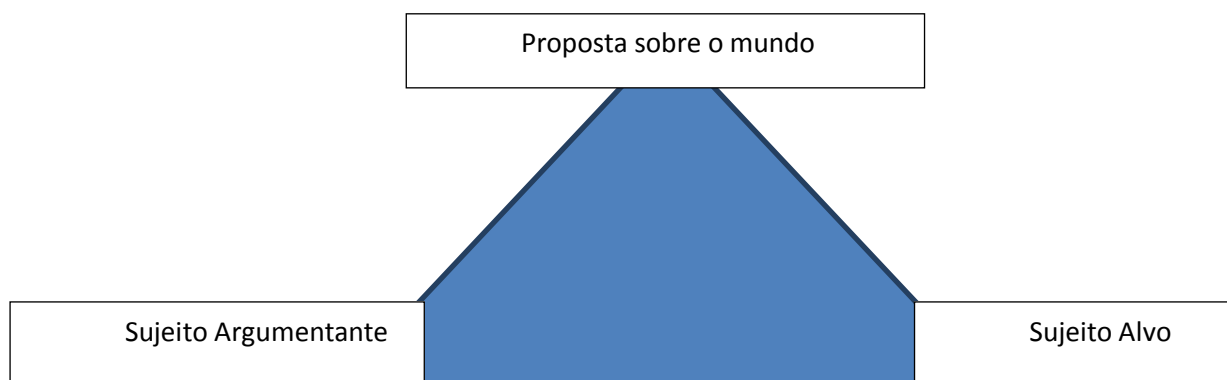


Figura 2: O modelo de argumentação

Charaudeau afirma que argumentar é uma atividade discursiva que, do ponto de vista do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca:

1. Uma busca de racionalidade que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo. Esses fenômenos são percebidos através de duas filtragens: uma, da experiência individual e social do indivíduo, que se inscreve necessariamente num quadro espacial e temporal determinado; e outra, de operações de pensamento que constroem um universo discursivo de explicação, o qual depende de “esquematizações” coletivas (cf. Grize).

2. Uma busca de influência que tende a um ideal de persuasão, o qual consiste em compartilhar com o outro (interlocutor ou destinatário) um universo de discurso até o ponto em que este último seja levado a ter as mesmas propostas (atingindo o objetivo de uma co-enunciação).

A posição do autor é a de que não se deve confundir os objetivos de “fazer compreender” e de “manipular o outro”, que correspondem a objetivos de comunicação, com os de “seduzir” e “persuadir” que resultam do emprego de certos meios discursivos.

Argumentar é uma atividade que inclui numerosos procedimentos, mas o que os distingue dos outros modos de discurso é precisamente o fato de que se inscrevem numa finalidade “racionalizante” e fazem o jogo do raciocínio que é marcado por uma lógica e um princípio de não contradição. Os procedimentos de outros modos (descritivo, narrativo) inscrevem-se numa finalidade descritiva e mimética das percepções do mundo e das ações humanas.

Desse modo, a argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva. O resultado, o texto, total ou parcialmente, poderá apresentar-se sob forma dialógica (argumentação interlocutiva), escrita ou oratória (argumentação monolocutiva), e é nesse quadro que poderão ser utilizadas as expressões “desenvolver uma boa argumentação”, “ter bons argumentos”, “bem argumentar”, etc.

O argumentativo, como modo de organização do discurso, constitui a mecânica que permite produzir argumentações sob essas diferentes formas. Esse modo tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva:

- A razão demonstrativa se baseia num mecanismo que busca estabelecer relações de causalidade diversas. Essas relações entre asserções se estabelecem através de procedimentos que constituem o que chamamos de organização da lógica argumentativa. Seus componentes estão ligados, ao mesmo tempo, ao sentido das asserções, aos tipos de relações que as unem e aos tipos de validação que as caracterizam.

- A razão persuasiva se baseia num mecanismo que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras. Esse mecanismo depende muito particularmente de procedimentos de encenação discursiva do sujeito argumentante, razão pela qual o chamamos – paralelamente aos outros modos de organização do discurso – de encenação argumentativa.

Toda relação argumentativa conta com três constituintes, pelo menos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado), e uma (ou várias) asserção de passagem que permite passar de uma a outra (inferência, prova, argumento).

A asserção de partida (A1) – como toda asserção-, constitui uma fala sobre o mundo que consiste em fazer existir seres, em atribuir-lhes propriedades, em descrevê-los em suas ações ou feitos. Essa asserção (A1), que é configurada sob a forma de um enunciado, representa um dado de partida destinado a fazer admitir outra asserção em relação à qual ela se justifica. Pode, portanto, ser chamada de dado ou premissa.

A asserção de chegada (A2) –asserção (A2)- representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida (A1) em decorrência da relação que une uma à outra. Essa relação é sempre uma relação de causalidade pelo fato de que a asserção de chegada (A2) pode representar a causa da premissa (A1 porque A2), ou consequência (A1, portanto A2). Essa asserção pode ser chamada de conclusão da relação argumentativa; ela representa a legitimidade da proposta.

A asserção de passagem – A passagem de A1 a A2 não se faz de modo arbitrário. Ela deve ser estabelecida por uma asserção que justifique a relação de causalidade que une A1 e A2. Essa asserção representa um universo de crença sobre a maneira como os fatos se determinam mutuamente na experiência ou no conhecimento de mundo. Esse universo de crença deve ser compartilhado pelos interlocutores implicados pela argumentação, de maneira a ser estabelecida a prova da validade da relação que une A1 e A2, o argumento que, do ponto de vista do sujeito argumentante, deveria incitar o interlocutor ou o destinatário a aceitar a proposta como verdadeira. Essa asserção frequentemente não dita, implícita, poderá ser chamada de prova, inferência ou argumento segundo o quadro de questionamento em que se inscreve.



Toda asserção pode ser argumentativa desde que se inscreva num dispositivo argumentativo. Charaudeau (2011) não só define esse dispositivo, como demonstra seu funcionamento e, uma vez definido o dispositivo, o autor constata que:

- Sua encenação pode ser feita através de configurações diversas que dependem do “contrato de fala” que liga os parceiros da comunicação.
- O sujeito, que se encontra no centro desse dispositivo, é instado a tomar posição com relação ao quadro e ao desenvolvimento da argumentação.
- Para justificar a posição tomada ao longo da argumentação, e para atingir da melhor maneira possível seu objetivo de persuasão, o sujeito que argumenta utilizará determinados procedimentos: semânticos, discursivos e de composição.

Asserção e encadeamento de asserções são combinados para constituir a parte do processo argumentativo que o autor chama de proposta. Porém, ele destaca que são necessárias mais duas condições para que tal processo se desenvolva:

- Que o sujeito que argumenta tome posição com relação à veracidade de uma proposta existente. Que esta proposta esteja relacionada ao que o autor chama de proposição.
- Que o sujeito diga por que está de acordo ou não, ou então, se quem propõe o questionamento é ele mesmo, que traga a prova da veracidade de sua proposta, que desenvolva o que o autor chama de ato de persuasão.

Isso o leva a definir o dispositivo argumentativo como sendo composto de três quadros: *proposta*, *proposição*, *persuasão*, que são suscetíveis de se superpor na configuração discursiva de uma argumentação.

A *proposta* se compõe de uma ou mais asserções que dizem alguma coisa sobre os fenômenos do mundo (o que advém e o que é), através de uma relação argumentativa. É somente quando se põe (explícita ou implicitamente) uma asserção em relação com uma outra que se configura uma proposta sobre o mundo. A proposta corresponde ao que, em algumas abordagens de argumentação, se chama de tese.

A *proposição* parte de um quadro de questionamento baseado na possibilidade de pôr em causa a proposta. Essa “colocação em causa” depende da posição que o sujeito adota quanto à veracidade da proposta, o que o levará a desenvolver a argumentação em tal ou qual direção. As posições do sujeito são as seguintes:

- Tomada de posição: o sujeito pode mostrar-se de acordo ou em desacordo com a proposta. Se o sujeito se mostra em desacordo, dir-se-á que é “contra” a proposta; ele a “põe em causa”. É necessário então que o sujeito declare falsa a proposta, o que o levará a desenvolver um ato de persuasão destinado a provar a falsidade, isto é, a refutar a proposta. Esse processo de refutação pode ser total (quando atinge a proposta toda) ou parcial (quando atinge um dos elementos, uma parte da proposta). Se o sujeito se mostra de acordo, dir-se-á que é “a favor” da proposta, que ele defende porque está sendo posta em causa, ameaçada em sua verdade. É necessário, então, que o sujeito declare a proposta como verdadeira, o que o levará a desenvolver um ato de persuasão destinado a provar a veracidade da proposta. Esse processo de justificativa pode ser total ou parcial.
- Não tomada de posição: neste caso, o sujeito não pode mostrar-se, a priori, de acordo nem em desacordo com a proposta; ele não pode ser, a priori, nem a favor nem contra. Ele coloca a proposta em questão, pois não pode engajar-se quanto à sua veracidade. Esse processo de questionamento é frequentemente apresentado no início de um texto cuja sequência desenvolve uma argumentação. Nessa atitude (real ou estratégica) de não tomada de posição, o sujeito que argumenta se dispõe a admitir sua ignorância (que pode ser provisória) e a desenvolver um ato de persuasão que traga as provas da verdade e da falsidade da proposta. Ele se dispõe a ponderar os prós e os contras. Esse processo de ponderação pode ser total ou parcial.

A *persuasão* coloca em evidência um quadro de raciocínio persuasivo que é destinado a desenvolver uma das opções do quadro de questionamento: refutação, justificativa, ponderação.

É nesse quadro que o sujeito desenvolve o que se pode chamar de “controvérsia”, recorrendo a diversos procedimentos – semânticos, discursivos e de composição – a fim de estabelecer a prova da posição adotada na proposição.

A existência de um dispositivo argumentativo não antecipa a forma particular que uma argumentação pode tomar num texto. A argumentação depende da situação de comunicação na qual se encontra o sujeito que argumenta, e é em função desta situação

de comunicação e do projeto de fala do sujeito que serão utilizados os componentes do dispositivo.

A encenação argumentativa consiste, para o sujeito que quer argumentar, em utilizar procedimentos que, com base nos diversos componentes do modo de organização argumentativo, devem servir a seu propósito de comunicação em função da situação e da maneira pela qual percebe seu interlocutor.

Esses procedimentos têm por função essencial validar uma argumentação, isto é, mostrar que o quadro de questionamento (proposição) é justificado. E para isso, é necessário produzir a prova, o argumento.

Os diversos procedimentos contribuem, portanto, cada um de maneira particular, para produzir aquilo que tende a provar a validade de uma argumentação. Alguns se baseiam no valor dos argumentos. São os procedimentos semânticos. Outros utilizam categorias linguísticas com o objetivo de produzir certos efeitos de discurso. São os procedimentos discursivos. Outros, enfim, organizam, quando a situação de comunicação o permite, o conjunto da argumentação. São os procedimentos de composição. Os procedimentos discursivos consistem em utilizar ocasionalmente ou sistematicamente certas categorias da língua para produzir certos efeitos de persuasão no âmbito de uma argumentação.

Nesta pesquisa especificamente são analisados os procedimentos discursivos da citação, por meio da polifonia, e os procedimentos da comparação, por meio do uso de metáforas conceituais.

### **2.2.3 – A argumentação em Análise do Discurso**

De acordo com o Dicionário de Análise do Discurso de Charaudeau e Maingueneau (2008), a argumentação está no centro de uma concepção antiga da retórica que, após um período de declínio de sua importância, foi restabelecida na segunda metade do século XX, a partir dos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970), Toulmin (1958), Hamblin (1970), assim como os de Grize (1997), Ducrot (1987) e Anscombre (1997) e Plantin (1990, 1996).

A retórica clássica (ARISTÓTELES, 2011) tratava da diversidade de pontos de vista fundamentados no verossímil. Por esse motivo encontrou oposição por parte da

dialética e da filosofia platônica que criticavam o fato de a retórica não utilizar apenas a verdade absoluta para estabelecer suas ideias.

Apesar de ter mantido sua influência, por séculos, durante toda a Idade Média e Renascimento, a retórica acabou por cair em descrédito no século XVIII e no final do século XIX. No século XX, entretanto, houve uma retomada dos estudos da retórica, sob a influência da obra clássica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1952).

Na tradição de estudos de retórica, o discurso foi caracterizado ora de maneira intradiscursiva ora extradiscursiva. Intradiscursivamente pelas diferentes formas estruturais apresentadas e extradiscursivamente pelo efeito perlocutório que apresenta a força da persuasão. Esse efeito foi priorizado por Perelman e Olbrechts-Tyteca para quem o objeto da teoria da argumentação é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou ampliar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento. Desse modo, o domínio da argumentação foi expandido para além dos grandes gêneros retóricos tradicionais, para coincidir com o do debate em todas as suas formas e gêneros textuais.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) contribuíram decisivamente para convergência entre retórica e argumentação. Não se pode isolar a argumentação da retórica, pois esse isolamento neutralizaria as manifestações ou manipulações éticas e patéticas, decorrentes da atuação das pessoas em interação, assim como das características espaço-temporais específicas da enunciação e da situação interativa em geral.

Uma das contribuições da teoria retórica argumentativa é que esta distingue, tradicionalmente, três tipos de argumentos ou provas: os argumentos éticos, patéticos e lógicos. Os argumentos éticos estão ligados à pessoa do locutor, a sua autoridade, a seu *ethos*; já os argumentos patéticos são os de ordem emocional, referem-se ao *pathos*. Ambos não são obrigatoriamente expressos por um enunciado. Os argumentos lógicos, por sua vez, são considerados como enunciados verossímeis que exprimem uma razão, ou seja, são argumentos proposicionais.

Além da distinção entre os tipos de argumento, Perelman e Tyteca (2005) introduziram também os conceitos de auditório particular ou interno e auditório universal que modificaram o foco da atenção sobre o argumentador para o interlocutor, ou seja, deslocou-se a atenção do agente retórico para a interação argumentativa e com maior atenção ao receptor. Pois, segundo os autores, é sempre em função de um

auditório que qualquer argumentação se desenvolve. De uma certa forma, o eixo da argumentação desloca-se da figura do argumentador (*ethos*) para a relação com o auditório (receptor).

Outra grande contribuição para o estudo da argumentação foi a teoria dos “*topoi*” argumentativos (princípios argumentativos), proposta por Ducrot e Anscombe (1989) e a noção de escala argumentativa (*continuum* de força argumentativa dos conectivos), desenvolvida por Ducrot (1973), que vem chamar a atenção para o valor dos “lugares” argumentativos, tratados por ele e Anscombe na sua teoria dos “*topoi*”.

Ducrot e Anscombe (1989) apontam, nessa teoria dos *topoi*, que a significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: o enunciado indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seu conteúdo informativo. Trata-se das possibilidades argumentativas, ou seja, da força argumentativa de um enunciado que pode ser explicada por um conjunto de conclusões que podem aparecer a partir de um enunciado.

Segundo os autores, o problema geral é que as possibilidades argumentativas não dependem somente dos enunciados tomados por seus argumentos e conclusões, mas também dos princípios que os colocam em relação. Desse modo, houve a necessidade de se abordar um novo conceito do termo argumento – ou seja, *são os elementos semânticos que constituem seu sentido* – ou, com base na teoria da polifonia: *são os pontos de vista de um enunciador postos em cena pelo enunciado*. Os autores apresentam, então, o conceito de valor argumentativo, segundo o qual – “o enunciado E contém um elemento semântico o qual possui um valor argumentativo”.

Ducrot e Anscombe mostram que essa proposição é verdadeira se o enunciado E satisfizer a três condições: (i) é um conteúdo no sentido de E; (ii) e é considerado como uma justificação para uma certa conclusão r; e (iii) para que e possua um valor argumentativo a orientação de e para r deve estar fundamentada em um princípio argumentativo (*topos*).

O *topos*, por sua vez, é apresentado com três propriedades: é universal, geral e gradual. Universal porque se supõe que os princípios que conduzem os argumentos a uma conclusão são partilhados pelos interlocutores. A generalidade decorre da universalidade, pois o princípio universal é considerado válido em situações análogas, o que contribui para que haja uma generalização desse princípio. Além da universalidade e da generalização, outra propriedade que merece destaque é a gradualidade.

Se um *topos*, aplicado a dois argumentos, leva a se ver um como mais forte que o outro, é inevitável que o *topos* seja gradual, já que ele coloca em correspondência gradações. A argumentação, vista como o relacionamento de dois enunciados em um discurso, funda-se sobre o gradual. Assim, o ato de argumentação implica um ponto de vista em termos de conjunto para os argumentos que podem ser suficientes ou não suficientes para a conclusão.

Ducrot (1986:22) define, então, o enunciador como a fonte de um ponto de vista, o qual permite evocar, a partir de um estado de coisas, um princípio argumentativo, ou “topos”, na esteira de Aristóteles (2008). É esse topos que permite tirar argumentos do estado de coisas e justificar esta ou aquela conclusão.

A base da teoria da argumentação de Anscombe e Ducrot pode ser resumida da seguinte forma: (há) um valor argumentativo situado em um nível semântico mais profundo do que o ato de argumentação e, posteriormente, este valor estará fundamentado na mobilização dos *topoi* graduais suscetíveis de receberem duas formas tópicas diversas, mas complementares; os famosos exemplos de Ducrot: “Está calor, vamos à praia; ou “Está calor, vamos ficar em casa” movimentam dois *topoi*: o calor torna o passeio agradável e o calor torna o passeio desagradável, conclusões de dois *topoi* diferentes.

A noção de *topos* está ligada diretamente ao princípio argumentativo do discurso político, objeto desta Tese, que será observada na análise posterior do “corpus”.

Retomando as premissas de Aristóteles, Perelman (2005) propõe três espécies de auditórios. O primeiro é constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos pelo conjunto de todos os homens adultos e normais o qual denominou de auditório universal; o segundo é formado no diálogo do enunciador com o interlocutor a quem se dirige, ou seja, um único ouvinte; e o terceiro é constituído por um enunciador e um auditório particular. A escolha dos auditórios e dos interlocutores, assim como a ordem na qual se apresentam as argumentações, exerce grande influência na vida pública e no discurso político, e o discurso de Dilma Rousseff visa a um auditório bem delineado.

Para a defesa de uma tese são apresentados e desenvolvidos argumentos de diferentes tipos. Muitos são falsos, mas podem nos atingir psicologicamente. Entre eles estão: a conclusão inatingente (tira-se uma conclusão indevida de um fato ou princípio); o *argumentum ad baculum* (fundamenta-se no princípio de que é a força que faz o direito); *argumentum ad hominem* (o julgamento dos fatos é desviado para as pessoas);

*argumentum ad ignorantiam* (essa falácia sustenta a idéia de que uma proposição é verdadeira porque até aquele momento não se demonstrou falsidade, ou é falsa porque até aquele momento não se demonstrou sua veracidade); *argumentum ad misericordiam* (quando se apela à piedade para que se aceite uma determinada conclusão); *argumentum ad populum* (ligado à demagogia e à manipulação); *argumentum ad verecundiam* (é o argumento de autoridade); argumento da causa falsa (argumento pragmático e o seu mau uso pelas pessoas supersticiosas – como as receitas de comadre, por exemplo); e argumento da *pergunta complexa* (esse tipo de argumento falso parte de uma pergunta que traz uma afirmação embutida dentro dela).

Outra forma de argumento são os *recursos de presença* que são procedimentos para ilustrar com exemplos a tese que queremos defender. Um argumento ilustrado por um recurso de presença tem efeito redobrado sobre o auditório, pois aumenta o seu poder de persuasão através da sedução. De acordo com Perelman, & Tyteca (2005) o objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento. Consequentemente, uma argumentação eficaz é aquela que consegue aumentar a intensidade de adesão, de forma que os ouvintes realizem a ação pretendida ou, pelo menos, crie neles uma predisposição para realizar a ação posteriormente.

Para conseguir essa ação é necessário excitar as paixões, emocionar seus ouvintes, de modo que se determine uma adesão suficientemente intensa, capaz de vencer ao mesmo tempo a inevitável inércia e as forças que atuam em um sentido diferente do desejado pelo orador. Esses tipos de procedimento são comuns no discurso de Dilma Rousseff, razão por que na análise serão levados em conta alguns desses citados procedimentos.

### **2.3 – O Ethos no Discurso Político**

Charaudeau (2007), no capítulo em que trata do “*Pathos* e Discurso Político”, afirma que, para persuadir um auditório, é necessário produzir nele sentimentos que o predispõem a partilhar o ponto de vista do orador. Para isso, são utilizadas, principalmente no discurso político, as categorias patêmicas que são os diferentes tópicos de *pathos* (tópico da dor, prazer, angústia, solidariedade...). Cada um desses

tópicos será definido em termos de cenário e de figura (tristeza/sofrimento – contentamento/ satisfação) marcando um lugar (adesão/distância) do telespectador.

O autor trata também da questão da influência apontando que esta recai sobre quatro princípios do *ato de comunicação*: alteridade (a consciência da existência de si depende da percepção da existência do outro e de seu olhar); influência (o outro constitui uma ameaça – pelo menos uma interrogação – neste caso, o sujeito falante deve tentar fazer com que o outro entre em seu universo de discurso); regulação (supondo que este outro tem, por si próprio, um projeto de influência, é preciso regular bem esse encontro *a priori*); e pertinência (é preciso tentar compreender o mundo e que, para fazê-lo, os dois parceiros do ato de linguagem recorrem a ambientes discursivos partilhados (essa ideia encontra eco na teoria do “dialogismo” bakhtiniano)).

O autor destaca duas questões importantes para a argumentação: como impor sua pessoa de sujeito falante ao outro e também como “tocar” o outro. A questão *Como impor sua pessoa de sujeito falante ao outro* responde à necessidade que o sujeito possui de fazer com que seja reconhecido como uma pessoa digna de ser ouvida (ou lida), seja porque a consideramos credível, seja porque podemos lhe atribuir confiança, seja porque ela representa um modelo carismático. Trata-se, aqui, de um processo de identificação que exige do sujeito falante a construção, por si próprio, de uma imagem que tenha um poder de atração sobre o auditório, de forma que este conceda ao locutor a sua adesão de maneira quase irracional. É a problemática do *ethos* discursivo que pressupõe uma imagem de sedução e persuasão do auditório, pelos efeitos patêmicos.

### **2.3.1 – A encenação política**

O sujeito enunciador político sempre busca recorrer a estratégias discursivas que tendem a provocar emoção e se aproximar dos sentimentos do interlocutor, de maneira a seduzir ou, ao contrário, até lhe incutir medo do adversário. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais. Estamos em plena problemática do *pathos*.

O enunciado do discurso político é um enunciado que, de um lado, circula no espaço público e, de outro, se inscreve em uma cena política. Não se pode ter o total controle de uma fala que circula no espaço público nem, tampouco, dos efeitos que ela produzirá no auditório. Supõe-se que será interpretada de diferentes maneiras.



A cena política caracteriza-se por um dispositivo que é posto a serviço de uma expectativa de poder. Esta última coloca em presença uma instância política e uma instância cidadã. A instância política está toda direcionada a um “agir sobre o outro” que deve ser acompanhado de uma “exigência de submissão do outro”, o que explica que essa tensão seja orientada em direção à produção de efeitos. A instância política é levada a exercer este poder em nome de: um direito do sujeito político delegado pelo povo; um *saber* e um *saber-fazer* através dos quais o sujeito político terá recurso a estratégias de construção de imagens de si mesmo e de valores comuns.

A relação entre *logos* e *pathos* no processo argumentativo não é uma proposta recente. Aristóteles (2011) já mencionava a relação entre a razão (*logos*), a emoção ou paixão do auditório (*pathos*) e o caráter ou costumes do orador (*ethos*) no discurso de argumentação. Posição reforçada por Michel Adam (2010) para quem a argumentação é constituída desses três pólos, mas em equilíbrio em um constante jogo de forças entre o *logos*, de um lado, o *ethos* e o *pathos*, de outro, ora prevalecendo a emoção, ora a razão.

Com base nessas mudanças ocorridas no tratamento dos estudos da argumentação, espera-se elencar, nesta pesquisa, os elementos linguísticos e discursivos capazes de comprovar o predomínio de elementos do *ethos* e do *pathos* sobre o *logos* nos discursos políticos de Dilma Rousseff. Entretanto, não se trata de se realizar uma análise dicotômica ou polarizada desses elementos. Pelo contrário, a hipótese que orienta essa pesquisa é a de que não há uma relação de oposição entre *logos*, *ethos* e *pathos*. Não há o que discordar quanto ao fato de que esses três componentes façam parte do dispositivo argumentativo. Porém, a relação entre eles pode apresentar outra configuração ou representação. Uma possibilidade seria a de que a ligação entre *logos* e *pathos* ocorre através do *ethos* e da força de sua imagem construída no discurso.

Para comprovar essas hipóteses serão utilizados os conceitos de *ethos* de credibilidade e *ethos* de identificação de Charaudeau (2011). A partir desses conceitos, a análise pretende mostrar que o *ethos* de credibilidade e suas subdivisões (*ethé*) estariam mais voltados para o *logos* e que o(s) *ethos* (*ethé*) de identificação estariam mais voltados para o *pathos*. A base principal da argumentação estaria, portanto, no *ethos* e não no *logos*, razão pela qual aquele e não este constitui o ponto central desta análise.

É importante salientar, mais uma vez, como já foi citado neste trabalho, que, de acordo com Charaudeau (2011) e Maingueneau (2008), o *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde seu discurso e não ao indivíduo real, apreendido

independentemente de sua atividade oratória. Por isso, é natural que possa haver uma diferença entre o ser social e a imagem construída desse ser através da linguagem. É válido ressaltar que não se trata de confrontar o sujeito real com a imagem construída no discurso; portanto, o objetivo principal deste estudo é identificar, descrever e explicar como as categorias enunciativas podem contribuir para a construção de uma imagem de identificação e credibilidade discursiva, com correspondência no real ou não.

Parte-se do fato de que todo ato de linguagem resulta na construção de uma imagem de si e essa imagem é semelhante a uma máscara que constitui nossa identidade em relação ao outro. O discurso político tem sido identificado como o lugar desse jogo de máscaras e como uma encenação. Como afirma Charaudeau (2011): “O político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para si um personagem, certa figura que vale como imagem de si, e que faz com que a construção do *ethos* tenha características próprias”. A atenção dada à construção do *ethos* do discurso político por Charaudeau justifica o aproveitamento e aplicação de sua teoria do *ethos* neste trabalho.

### **2.3.2 – O ethos de credibilidade**

Na análise do *ethos* no discurso político é preciso considerar que existem duas categorias primordiais do *ethos*: o de credibilidade e o de identificação. Este é necessário, pois não se aceitam as ideias de uma pessoa cuja imagem é rejeitada; aquele também, pois não se pode aceitar um político em quem não se possa confiar.

Vale ressaltar que a noção de credibilidade não deve ser confundida com a noção de legitimidade. A credibilidade é estabelecida através de uma identidade discursiva realizada pelo sujeito falante de modo que os ouvintes o julguem digno de crédito. A legitimidade está relacionada à identidade social do sujeito e ao poder dado pelas instituições. A identificação, por sua vez, é o resultado do afeto social no qual o cidadão, por meio de um processo de identificação, vê sua identidade refletida ou representada na imagem do político.

Charaudeau (2011) apresenta os seguintes *ethé* que garantem credibilidade, com os quais o político costuma construir uma imagem de si: o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente. O *ethos* de sério é construído com a ajuda de diversos índices: corporais e mímicos; comportamentais e verbais. Os índices corporais e mímicos são associados à

postura do corpo, aos gestos e às expressões da face. Os índices comportamentais referem-se ao poder de autocontrole diante de situações adversas e ao poder de presença física na vida social e política, principalmente em momentos de dificuldade, mostrando estar junto daqueles que sofrem. Os índices verbais referem-se às escolhas lexicais, ao tom de voz e à forma de elocução.

O *ethos* de sério faz parte da construção da imagem de Dilma Rousseff. A postura rígida e contida, sem gesticulações, a expressão facial séria com poucos momentos em que o sorriso aparece demonstram temperança. O tom de voz firme, porém calmo e pausado, demonstra segurança. O uso da norma culta da língua nos discursos demonstra a capacidade de comunicação, apropriada a uma pessoa de seu nível. Esse *ethos* de sério também é construído a partir de declarações que a presidente faz a respeito de si mesma e de suas ações, com temperança, e com base na sua capacidade de gestão.

É o que se observa nos seguintes exemplos que são trechos do primeiro discurso da presidente da república durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional realizado em Brasília em 1º de janeiro de 2011:

- (1) Para assumi-la, **tenho comigo a força e o exemplo** da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha da sua imensa energia.
- (2) **Venho**, antes de tudo, **para dar continuidade** ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes.
- (3) **Não vou descansar** enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver crianças pobres abandonadas à própria sorte. O conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. É este o sonho que vou perseguir!
- (4) Para isso, **vou acompanhar pessoalmente** o desenvolvimento desse setor tão essencial para o povo brasileiro.
- (5) **Vou usar**, sim, **a força do governo federal para acompanhar a qualidade do serviço prestado e o respeito ao usuário.**
- (6) **Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com estados e municípios.**
- (7) **Serei rígida na defesa do interesse público.** Não haverá compromisso com o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos

de controle e investigação terão todo o meu respaldo para atuarem com firmeza e autonomia.

- (8) Chegamos ao final deste longo discurso. Queria dizer a vocês que **eu dediquei toda a minha vida à causa do Brasil**. Entreguei, como muitos aqui presentes, minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. **Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco não tenho ressentimento ou rancor.**

Nos exemplos (1), (2), (5) e (7) a presidente constrói para si uma imagem de pessoa forte e incansável, mostrando-se capaz de usar essa força de forma adequada. Além da força, apresenta uma rigidez que utilizará em defesa do povo. Em (1) diz que tem a força e o exemplo da mulher brasileira. Isso significa uma força além da física, pois a mulher na sociedade brasileira é caracterizada por apresentar forte resistência às dores como à dor do parto por exemplo. Outras características próprias da imagem feminina são a coragem, a flexibilidade, a capacidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo, além da capacidade de organizar e gerenciar a sua vida e a vida dos seus familiares. No exemplo (2) é estabelecido um compromisso de não abandonar o que já foi realizado no governo anterior e continuar a fazer o melhor para o país. Isso cria um efeito de responsabilidade associado à própria imagem. Os exemplos (5) e (7) reforçam a imagem de responsabilidade associada à força e a rigidez na luta pelos interesses do povo e do país.

Em (3), mais especificamente, mostra que não se cansará de lutar pelas famílias pobres. Nesse exemplo, além da força e da resistência, constrói-se a imagem de alguém que estará presente nos momentos de dificuldade da população. E, não só estará presente, mas também agirá para solucionar os problemas que se apresentarem. Os exemplos (4) e (6) reforçam a ideia de presença. Em (4) a presença pessoal e em (6) a presença da presidente representada através da figura do governo em todas as suas instâncias. E, finalmente, em (8) a imagem da experiência está associada a uma capacidade de superação garantida pela força e equilíbrio emocional. Todos esses exemplos contribuem para a construção da seriedade, pois constroem sua imagem como a de uma pessoa forte, responsável, rígida e equilibrada.

Além do *ethos* de sério, outro *ethos* semelhante que contribui para a construção da credibilidade é o *ethos* de virtude. Esse *ethos* determina que o político precisa ser o

exemplo, pois representa o povo através de sua própria imagem, desse modo, ele precisa de uma imagem capaz de demonstrar sinceridade, fidelidade e honestidade. Essas imagens são construídas através do tempo e são evidenciadas em entrevistas, debates, em declarações de candidatura às eleições, às vezes, são os colaboradores de um político que o descrevem com essas qualidades, para garantir maior credibilidade. O trecho (9) pertence ao discurso durante a cerimônia de diplomação em 17 de dezembro de 2010. Os trechos (10) e (11) fazem parte do seu pronunciamento no Parlatório do Palácio do Planalto em 1º de janeiro de 2011.

(9) **Cuidarei da estabilidade econômica e do investimento**, tão necessários ao crescimento e ao emprego. **Defenderei sempre a liberdade de manifestação de imprensa e de culto**. Mas reafirmo que nenhuma estratégia política ou econômica é efetiva se não se refletir diretamente, concretamente na vida de cada trabalhador, de cada trabalhadora, de cada empresário, de cada família e de todas as regiões deste imenso e generoso nosso país.

(10) A tarefa de suceder o presidente Lula é desafiadora. Eu **saberei honrar este legado e saberei consolidar e avançar nesta obra de transformação do Brasil**. A vontade de mudança do nosso povo levou um operário à Presidência do Brasil. Seu esforço, sua dedicação e seu nome já estão gravados no coração do povo, o lugar mais sagrado da nossa nação.

(11) Eu quero, neste momento, dizer a vocês que **eu darei todo o meu empenho**, toda a minha dedicação **para fazer com que as transformações que nós começamos nesses últimos oito anos continuem, prossigam e se expandam** porque o povo brasileiro e o nosso país têm condições, hoje, de se transformar no maior e no melhor país para se viver.

No exemplo (9) a imagem de virtude é construída pela própria experiência profissional e de vida da presidente. Quando ela diz que cuidará da estabilidade econômica e do investimento, esse enunciado é tomado como verdade, pois durante toda a sua história a área da economia esteve presente desde a formação acadêmica até a experiência no governo do presidente Lula, passando por quase todas as experiências profissionais. Do mesmo modo, no enunciado “defenderei sempre a liberdade de

imprensa e de culto” percebe-se a sinceridade em decorrência de tudo que a presidente passou durante a ditadura tendo sua liberdade de expressão cerceada.

Nos exemplos (10) e (11) as imagens de honra, respeito, empenho e garantia de continuidade ao trabalho realizado até então mostram uma satisfação dada ao cidadão a respeito de suas possíveis expectativas em relação ao novo governo. Essas imagens contribuem para a construção de uma imagem virtuosa de fidelidade, coragem e total transparência. Pois mostram a imagem da presidente como uma pessoa sincera o que faz pressupor que está dizendo a verdade; como alguém capaz de cumprir o que promete; e como alguém que apresenta as condições reais de fazer o que diz.

Outro *ethos* importante na construção da credibilidade é o *ethos* de competência o qual exige o saber e a habilidade de seu possuidor. Por esse motivo, o político deve ter conhecimento e experiência necessários para realizar suas atividades, seus planejamentos e seus objetivos, com resultados positivos.

**(12) Venho para consolidar a obra transformadora do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, venho para consolidar a obra transformadora do Presidente Lula, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, ao seu lado, nestes últimos anos.**

Nesse trecho (12) a presidente evidencia sua experiência política, mostrando que não é uma iniciante em assuntos de política. Muito pelo contrário, é experiente e instruída para exercer o papel que lhe cabe.

Ao assumir a presidência da república, a imagem que Dilma mostra ao país é a de uma mulher competente, com conhecimento e experiência. Esse pioneirismo não se deu por acaso, pois o momento histórico retrata muitas mudanças ocorridas em relação às funções da mulher na sociedade. Entre essas mudanças está o interesse em buscar conhecimento especializado – ela é economista, o reconhecimento da sociedade e a inserção da mulher no mercado de trabalho, requisitos que ela, como integrante do governo Lula, bem avaliado, cumpriu a contento.

Os *ethé* que englobam os de sério, de virtude e de competência são responsáveis por garantir a construção do *ethos* de credibilidade.

Outro fator relevante para garantir a credibilidade é a utilização de argumentos pragmáticos de superação. De acordo com Perelman & Tyteca (2005) “os argumentos

de superação insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescente contínuo de valor”.

O *ethos* de credibilidade, na maioria dos exemplos, foi construído a partir de argumentos baseados na estrutura do real. Esse tipo de argumento estabelece uma solidariedade entre juízos admitidos (o que se sabe) e outros que se procura promover (o que se quer evidenciar). Por se tratar do uso de elementos que podem ser, na maioria das vezes, comprovados como verdadeiros ou reais, tendem a estar ligados ao pólo da razão. Todavia, cabe ressaltar que o sentido de verdade, nesses casos, é relativo, pois o que realmente importa não é a verdade absoluta e sim a verossimilhança. O importante é o que se acredita ser verdadeiro. Neste quesito, a imagem transmitida por Dilma busca cumprir a encenação do verossímil.

### 2.3.3 – O *ethos* de identificação

Além do *ethos* de credibilidade, há outra categoria igualmente importante para a análise do *ethos* no discurso político que é o *ethos* de identificação no qual o auditório percebe a sua própria identidade representada pela imagem do político. Essa imagem de identidade acarreta um determinado tipo de afeto social carregado de valores emocionais. Em decorrência disso pode-se observar que o *ethos* de identificação é responsável por estabelecer um elo entre o *ethos* e o *pathos*.

Charaudeau (2011) apresenta os seguintes *ethé* de identificação com os quais o político costuma construir uma imagem de si: o *ethos* de potência, de caráter, de humanidade, de chefe e de solidariedade. O *ethos* de potência tem sido relacionado a uma imagem sexista de virilidade sexual e não será analisado no *corpus*, pois esse tipo de imagem é construída com base em posturas extremamente machistas e, em decorrência disso, torna-se irrelevante na análise do discurso político de uma mulher.

Já o *ethos* de caráter pode aparecer por meio de diversas figuras. Entretanto, as mais frequentes no discurso da presidente Dilma são a do controle de si, da coragem, da firmeza e da moderação. Esse *ethos* pode ser percebido no trecho a seguir que faz parte do discurso de Dilma Rousseff durante assinatura do termo de compromisso do Plano Brasil sem Miséria proferido em 16 de dezembro de 2011 no Palácio do Planalto.

**(13) Quando eu fiz, no dia 1º de janeiro, o meu discurso de posse, eu assumi um compromisso que eu considero muito importante lembrar: que a luta mais**

**obstinada do meu governo seria pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.**

**(14) O Bolsa Família é um dos principais instrumentos desse compromisso, da superação da miséria, da superação da extrema pobreza. E o Bolsa Família, dentro do Plano Brasil sem Miséria, ganhou uma outra dimensão.** O Plano Brasil sem Miséria articula vários eixos e torna o combate à extrema pobreza uma ação sincronizada entre vários órgãos do governo. E isso é coordenado pela ministra Tereza Campelo, a quem eu cumprimento, hoje, pelo trabalho difícil de ser realizado, **porque não se trata mais apenas de um Plano, mas são vários planos articulados, portanto com grande complexidade - é o trabalho do Brasil sem Miséria.**

Os trechos destacados mostram a perseverança de alguém que não abandona seus compromissos apesar das dificuldades; a vontade de vencer os desafios; e a confiança em si de que fará algo grandioso no futuro. Esse tipo de *ethos* demonstra um caráter equilibrado de quem não se deixa desanimar por pequenos obstáculos. O político que demonstra esse tipo de atitude constrói para si uma imagem de alguém que pensa antes de agir e que toma suas decisões após ter ponderado os prós e os contras de uma situação. Essa coragem faz com que o cidadão creia que o político saberá enfrentar a adversidade sem desanimar e sem abandonar os seus objetivos. O passado de “lutadora”, que não desistia de seus ideais ajudam a reafirmar esse *ethos* de coragem e de caráter.

O *ethos* de humanidade é construído geralmente pela expressão de sentimentos de compaixão para com aqueles que sofrem. No discurso de Dilma Rousseff no qual foi anunciada a liberação de unidades habitacionais para os desabrigados da região serrana do estado do Rio de Janeiro em 27 de janeiro de 2011 pode-se verificar a construção desse tipo de *ethos*.

**(15) Então, para esse momento de emergência nós acrescentamos, então, seis mil casas, moradias, que assumam a forma ou de casa, ou de apartamento, para que essa população que perdeu o seu lar, que perdeu o seu lugar de morar tenha acesso, o mais rápido possível, a um novo lar. Com isso, o que nós pretendemos é justamente diminuir a dor dessas famílias. A gente sabe que a dor, ela é insuperável, as perdas**



**não têm preço, nem podem ser superadas só com uma casa. Mas eu acho que é uma iniciativa que vem no sentido de melhorar essa situação.**

(16) E aí, eu queria aproveitar a oportunidade para fazer aqui um reconhecimento público que eu acho que é de todos – e o governador Sérgio, aí, tem toda a razão – que é de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se envolveram nessa questão, na questão do atendimento a todas as vítimas dessa calamidade, que é um cumprimento, uma homenagem ao vice-governador Pezão, **que quem esteve na região e quem esteve em contato com a região, como nós estivemos**, nós sabemos que foi, diuturna e noturnamente, que a nossa referência era o vice-governador Pezão, era ele que a gente tinha como ponto de referência do governo do Rio de Janeiro para que as providências pudessem ser tomadas. Então, eu saúdo o governador Sérgio e saúdo o vice-governador Pezão, porque eu acho que nós tivemos, aqui, um caso de que... de uma gestão diante da catástrofe, é uma gestão bastante eficiente.

A imagem de humanidade está apresentada na presença e na assistência dos políticos em relação às vítimas das enchentes e desabamentos ocorridos no estado do Rio de Janeiro. O fato de estar presente no local das catástrofes e em contato direto com a população contribui para a construção da imagem de alguém que se importa com o problema do outro e está disposto a ajudar. A liberação das casas mostra que algo será feito em favor de quem precisa. Assim, a imagem de humanidade está também associada à figura de um salvador, pois é o resultado de uma expressão de sentimentos de compaixão atrelados a uma ação política que visa à mudança da situação deplorável em que se encontram os desabrigados.

Acrescente-se ainda o *ethos* de chefe que, do mesmo modo que o *ethos* de humanidade, está diretamente relacionado ao dia-a-dia do cidadão. Este, por sua vez, é o responsável pela posição que o político ocupa e, por esse motivo, ele deve prestar conta de seus atos ao cidadão que o elegeu.

Charaudeau (2011) apresenta algumas figuras pelas quais esse *ethos* é representado: de guia, de soberano e de comandante. A figura de guia pode ser representada através de outras figuras apresentando, assim, as seguintes variantes principais: o guia-pastor e o guia-profeta. O guia-pastor é um agregador, aquele que é capaz de reunir, acompanhar e cuidar do povo, assim como o pastor cuida das ovelhas. Semelhantemente, o guia-profeta também é um agregador, a diferença reside no fato de

que este é o responsável entre fazer uma ligação entre passado e futuro para com seus atos e declarações conduzir o destino dos homens. Outra diferença entre essas figuras é o tempo de ação, o guia-pastor está preocupado com o presente, já o guia-profeta está voltado para o futuro. Acrescenta-se ainda que o pastor é um ser de calma, de silêncio, o profeta, ao contrário, é sempre comprometido com a palavra.

No discurso de Dilma Rousseff o *ethos* de chefe é construído pela mistura entre as figuras do guia-pastor e do guia-profeta. Ela possui também o de “mãe” do PAC e de todos os brasileiros.

(17) Esse é um quadro que nenhum de nós aqui – **tanto nós, do governo, como todos aqueles que integram governos estaduais ou municipais, mas também os senhores professores, as senhoras professoras, integrantes da sociedade civil** – pode se tornar indiferente a ele. O meu governo vai dar um combate sistemático à questão do crack. **Eu tenho um compromisso com o povo do meu país**, de levar uma luta sem quartel ao crack, principalmente porque, devido a características da nossa juventude, nós sabemos que essa é uma droga que tem uma capacidade de propagação muito elevada.

(18) **Esse Programa, ele faz parte de um compromisso que eu assumi, não só na minha campanha, mas é um compromisso que eu assumi quando eu me deparei com os votos que vocês me deram, e eu assumi a responsabilidade, diante de todo o povo brasileiro de ser a primeira Presidente do Brasil. E esse meu compromisso é com a qualidade da saúde do meu país. Eu acredito que nós temos de fazer, nesses quatro anos do meu mandato, um enorme esforço para não só garantir que a gente continue ampliando o acesso à saúde, mas para que a gente transforme o Sistema Único de Saúde em um sistema de alta qualidade; um sistema que assuma responsabilidade perante cada brasileiro e cada brasileira de levar a saúde que nós queremos para nós e para as nossas famílias para cada um dos brasileiros. É um desafio, e nós estamos aqui para enfrentar desafios.**

No exemplo (17) observa-se o uso do pronome pessoal nós que é por natureza agregador. Graças ao seu caráter plural, aliado aos sintagmas governos e suas três esferas, professores e toda sociedade civil consegue-se um efeito de totalidade. Assim, todos estão incluídos na luta contra o craque. Essa imagem de coletivo é que constitui o

*ethos* de guia-pastor. A seguir reafirma o compromisso que tem com o país, ou seja, é uma espécie de satisfação dada ao povo que a elegeu. Além disso, a maioria dos projetos é para um tempo futuro. A imagem é formada pela expressão da garantia de algo que ainda não aconteceu. Esse *ethos* é característico do guia-profeta.

O *ethos* de solidariedade cria uma imagem de alguém que não só está atento às necessidades dos outros, mas que também compartilha dessas necessidades e, por isso, se torna responsável por elas. Assim, expressa-se a respeito o teórico:

“A solidariedade caracteriza-se pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros do grupo e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se encontrarem ameaçados. Aquele que é solidário não está em uma posição diferente da dos outros; ele partilha as mesmas ideias e os mesmos pontos de vista de seu grupo e vai ao encontro das ideias e dos pontos de vista dos outros grupos.” (Charaudeau, 2011)

Segundo o autor, a ideia de solidariedade não deve ser confundida com a de compaixão. A solidariedade pressupõe um sentimento igualitário e recíproco, já a compaixão pressupõe um sentimento assimétrico entre um indivíduo que sofre e outro que, apesar de não sofrer, está emocionado pelo sofrimento alheio. No domínio político, a figura da solidariedade pode ser construída através de uma relação de reciprocidade entre os atos e as declarações. No discurso de Dilma Rousseff observa-se a construção do *ethos* de solidariedade nos exemplos a seguir:

(19) Essa sombra chamada Holocausto, ela inaugurou uma das mais lamentáveis violências do homem contra o homem na história da Humanidade. E uma violência especial, porque era uma violência que pela primeira vez combinava o uso da força, o emprego da dor e, ao mesmo tempo, a desumanização do considerado adversário ou daquele que era objeto de extermínio.

O Holocausto não é, nem nunca será, só um momento histórico dos anos da Segunda Guerra Mundial. O Holocausto abre no mundo uma determinada prática de trato do opositor político, que consiste em calá-lo, mas não apenas silenciá-lo ou derrotá-lo em uma guerra aberta. Trata-se de silenciá-lo através da sua redução à subumanidade através da tortura, da dor e da morte lenta que se praticava nos campos de concentração, que inauguram as prisões modernas das sociedades humanas do final

do século XX e ainda neste início de século XXI. Porque nós temos de entender que, a partir dali, inaugurou uma época de violência industrializada, a tortura científica. **As experiências que saíram daquele momento foram empregadas como técnicas em todas as guerras de extermínio de populações ou em todas as lutas decorrentes das ditaduras.**

A memória é uma arma humana para impedir a repetição da barbárie, é isso que é a memória. Por isso, hoje e sempre, aqui e em todos os lugares, é nosso dever lembrar que o Holocausto é holocausto, é crime contra os direitos humanos e crime contra a Humanidade. Inaugura um momento deplorável da história humana e faz com que nós todos tenhamos de, sistematicamente neste dia, fazer esse exercício, que é o exercício da memória. Lembrar *Auschwitz-Birkenau*, que era um aglomerado de campos de concentração localizado no sul da Polônia, **é lembrar todas as vítimas de todas as guerras injustas, de todas as ditaduras, que pelo mundo afora exterminaram, torturaram e tentaram calar milhões de seres humanos.**

...

**Nós temos de lembrar sempre, para impedir que aqueles que não são objetos da barbárie se silenciem e pratiquem a grande arma humana diante desses momentos, que é a solidariedade e a coragem de se manifestar contra essas práticas e contra essas experiências com a vida humana.**

**(20) Nós, quando saímos da ditadura, em 1988, consagramos a liberdade de imprensa e rompemos com aquele passado que vedava manifestações e que tornou a censura o pilar de uma atividade que afetou profundamente a imprensa brasileira.**

Nos trechos destacados percebe-se que, no discurso apresentado em homenagem às vítimas do Holocausto realizado em 27 de janeiro de 2011 em Porto Alegre e no discurso durante a comemoração dos 90 anos da Folha de São Paulo em 21 de fevereiro de 2011 na cidade de São Paulo, a imagem de solidariedade é estabelecida por meio de uma identificação entre a história de vida da presidente que foi vítima de tortura no período da ditadura militar com a história de tortura das vítimas do Holocausto. Em

Porto Alegre existem muitas comunidades de descendentes de judeus. Desse modo, constrói-se um *ethos* de solidariedade pela identificação não só com esse grupo, mas também com todos os que, de alguma forma, foram vítimas da ditadura e também com todos aqueles que sofreram algum tipo de violência ou tortura.

Em consequência dessa identificação, todos estão ligados pelos mesmos valores e ideias para combater esse tipo de violência. Por isso, segundo ela, é importante lembrar o que aconteceu para impedir que isso torne a acontecer. É o compromisso que a presidente Dilma toma para si, o de alguém que também já viveu a experiência e vai lutar incansavelmente para combater esse mal com conhecimento de causa.

Os *ethé* de potência, de caráter, de humanidade, de chefe e de solidariedade são responsáveis por garantir a formação dos *ethé* de identificação. Como se vê, os procedimentos discursivos que contribuem para a construção do *ethos* da personagem são numerosos e diversos.

Além da construção do *ethos* de identificação, outros procedimentos linguísticos e discursivos são responsáveis por acionar o *pathos*, ou a emoção, sedução do auditório, acarretando uma maior eficácia na argumentação devido ao seu poder de persuadir. Um desses procedimentos é a constante presença de casos de *polifonia* de vozes, no discurso político de Dilma Rousseff, recurso que será apresentado a seguir.

### 3. A POLIFONIA

Neste capítulo serão apresentados os conceitos que contribuem para a investigação do uso da *polifonia* como um recurso argumentativo nos discursos de Dilma Rousseff.

#### 3.1 As vozes no discurso

O discurso político apresenta-se aparentemente monofônico, pois é normalmente pronunciado por uma única pessoa. Entretanto, pode-se considerar essa aparente monofonia como um grande equívoco. O círculo de Bakhtin (1995) já indicava em suas reflexões sobre dialogismo que todo dizer é uma articulação de múltiplas vozes sociais, e o discurso político, por sua natureza, apresenta-se como extremamente polifônico. Vale ressaltar que o termo polifonia refere-se ao universo em que todas as vozes são equipolentes, ou seja, uma não é superior a outra. Elas dialogam e interagem contribuindo para a construção dos sentidos do texto.

No discurso da presidente Dilma, portanto, pode-se observar a presença de várias vozes que se manifestam de maneira explícita ou implícita. Tal processo comum no discurso político é o que Maingueneau (2008) menciona como heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Como o nome já diz, a heterogeneidade mostrada é facilmente identificável, a constitutiva, porém, requer um esforço maior, pois não há uma distinção entre as outras vozes apresentadas no discurso e a voz do enunciador. Independentemente da forma como são apresentadas essas vozes contribuem para a construção de vários *ethé* que reforçam os argumentos utilizados pela presidente, proporcionando, assim, uma argumentação mais eficiente e eficaz.

#### 3.2 – A polifonia e o discurso relatado

No Dicionário de análise do discurso (Charaudeau & Maingueneau, 2008) se reconhecem na tradição algumas visões divergentes a respeito da presença de vozes no discurso. Assim, o discurso citado ou discurso representado, que trata das falas atribuídas a instâncias diferentes da do locutor, apresenta uma problemática que ultrapassa a tradicional tripartição entre discurso direto, indireto e indireto livre, incluindo-se também outros fenômenos como o uso de aspas, itálico ou a modalização resultante da remissão a outro discurso e as várias formas de alusão a discursos

proferidos. Conseqüentemente, o discurso citado também estaria relacionado aos complexos fenômenos de polifonia e heterogeneidade.

Authier-Revuz (1992) estrutura o discurso citado em torno de três oposições principais que serão explicadas adiante.

- Entre “discurso citado” em sentido estrito e “modalização em discurso segundo”
- Entre signo “padrão” (tomado como “uso”) e signo “autônomo” (tomado como “menção”)
- Entre as representações explícitas da citação e as que supõem um trabalho interpretativo

Para a autora, a autonímia manifesta a propriedade que a linguagem tem de falar dela mesma. O Discurso direto é aquele que cita faz menção às próprias palavras empregadas pelo enunciador citado. O Discurso indireto é aquele que cita faz uso de suas próprias palavras para citar outrem, ele reformula seus propósitos.

As contribuições de Ducrot (1987) para a abordagem polifônica é relevante pelo fato de apresentar duas formas de argumentação por autoridade denominadas autoridade polifônica e arrojado por autoridade. Mas, antes de esclarecer esses conceitos é preciso entender outros conceitos utilizados pelo autor, como a sua consideração sobre os sujeitos da enunciação.

Quanto aos sujeitos da enunciação, Ducrot denomina locutor de um enunciado ao autor que ele atribui à sua enunciação. Chama enunciadorez às personagens que são apresentadas pelo enunciado como autores destes atos. Todo o paradoxo – que denomina conforme a expressão de Bakhtin, polifonia – prende-se ao fato de que os enunciadorez não se confundem automaticamente com o locutor. A enunciação do locutor é, pois, parcialmente atribuída a uma personagem diferente dele, e que é somente um enunciador. Charaudeau também aborda a questão quando se refere aos desdobramentos possíveis para os sujeitos no esquema de representação do ato de linguagem.

A autoridade polifônica comporta duas etapas em seu mecanismo geral. Na primeira etapa, o locutor mostra um enunciador (que pode ser ele mesmo ou outra pessoa) asseverando uma proposição. Ou seja, ele introduz em seu discurso uma voz que não é necessariamente a sua, mas é responsável pela asserção.

Na segunda etapa, o locutor fundamenta esta primeira asserção sobre uma segunda asserção, relativa a uma proposição, o que significa duas coisas: primeiro, que o locutor se identifica com o sujeito que afirma essa outra proposição; e, segundo, que ele o faz fundamentando-se em uma relação entre as duas proposições, no fato de que a admissão de uma torna necessária ou legítima a admissão da outra.

O arrazoado por autoridade também comporta duas etapas no seu mecanismo geral. Na primeira, o locutor mostra um enunciador declarando que uma personagem enuncia uma proposição. Na segunda, o locutor diz a proposição. O fundamento do arrazoado é, assim, uma espécie de implicação entre a proposição segundo a qual a personagem assevera a proposição e a própria proposição. Em outras palavras, a premissa de um arrazoado por autoridade, em um discurso seguido, deve ser a asserção de uma asserção, e não o simples fato de mostrar uma asserção.

É importante salientar que duas formas de argumentação por autoridade podem combinar-se, mas há semelhanças e diferenças entre elas. O arrazoado por autoridade constitui um tipo de demonstração entre outros, e deve ser catalogado ao lado do raciocínio por recorrência, da indução e do raciocínio por analogia, num inventário de tipos de prova reconhecidos como válidos em dada época, em determinada coletividade intelectual. Mas a situação é bem diferente no caso da autoridade polifônica, pois se trata do fundamento do encadeamento discursivo. Consiste em introduzir na fala e nela mostrar, representar a asserção de uma proposição e, depois, encadear sobre essa asserção, como se encadearia sobre a própria proposição, considerada como verdade. O recurso à autoridade polifônica é co-extensiva a toda argumentação.

É o que ocorre no discurso político de Dilma Rousseff e poderá ser observado, de forma clara, no capítulo sobre a análise de enunciados polifônicos. Cada trecho com a utilização de polifonia funciona como um encadeamento discursivo que fortalece a argumentação. É o uso de uma asserção para fundamentar o argumento que se quer declarar, constituindo-se um tipo de argumento polifônico ou de uso argumentativo da polifonia.

O arrazoado por autoridade também pode ser considerado como uma espécie de explicação e, por isso mesmo, de racionalização, de autoridade polifônica, no mesmo sentido em que as comparações expostas no discurso desenvolvem associações inerentes à própria significação das palavras em determinada coletividade linguística.



Todo discurso tem necessidade de pôr em cena outro discurso. O que sugere a este respeito a noção benvenistiana de delocutividade é que o discurso segundo, mesmo quando retoma um discurso anterior, não consiste em mero relato. Ele cria uma realidade original, pelo fato de mostrar que alguma coisa já foi dita, ao dizer alguma coisa nova.

Na teoria da polifonia de Ducrot não se trata mais do que se faz “quando se fala”, mas do que se considera que a “fala faz”, a partir do próprio enunciado. Utilizando um enunciado interrogativo, por exemplo, pretende-se obrigar a pessoa a quem se dirige a adotar um comportamento particular, - o de responder-, do mesmo modo, pretende-se incitá-lo a agir de um modo específico, se se recorre a um imperativo, por exemplo, e assim por diante. É importante destacar que a incitação para agir ou a obrigação de responder são dadas como sendo efeitos de enunciação.

Ducrot tenta, através da teoria polifônica da enunciação, criticar e substituir a teoria da unicidade do sujeito da enunciação. Para isso o autor traz para discussão alguns aspectos e questionamentos sobre o sujeito da enunciação. Quais são as propriedades desse sujeito? Primeiro, ele é dotado de toda atividade psico-fisiológica necessária à produção do enunciado; segundo, é a origem dos atos ilocucionários realizados na produção do enunciado; e terceiro, é designado em um enunciado pelas marcas da primeira pessoa.

Para essas afirmações, o autor mostra a existência de contra-exemplos do discurso relatado em estilo direto, onde muito frequentemente o pronome **eu** não se refere à pessoa que o pronuncia. Aponta que, para eliminar este contra-exemplo, basta recorrer a uma concepção do discurso relatado direto, segundo a qual as ocorrências que aparecem entre aspas não se referem a seres extralinguísticos, mas constituem a simples menção de palavras da língua. Desde que se emprega um enunciado, mesmo simples, em um diálogo um pouco mais complexo, a tese da unicidade começa a apresentar dificuldade. Desde que haja uma forma qualquer de retomada, a atribuição das três propriedades a um sujeito falante único, torna-se problemática.

Após ter mostrado as dificuldades da concepção unicitária de sujeito, Ducrot apresenta a teoria da polifonia de uma maneira positiva. Por definição, o autor entende por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade do enunciado. É a ele que refere o pronome **eu** e as outras marcas da primeira pessoa.

Mesmo que não se leve em conta, no momento, o discurso relatado direto, vale ressaltar que o locutor, designado por eu, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor, mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Não somente o locutor pode ser diferente do sujeito falante efetivo, mas pode ser que certas enunciações, tais como são descritas no sentido do enunciado, não apareçam como o produto de uma subjetividade individual.

Essa possibilidade de desdobramento é utilizada não somente para dar a conhecer o discurso atribuído a alguém, mas também para produzir um eco imitativo, ou para apresentar um discurso imaginário. O mesmo desdobramento do locutor permite ainda a alguém fazer-se o porta-voz de outro e empregar, no mesmo discurso, **eus** que remetem tanto ao porta-voz, quanto à pessoa da qual é porta-voz.

Certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia das falas.

Já que o locutor (ser do discurso) foi distinguido do sujeito falante (ser empírico), Ducrot propõe ainda distinguir, no próprio interior da noção de locutor, o locutor (o que enuncia) enquanto tal e o locutor enquanto ser do mundo (social e histórico). O locutor é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. O locutor enquanto ser do mundo é uma pessoa completa, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado, – o que não impede ambos os tipos de locutores sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado, e cujo estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito falante (este último deve-se a uma representação externa da fala, estranha àquela que é veiculada pelo enunciado).

O ser a quem se atribui o sentimento, por exemplo em uma interjeição, é locutor visto em seu engajamento enunciativo. E é ao locutor enquanto ser do mundo que ele é atribuído nos enunciados declarativos, isto é, ao ser do mundo que, entre outras propriedades, tem a de enunciar sua tristeza ou sua alegria.

Um dos segredos da persuasão, tal como é analisada a partir de Aristóteles, é criar uma imagem favorável para o orador, que represente a si mesmo, imagem que seduzirá o ouvinte e captará sua benevolência. Essa imagem do orador, como já foi discutida e analisada aqui, é designada como *ethos*. É necessário entender por isso o caráter que o orador atribui a si mesmo pelo modo como exerce sua atividade oratória.

Não se trata de afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência; a entonação, calorosa ou severa; a escolha das palavras; os argumentos, as formas de organizar o discurso.

Na terminologia de Ducrot, o *ethos* está ligado ao locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, tornam a enunciação aceitável ou desagradável.

Ducrot apresentou uma primeira forma de polifonia, quando tratou da possibilidade de existência de dois locutores distintos em casos de dupla enunciação. Esse fenômeno se torna possível pelo fato de o locutor ser um ser de discurso, participando da imagem da enunciação fornecida pelo enunciado. A noção de enunciador permitiu ao autor descrever uma segunda forma de polifonia bem mais frequente que se trata da presença da voz de alguém que não tenha as propriedades que atribui ao locutor em um discurso.

O referido autor define enunciadores como seres que são percebidos através da enunciação se expressando de forma que lhes sejam atribuídos palavras precisas. Se eles falam é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras. É o que se entende por polifonia implícita.

A categoria de pessoa possui, na acepção de Benveniste, duas correlações: a da pessoalidade, em que se opõem pessoa (*eu/tu*) e não-pessoa (*ele*), ou seja, actantes da enunciação e actantes do enunciado; a da subjetividade, em que se contrapõem *eu versus tu*. A primeira é a pessoa subjetiva, que se constitui a partir da segunda, pessoa não-subjetiva. É a situação de enunciação que especifica o que é pessoa e o que é não-pessoa e que a terceira pessoa é explicitada no contexto e não na situação.

O segundo tipo de desdobramento refere-se à pessoa multiplicada. Bakhtin foi o primeiro a tratar do problema do dialogismo, ou seja, do fato de que sob as palavras de alguém ressoa a voz de outrem. Esse fenômeno foi também denominado polifonia e chamou atenção para as diferentes instâncias enunciativas instauradas no texto, para a questão da identidade do sujeito enunciador.

Por sua vez, as contribuições de Authier-Revuz (1998) sobre as observações no campo do discurso relatado são de extrema importância para os estudos de polifonia.

De modo tradicional o campo do discurso relatado, ou seja, os modos de representação no discurso de um discurso outro, tem sido, limitadamente, exposto de três formas nas gramáticas: o discurso direto, o indireto e o indireto livre, apresentados como uma espécie de progressão:

(1) João estava aborrecido. Ele disse: “Eu vou embora.”

(2) João estava aborrecido. Ele disse que ia embora.

(3) João estava aborrecido. Ele ia embora.

- (1): O DD, tido como de funcionamento “simples” no plano sintático, e “fiel” e “objetivo” no plano semântico-enunciativo.

- (2): O DI, tido como forma subordinada do primeiro, ou seja, como uma variante morfossintática, “derivável” a partir do DD por “regras” de transformação das pessoas e dos tempos.

- (3): O DIL, tido como um indireto suavizado pela supressão do termo subordinante, ou uma mistura de DI e DD, caracterizado como forma literária, legado dos mestres do estilo, Flaubert e La Fontaine...

A autora comenta que, de fato, essas afirmações não são realmente adequadas devido às seguintes observações:

- O DD não é simples; muito pelo contrário, ele é relativamente bem mais complexo que o DI.

- O DD não é nem objetivo nem fiel; mesmo quando cita textualmente – o que não é necessariamente o caso, pois sua propriedade característica é a autonímia, não a textualidade –, ele não pode ser considerado como objetivo, na medida em que reproduzir a materialidade exata de um enunciado não significa restituir o ato de enunciação- do qual o enunciado é (apenas) o núcleo – na sua integralidade.

- O DI não é um DD subordinado: nenhuma derivabilidade de ordem morfossintática, isto é, derivada das regras gramaticais, liga-os; eles derivam de duas operações radicalmente distintas referentes ao discurso outro que é relatado; a citação-relíquia (DD) e a reformulação-tradução (DI).

- O DIL é uma forma “inteira”, original, que não convém tratar em termos de DD-DI, e não é uma forma especificamente literária: ele abunda no discurso oral cotidiano, como também – no campo político – na imprensa ou nos ensaios.

- A trilogia DD, DI, DIL evocada acima é uma descrição parcial e empobrecedora do campo da representação do discurso outro no discurso:

- Parcial porque, de um lado, existem outras formas tais como o discurso direto livre e, de outro, o conjunto importante da modalização do discurso em discurso segundo (segundo fulano, para retomar as palavras de fulano).
- Empobrecedora porque ela não situa o inventário das formas da representação, num discurso, de um outro discurso – formas que se podem chamar formas “da heterogeneidade mostrada”- pela relação ao fato capital que se pode chamar “heterogeneidade constitutiva” de todo discurso, designando com isso a presença permanente, profunda, de “outros lugares”, do “já dito” dos outros discursos condicionando todas as nossas palavras e ressoando nelas. Sobre essa aproximação remeto-me ao dialogismo de Bakhtin, que afirma que todo discurso se faz no “meio do já dito de outros discursos”; e o “interdiscurso” ao qual se refere Pêcheux quando postula que todo discurso enunciado por um “eu” em um dado momento, “fala em outro lugar, antes e independentemente”.

Authier-Revuz propõe três oposições fundamentais para estruturar o campo do discurso relatado:

1. Discurso relatado no sentido estrito vs. Modalização em discurso segundo

João fez um longo passeio – é uma afirmação sobre um acontecimento qualquer do mundo.

Maria disse que João fez um longo passeio– é uma afirmação referente a um acontecimento diferente do de João fez um longo passeio, e que é um acontecimento particular: um outro ato de enunciação – aqui, o fato de que Maria tenha dito alguma coisa.

João fez, segundo Maria, um longo passeio – é uma afirmação sobre o mesmo acontecimento de João fez um longo passeio, modalizada, porém por remeter a um outro discurso, ou seja, caracteriza-se ela mesma como “segunda”, dependente desse outro discurso. Relativamente a João fez um longo passeio, asserção simples, as formas do tipo segundo fulano inscrevem-se num paradigma de elementos modalizadores diversos, cuja especificidade, em seu interior, é a de modalizar pela referência a um outro discurso.

Assim, o outro ato de enunciação pode ser:

- se considerarmos o objeto do enunciado de E, estaremos falando de discurso relatado no sentido estrito, com as formas de DD e DI;

- se considerarmos o que sofre a modalização do enunciado de E, estaremos falando de enunciado com modalização em discurso segundo, correspondendo essa estrutura a dois conjuntos de acordo com a incidência da modalização, ou seja, se ela recai (a) sobre o conteúdo da afirmação de E, como em : João fez um longo passeio segundo x; (b) sobre o emprego de uma palavra, tida como emprestada de um exterior, como em: João espairoseu longamente segundo as palavras de x. Esse último caso constitui o que chamamos uma modalização autonímica em discurso segundo.

## 2. Signo-padrão vs. Signo autônomo

A oposição padrão/autônomo ou usar/mencionar é essencial no campo do DR porque o DI e o DD derivam, respectivamente, desses dois modos semióticos.

No DI, o enunciador relata um outro ato de enunciação e usando suas próprias palavras, pelas quais ele reformula as palavras de outra mensagem: o modo semiótico do DI é, de maneira homogênea, o modo – padrão. Talvez João lhe diga para ficar. (modo-padrão; L usa suas palavras)

No DD, o enunciador relata um outro ato de enunciação e , usando suas próprias palavras na descrição que faz da situação de enunciação e (quem fala, a quem fala, quando....), ou seja, naquilo que chamamos sintagma introdutor, mas faz menção às palavras da mensagem que relata; o modo semiótico do DD é, assim, heterogêneo: padrão no sintagma introdutor, ele é autônomo na parte “citada”, isto é, mostrada.

Talvez João lhe diga: “Não vá”.

Talvez João lhe diga (modo-padrão; L usa suas palavras)

“Não vá” (modo autônomo; L menciona palavras que imagina para l = João)

O DD apresenta, então, para a autonímia, as propriedades ressaltadas anteriormente:

- (a) A mensagem relatada, colocada na escrita entre aspas, tem a função, na frase global, de um SN substituindo as funções de OD do verbo *dicendi*, qualquer que seja sua natureza sintática. Assim, o DD oferece, via estatuto autônomo de sua citação, uma estrutura sintática inteiramente particular, na qual qualquer coisa pode vir a funcionar como OD do introdutor sem perturbar a gramaticalidade da frase, ao contrário do DI, que é uma frase

normal que obedece a todas as coerções e restrições de combinação da gramática da língua.

A autora compara a regularidade sintática do DI com os seus OD regulares

João disse que estava de acordo

João disse do seu acordo

Que é sintaticamente comparável a

João viu que o sol nascia

João viu o nascer do sol

Com o traço anormal da ruptura sintática própria ao DD, com seus OD – frase completa, exclamação, onomatopeia, frase agramatical, frase em língua estrangeira...

João disse – Eu estou desesperado!

- (b) a mensagem citada em DD, em seu caráter autônomo, suspende a possibilidade de sinonímia: isso significa que a mensagem “mostrada” em DD é dada em sua materialidade significante; o DD não enuncia um conteúdo como o DI, ele mostra um cadeia significante.

Isso posto, essa propriedade será – no caso em que o sintagma introdutor descreve um ato de enunciação como tendo efetivamente acontecido anteriormente (ele disse...; ele diz frequentemente) – interpretada mais frequentemente como correspondendo a uma reprodução textual da mensagem inicial. Mas isso é apenas um dos casos de imagem para o DD: independentemente dos enunciados em que ele está explicitamente caracterizado ou é interpretável de modo evidente, como não-textual, como no caso em que o ato de enunciação no qual ele está implicado é um ato imaginado, futuro, hipotético, negado...

João talvez diga: “m”

M tem, plenamente, seu estatuto, autônomo, de cadeia da qual ele é “fato-menção”, mas a questão da textualidade está aqui esvaziada de seu sentido.

Usar e mencionar ao mesmo tempo

Authier também apresenta estruturas mais complexas derivadas da modalização autonímica.

A villa de João , como ele chama seu quatinho, está em mau estado.

É analisável como superposição, cumulação, “engavetamento” dos dois enunciados seguintes:

A villa de João está em mau estado. (villa: signo-padrão)

João chama seu quartinho de “villa”. (villa: signo autônimo)

João disse que sua “villa” estava em mau estado.

Não há aqui menção (autonímia) aos elementos entre aspas, mas uso com menção (modalização autonímica) de elementos plenamente integrados à sintaxe-padrão da frase.

### 3. Explícito vs. Interpretativo

Segundo Authier, trata-se da oposição entre modos explícitos, unívocos de representação de um discurso *outro*, marcados com a ajuda de formas da língua, ou seja, aquelas inventariáveis em uma gramática e modos não marcados na língua, nem unívocos (mas que emprestam sempre à discussão lugares de incerteza), nem inventariáveis (não se trata de uma lista finita de formas, mas um número infinito de configurações de discurso), mas derivando de uma interpretação que leva em conta o contexto linear e/ou situacional (quem fala? Para quem ...)

A autora distingue três níveis:

1. Formas marcadas, unívocas- são os DD; DI; modalização em discurso segundo, sobre o conteúdo; modalização em discurso segundo sobre as palavras (modalização autonímica)
2. Formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo – é o conjunto das aspas, itálicos, entonação de modalização autonímica que apresentam uma marca, mas uma marca que deve ser interpretada como referência a um outro discurso.
3. Formas puramente interpretativas – São os DDL; os DIL; as citações escondidas, alusões, reminiscências.

Com base em conceitos dessas teorias expostas anteriormente sobre polifonia e suas diferentes formas de representação, será apresentada no capítulo 6 uma análise de como os trechos com ocorrência de polifonia funcionam como um reforço argumentativo nos discursos da presidente Dilma Rousseff.



## **4. A METÁFORA**

Além do uso de polifonia como um procedimento argumentativo, vale ressaltar a forte presença de um elemento linguístico que apresenta também essa função discursiva que é a utilização de metáforas. O presente capítulo apresentará as teorias que norteiam esta etapa da pesquisa. Para isso, são expostas três seções com dados a respeito dos avanços e da contribuição da Linguística Cognitiva à teoria do conhecimento; da importância do Contexto para as teorias dos sentidos do texto e sobre os conceitos de metáfora conceptual e orientacional de Lakoff e Johnson que constituem a base de uma análise das ocorrências de expressões metafóricas.

### **4.1 A Linguística Cognitiva**

Embora o arcabouço teórico principal desta pesquisa esteja focado em princípios da Análise do Discurso, de base pragmática e/ou comunicacional, como foi enfatizado aqui, foi necessário recorrer à abordagem de alguns temas, observados pelo ângulo teórico da Linguística Cognitiva, dentre eles, a questão da função argumentativa da metáfora no discurso político. Nesse capítulo serão apresentados alguns conceitos importantes tratados pelas teorias cognitivas.

Em primeiro lugar, a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido.

Em acréscimo, a Linguística Cognitiva concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Trata-se, portanto, de estabelecer uma semântica cognitiva, a qual sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, em contraste com a visão de dicionário adotada nos estudos semânticos mais tradicionais.

A Linguística Cognitiva também questiona a afirmação de que o significado pode ser definido de modo independente do contexto, reunindo um conjunto significativo de evidências de que as palavras são interpretadas em relação a estruturas

de conhecimento esquemáticas (frames) ou domínios de experiência (Fillmore 1975, 1977, 1982; Langacker, 1987).

A Linguística Cognitiva adota uma perspectiva baseada no uso, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado. Em consequência disso, adota uma perspectiva empirista, alinhando-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência. Dentro dessa perspectiva, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal.

A Linguística Cognitiva assume a hipótese da não modularidade da linguagem, assumindo uma perspectiva integradora em relação aos módulos tradicionalmente estabelecidos. Embora os diferentes níveis de análise linguística sejam reconhecidos e investigados, duas premissas derivadas da não modularidade são estabelecidas:

- (i) Os mesmos princípios gerais atuam em todos os níveis de análise linguística.
- (ii) Os princípios gerais devem ser compatíveis com o cabedal de conhecimentos disponíveis sobre a mente e o cérebro em disciplinas afins.

A primeira afirmação diz respeito à busca de generalização, enquanto a segunda estabelece um compromisso interdisciplinar para a área.

A categorização é o processo através do qual entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares etc.) são agrupadas em classes específicas. Com relação à linguagem, o processo de categorização é, de fato, essencial. Nossas estratégias de categorização estariam intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória. As pesquisas em Linguística Cognitiva também demonstraram que a categorização apresenta níveis de inclusão, de modo que um dos níveis funciona como o nível básico de especificidade (Berlim et al., 1973; Rosch et al., 1976). O nível básico de categorização apresenta características específicas que lhe conferem status especial, e pode ser definido como nível máximo no qual:

- (i) Os indivíduos usam padrões de comportamento motor semelhantes para interagir com os membros da categoria.
- (ii) Uma imagem mental única pode representar toda a categoria.
- (iii) Os membros da categoria têm formas globais percebidas como similares.

- (iv) A maior parte das informações úteis e do conhecimento dos falantes sobre os membros da categoria são organizados.

Entre protótipos e fronteiras categoriais há membros intermediários, organizados em termos de uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial. O exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto, importante contraparte da construção do sentido. Sob essa perspectiva, usar um termo envolve uma combinação de conhecimentos linguísticos e enciclopédicos e essa interação pode levar a efeitos de diferentes níveis de tipicidade.

## **4.2 – Importância do Contexto**

A Linguística Cognitiva caracteriza o contexto como evento mental rico, imagístico, sensorial e corpóreo. Opção relacionada à hipótese da base corpórea da cognição, cuja principal premissa é a de que as experiências vividas pelos indivíduos através de seus corpos em ação fornecem a base fundamental para a cognição, influenciando atividades cognitivas tais como percepção, formação de conceitos, imagística mental, memória, raciocínio, linguagem, emoções e consciência (Gibbs, 2006). Essa acepção ampla de contexto está relacionada à memória permanente.

As categorias cromáticas podem variar quanto ao seu núcleo prototípico em função de sua associação a diferentes domínios cognitivos.

As representações cognitivas referentes a modelos culturais também podem influenciar a estrutura categorial.

As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente têm papel decisivo na construção do significado. Na verdade, são essas estruturas que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística.

Para tratar da construção do significado a partir da linguagem, diferentes vertentes da Linguística Cognitiva têm buscado desenvolver conceitos que reflitam as estruturas de conhecimento subjacentes à linguagem e a qualquer outra forma de cognição.

Langacker (1987) estabelece a noção de domínio para tratar de estruturas armazenadas na memória semântica permanente. O autor argumenta que domínio é o contexto de caracterização da unidade semântica, destacando como domínios mais básicos aqueles que apresentam estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e cor.

Além da noção de domínio, a semântica cognitiva lança mão de duas outras noções inter-relacionadas cujo objetivo é descrever estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado. Trata-se das noções de “frame” e “modelo cognitivo idealizado” (M.C.I.).

Charles Fillmore (1975), um dos precursores dos estudos cognitivos, introduz a noção de *frame* para se referir ao conjunto de itens lexicais de um campo semântico, de uma “cena” que mais tarde foi associada a um modelo cognitivo. A Semântica de Frames, abordagem desenvolvida em obras posteriores por Fillmore (1977, 1982, 1985), trata da estrutura semântica dos itens lexicais e das construções gramaticais. O termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência.

O autor argumenta, basicamente, que o significado das palavras é relativizado e ativa frames. Assim, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência. Em relação ao grupo de verbos comprar, vender, pagar, gastar, custar, cobrar, por exemplo, Fillmore (1982) afirma ser necessário acessar o *frame* de “evento comercial” para interpretá-los.

A noção de *frame* pode também ser usada para descrever diferenças no domínio social de uso de uma palavra. Um mesmo termo pode apresentar significados distintos, se estiver associado a diferentes frames. É nesse sentido que se pode dizer que o significado das palavras e expressões é, em parte, uma função do *frame* que lhes dá sustentação. Toda essa noção de *frame* descarta a visão de significado como entidade, e aposta no tratamento do significado como função.

Associando a noção de *frame* a processos de categorização, Lakoff (1987) desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), definindo-o como um conjunto complexo de frames distintos.

A noção de MCI, embora também represente uma estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo, pode ser mais complexa e organizada do que a noção de frame. De acordo com Lakoff, os MCI's dependem de três tipos de princípio estruturante em sua composição: (a) estrutura proposicional, (b) esquemas imagéticos, (c) metafóricos e metonímicos.

Os MCI's podem ser estruturados por projeção metafórica ou metonímica, nos moldes propostos por Lakoff e Johnson (1980). Outra característica importante dos MCI's é o fato de apresentarem efeitos prototípicos, definidos como efeitos emergentes da interação de um dado esquema com outros esquemas.

Os esquemas imagéticos são normalmente definidos como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo. Os esquemas imagéticos, de um modo geral, representam padrões esquemáticos que refletem domínios, tais como contêiner, trajetória, força e equilíbrio, responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no trabalho do corpo.

Vale destacar que os esquemas imagéticos não são conceitos detalhados, mas sim conceitos abstratos, consistindo de padrões que emergem de instâncias repetidas da experiência de base corpórea. O esquema imagético “dentro-fora” também pode ser usado metaforicamente em vários frames.

O que se observa, portanto, é que a noção de esquema imagético ancora diversos usos, entre eles os linguísticos que refletem a experiência corpórea dos seres humanos no espaço físico; além disso, sustenta projeções entre domínios conceptuais característica de usos metafóricos e metonímicos.

Ao ressaltar a importância da metáfora, os autores afirmam que “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica” (Lakoff e Johnson, 1980).

A metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas. Assim, compreender um raciocínio ou o embate de argumentos também pode ser concebido como uma *guerra*.

A metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte envolve

propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato.

As metáforas conceptuais podem interagir, gerando sistemas metafóricos complexos. Lakoff (1993) descreve um tipo particular de sistema metafórico, que denomina “metáfora de estrutura de evento”. Trata-se, na verdade, de uma série de metáforas que interagem para que se chegue à interpretação de outra metáfora, mais geral.

Ao propor a Teoria da Metáfora Conceptual, os estudiosos observaram que as metáforas estabelecem correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, mas não o contrário. Isso significa que uma das propriedades do processo é a unidirecionalidade. Podemos conceptualizar o tempo em termos de espaço, mas não o oposto.

O tratamento da metáfora em termos de projeção entre domínios explica por que várias construções diferentes podem expressar a mesma metáfora. A mesma metáfora *amor é viagem* está refletida em diferentes expressões metafóricas, como: “veja a que ponto chegamos”, “não podemos voltar atrás agora”, “eu acho que essa relação não vai dar em lugar nenhum”.

As metáforas conceptuais dão lugar a uma série de generalizações polissêmicas. De forma ainda mais sistemática, é fato que a metáfora está na base de uma série de verbos polissêmicos, como: dar, crescer, ver etc

Há, portanto, uma integração entre elementos cognitivos e socioculturais – a metáfora da vida como *uma viagem*, a noção cultural de *fases diferentes da vida* e a noção de *transição temporal como transição espacial*.

Já a metonímia tem função mais referencial. A metáfora é um processo para enquadrar um alvo particular em termos de uma nova categoria. A metáfora prototípica apresenta o que se pode chamar de função predicativa.

Propostas recentes, entretanto, argumentam que, embora haja casos claros de metáfora e metonímia, não há sempre uma distinção nítida o suficiente para identificar onde termina uma e começa outra (Evans, 2010; Barnden, 2010). Os estudiosos propõem não só a existência de continuidade entre linguagem literal e figurativa, mas também uma continuidade entre os conceitos de metáfora e metonímia.

Paulo Mendes (1998) relaciona a utilização de metáfora/metonímia e discurso político mostrando que as expressões escolhidas pelos políticos são formas de expressão

desse conceito metonímico prototípico e não foram abordadas somente ao nível da categoria de metáfora linguística ou da significação da sentença, mas, sobretudo, na instância da significação da emissão do falante, ou ainda, do ato de fala proferido.

Os exemplos analisados pelo autor constituem fragmentos de discursos de alguns candidatos à presidência em 1994, proferidos durante a campanha eleitoral. É importante salientar que as condições enunciativas específicas a cada um deles determinam em grande extensão as características de seu formato argumentativo. Assim, de um modo geral, a presença de críticas e de promessas é um aspecto fundamental da especificidade de um discurso político eleitoral.

A promessa, enquanto ato de fala que define um compromisso do falante com a realização de uma ação futura expressa no conteúdo proposicional, é constitutiva desse tipo de discurso, porque os candidatos devem apresentar previamente seus respectivos programas de governo sob a forma discursiva, comprometendo-se em efetivá-los na forma de ações práticas políticas concretas, caso forem eleitos.

Por sua vez, a crítica, como ato de fala assertivo específico, - pois não só descreve um estado de coisas como verdadeiro, mas também o representa como negativo-, é característica do discurso eleitoral, na medida em que os candidatos concorrentes se enfrentam e polemizam em torno de certos temas políticos, apontando e julgando aquilo que seriam defeitos dos adversários de seus programas ou partidos.

O autor demonstra que o formato argumentativo do discurso político é caracterizado por uma construção metafórica. A asserção metafórica ultrapassa a dimensão de um ato de fala que pretende descrever um estado de coisas como verdadeiro, na medida em que esse estado de coisas é metaforicamente construído e sua verdade ou falsidade passa a ser avaliada em relação a esse mundo possível estruturado pelo ato de fala metafórico.

Reiterando a afirmação de Lakoff, parece estar em questão não a verdade ou falsidade da metáfora, mas antes as percepções e inferências que ela implica e as ações sancionadas por ela. Sendo assim, do ponto de vista da orientação argumentativa, é bastante significativo que os aspectos emocionais – passionais tenham sido selecionados para o mapeamento do conceito.

### 4.3 A metáfora conceptual de Lakoff e Johnson

Para Lakoff e Johnson (2002) conceitos emocionais são compreendidos metaforicamente. A metáfora não é somente uma questão lexical, isto é, de meras palavras. Pelo contrário, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos. Isso é o que querem dizer quando afirmam que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual humano de cada um de nós.

As Metáforas conceptuais se subdividem em Metáforas estruturais, Metáforas orientacionais e Metáforas ontológicas. As Metáforas estruturais definem como um conceito pode ser estruturado metaforicamente em termos de outro.

As Metáforas orientacionais organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro. A maioria delas tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente - trás, fundo – raso, central – periférico. Essas orientações espaciais surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico. As metáforas orientacionais conferem a um conceito uma orientação direcional/espacial como, por exemplo, feliz é para cima. O fato de o conceito de felicidade ser orientado para cima leva a expressões como “Estou me sentindo para cima hoje”; “meu astral está alto”.

Tais orientações metafóricas não são arbitrárias. Elas têm uma base na nossa experiência física e cultural. Embora as oposições binárias para cima – para baixo, dentro – fora etc. sejam físicas em sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra, não se recobrem inteiramente.

A maior parte dos nossos conceitos fundamentais é organizada em termos de uma ou mais metáforas de espacialização, que apresenta uma sistematicidade interna. Por exemplo, em “feliz” o movimento “para cima” e define um sistema coerente e não um simples conjunto de casos isolados, aleatórios, já que “infeliz” indica “para baixo”.

Existe uma sistematicidade externa geral ligando as várias metáforas de espacialização, o que gera coerência entre elas. Assim, se o conceito de positividade é para cima, oferece uma orientação para o campo semântico de bem-estar geral, e essa orientação é coerente com casos especiais como “felicidade é para cima, saúde é para



cima, vida é para cima, controle é para cima, status é para cima, assim como poder também é para cima , etc”.

No discurso da presidente Dilma Rousseff observa-se o seguinte exemplo de metáfora orientacional, nessa concepção: “Estamos [assistindo a] um **salto** coletivo da mulher brasileira para se qualificar no mais alto nível e passar a participar, de igual para igual, no processo de desenvolvimento de nossa sociedade.” O vocábulo “salto” é positivo dentro do presente contexto. *Salto* é para cima, logo, possibilita um bem-estar para todo o grupo de mulheres em que se inclui também a presidente.

As Metáforas ontológicas consistem no entendimento das nossas experiências em termos de objetos e substâncias e se deve tratá-los como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. As nossas experiências com objetos físicos (especialmente a partir da relação com nossos corpos) fornecem a base para uma variedade extremamente ampla de metáforas ontológicas, isto é, formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias. As metáforas ontológicas servem a vários propósitos de sentido que são definidos pelos diferentes contextos nos quais são utilizadas.

Os autores apontam para a distinção entre subcategorização e estruturação metafórica. Por um lado, consideramos “Uma discussão é uma conversa” como uma instância de subcategorização, porque uma discussão é basicamente um tipo de conversa. A atividade de falar acontece em ambos os casos, discussão e conversa, e uma discussão tem todos os traços básicos de uma conversa. Assim, os critérios dos autores para subcategorização foram (a) mesmo tipo de atividade e (b) mesmos traços estruturais em número suficiente.

## 5. ENFOQUE METODOLÓGICO

As teorias que fundamentam a análise dos textos desta pesquisa concernem aos conceitos de *ethos* prévio e *ethos* discursivo, sujeitos da enunciação, de contrato comunicativo, de dialogismo, Análise do Discurso de Charaudeau e Maingueneau (2011 e 2008) e o conceito de Metáfora conceptual da Linguística Cognitiva de Lakoff e Johnson (2002).

A metodologia de pesquisa seguiu os seguintes procedimentos: primeiro foram coletados os discursos políticos pronunciados pela presidente Dilma Rousseff durante os primeiros meses de 2011, seu primeiro ano de governo, do site <http://www2.planalto.gov.br>. Os textos são, a princípio, discursos lidos pela presidente que foram transcritos e publicados no site. A opção por esses textos de discurso político deve-se, principalmente, ao teor argumentativo apresentado e pela possibilidade de se estudar a imagem neles projetada. Numa segunda etapa, foram selecionados e agrupados os trechos que apresentavam traços de polifonia e construções com metáforas. Esses trechos foram agrupado e analisados qualitativamente e separadamente em função dos objetivos desta pesquisa: os fragmentos com a presença da polifonia e os com a presença de metáforas

Os trechos com presença de polifonia foram separados em dois grupos: os que apresentavam polifonia explícita e os que apresentavam polifonia implícita. Para efeito de construção do *ethos* foram analisadas as modalizações e relações argumentativas estabelecidas pela presença de diferentes vozes no discurso da presidente Dilma Rousseff, observando-se a quantidade e função de ocorrências dos dois grupos.

Quanto à análise dos trechos com presença de metáfora, o procedimento metodológico recorreu às orientações da Linguística Cognitiva. É importante salientar que as demais figuras de linguagem foram consideradas como metáforas no sentido amplo a fim de facilitar a análise dos textos e a construção de imagens. Essas metáforas foram agrupadas por temas (domínios) por apresentarem características semânticas em comum. Do levantamento das expressões metafóricas encontradas nos discursos políticos da presidente Dilma Rousseff, foram encontrados oito temas (domínios)

principais: deslocamento, guerra, construção, mazelas, corpo humano, competição, mãe e fases da vida.

A partir desses agrupamentos observaram-se imagens construídas pelo discurso de Dilma Rousseff que mostram que a utilização das expressões metafóricas não é apenas estilística, ou uma adição à linguagem ordinária, ou seja, meramente como um instrumento vazio, mas é usada para se obter determinados efeitos de sentido, carrega grande força argumentativa, tornando-se um tópico importante para os estudos de processos implícitos de argumentação na língua.

## 6. ANÁLISE DOS TEXTOS

### 6.1 Análise da Polifonia

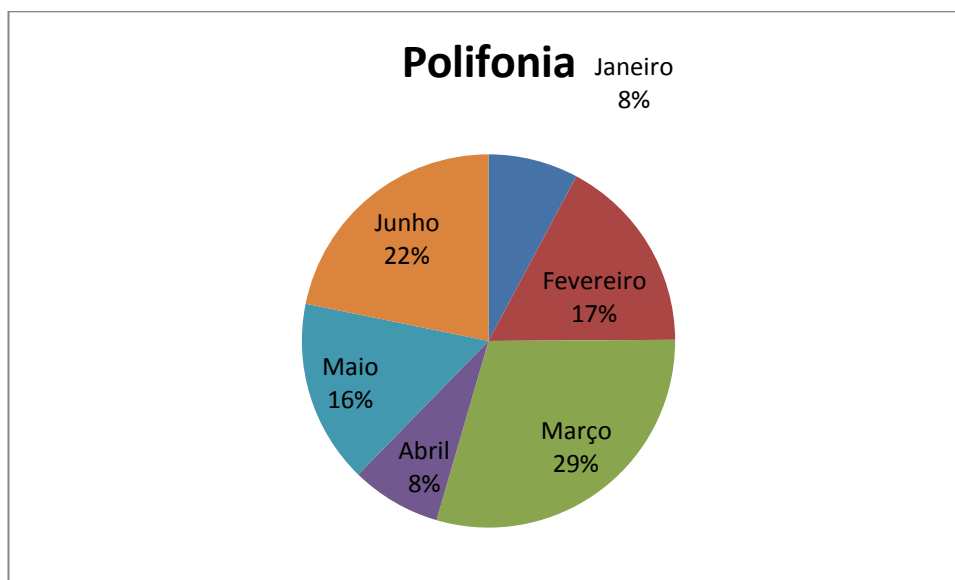


Gráfico 1: Porcentagem de Polifonia

Resultados	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Total
Ocorrências	5	11	19	5	10	14	64
Porcentagem	7,80%	17,10%	29,60%	7,80%	15,90%	21,80%	100%

Tabela 1: Total de ocorrências e porcentagens de Polifonia

Em um total de 48 discursos foram encontradas 64 ocorrências de polifonia distribuídas da seguinte maneira: 5 exemplos nos discursos proferidos no mês de janeiro, 11 exemplos em fevereiro, 19 exemplos em março, 5 exemplos em abril, 10 exemplos em maio e 14 exemplos em junho.

Primeiramente, a ênfase da análise será atribuída aos exemplos de vozes que aparecem de forma explícita nos discursos de Dilma Rousseff e, posteriormente, serão considerados os exemplos em que as vozes aparecem de forma implícita.

(21) “Então, nós estamos fazendo um grande esforço, como um primeiro passo no nosso Programa de Erradicação da Miséria. Por que eu dou tanta ênfase à questão da erradicação da

miséria? Por uma coisa que o Lobão falou aqui. **O Lobão disse: “Olha, hoje nós somos a oitava economia. Nós chegaremos a ser a quinta economia nesta década que se inicia em 2011, alguns dizem que até a quarta”**. Mas todos nós temos de ter cuidado, porque nós não podemos ser nem a quinta, nem a quarta só olhando as riquezas materiais, ou as naturais, ou aquelas que nós transformamos, como é o caso do petróleo, como é o caso do minério, como é o caso da nossa indústria. Para nós sermos a quinta ou a quarta economia, é necessário um requisito: que o nosso povo acompanhe o crescimento da economia, que ele não fique para trás, que ele não seja abandonado.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da implantação do Terminal de Regaseificação de Gás Natural Liquefeito (GNL) da Bahia - Salvador/BA, 01/03/2011]

No exemplo (21) observa-se a voz do ministro de Minas e Energia Edison Lobão como justificativa de uma questão colocada pela Dilma sobre a importância da erradicação da miséria. A presença da voz do Lobão acrescenta uma imagem de autoridade e credibilidade no discurso da presidenta, pois não é apenas uma opinião dela, mas de alguém que, pela função que exerce, pode contribuir para o crescimento da economia do país. Além disso, essa voz serve de suporte para o argumento usado por ela logo a seguir e que trata da questão do desenvolvimento da economia do país.

(22) “Mas, aqui, hoje, eu vim foi por um Programa específico para a saúde da mulher. O Omar me disse: **“E a saúde do homem?”** E eu respondi para ele: **“Não, nós vamos lançar um Programa de próstata”**, programa muito importante, até porque vocês também têm riscos sérios de saúde. E nós já aprendemos a fazer mamografia, a fazer exame no colo do útero, e vocês vão ter de aprender a fazer exame de prevenção de próstata. Acredito que isso seja muito importante para os meninos, jovens, e principalmente para os senhores que são o grupo de risco.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa de Fortalecimento da Rede de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer de Colo do Útero e de Mama - Manaus/AM, 22/03/2011]

A voz do governador do estado do Amazonas Omar Aziz aparece como um desafio ou uma “pegadinha” para colocar a presidenta em uma situação constrangedora, já que o foco do discurso era a saúde da mulher. Entretanto, essa pergunta é uma estratégia discursiva para mostrar um *ethos* de competência, de visão e de preocupação geral. Competência por preocupar-se com a saúde do homem e com o fato de que eles não são muito assíduos aos consultórios médicos. Visão pela antecipação ao problema da saúde masculina. E de preocupação geral, pois mostra que está preocupada com a saúde de todos.

(23) “Mas eu queria encerrar dizendo uma coisa para vocês... aliás, dizendo duas coisas. Primeira coisa que eu queira dizer: nós, nos últimos oito anos, tiramos milhares de pessoas da pobreza, tiramos milhares e milhões, para bem dizer, nós chegamos a tirar em torno, até 2009, em torno de 28 milhões de pessoas da pobreza extrema e elevamos à classe média 36 milhões até o final... já metade de 2010 isso. Nós vamos continuar nesse esforço que foi inaugurado pelo presidente Lula, mas a gente sabe que a qualidade do serviço público que nós oferecermos à população que mais precisa é um elemento essencial para que a gente, de fato, tire milhões de

brasileiros da pobreza, junto com a educação de qualidade, a educação profissional, que outro programa que nós estamos finalizando são elementos que melhoram a vida das pessoas. A Hebe disse o seguinte: **“A gente quando tem saúde, a gente tem perspectiva na vida.”** A gente tem aquela coisa que é a mais importante, a gente tem a força de viver.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa de Fortalecimento da Rede de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer de Colo do Útero e de Mama - Manaus/AM, 22/03/2011]

No exemplo (23) aparece a voz da apresentadora Hebe Camargo<sup>1</sup>, uma celebridade que enfrentou o problema de câncer recentemente. É uma imagem de credibilidade pela experiência de vida e de autoridade pela visibilidade de sua profissão. Essa voz reforça a voz da presidente sobre a importância da prevenção da doença trazendo um sentimento de afetividade entre a presidente, a Hebe e o auditório.

(24) “Familiar, e quero fazer isso lá na Bahia, lá em Irecê porque a Bahia é o estado que mais recebe Bolsa Família”. Para justamente falar: vai ter Bolsa Família reajustada, mas também vai ter um caminho novo para vocês. **O Presidente, então, me pediu duas coisas. Uma: que dissesse para vocês que ele manda um abraço e manda todo o carinho dele. E a segunda coisa é que ele vai estar conosco nos próximos quatro anos e nós, juntos, o governo e vocês aqui, cada um de vocês aqui, somos responsáveis por fazer e continuar a transformação que nos últimos oito anos o presidente Lula encaminhou.**” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania - Salvador/BA, 01/03/2011]

No exemplo (24) a questão da afetividade pode ser observada de maneira clara. Primeiro, o presidente Lula manda um abraço e todo o carinho dele, desse modo o auditório é aproximado, colocado como íntimo e importante. Depois, o presidente estará junto do governo da Dilma. E, por último, o cidadão é chamado a responsabilidade na sua individualidade para fazer parte desse governo contribuindo assim para o seu sucesso.

(25) “Eu acho que isso é uma questão muito importante, que é a questão de a gente perceber que tem políticos que têm o descortino, que têm a visão de futuro, que têm compromisso com a sua região e com o seu estado. E o José Alencar, que é esse lutador que nós conhecemos, que não se derrota diante das maiores dificuldades, ele deu uma imensa contribuição para o estado de Minas ao participar de todo esse movimento que, **como disse o prefeito Anderson Adauto, mobilizou pessoas variadas, tanto no plano das empresas – Cemig e Petrobras –, tanto em nível do município, mas também teve a presença efetiva de algumas lideranças do estado de Minas Gerais e do governo federal.**” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções entre o governo de MG, Petrobras e Cemig para a implantação de gasoduto e Unidade de Fertilizantes Nitrogenados - Uberaba/MG, 17/03/2011]

---

<sup>1</sup> A apresentadora Hebe Camargo faleceu em 29 de setembro de 2012.

A voz do prefeito de Uberaba, Anderson Aduato, aparece para enfatizar a questão da união entre todas as esferas do governo e de empresas como fator determinante do sucesso. Cria-se então um *ethos* de solidariedade capaz de solucionar qualquer problema.

(26) “Ele foi, sem dúvida nenhuma, um grande vice-presidente, ao lado de um grande presidente. Os dois presidentes que não tinham diploma universitário mostraram um compromisso com a educação, como diz o nosso querido presidente Lula, **“nunca dantes visto na história deste país”**. Lá de Minas, lá do fundo do nosso estado, ele trouxe também aquela sabedoria cotidiana de perceber que o país devia, podia e ia crescer, e foi um parceiro nessa trajetória.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega da Medalha 25 de Janeiro - São Paulo/SP, 25/01/2011]

A citação da frase característica do discurso do presidente Lula serve para reforçar a importância dada a educação por presidentes que, por experiência própria, sabiam o que a falta dessa educação ocasiona em termos de prejuízo próprio, desvalorização profissional e preconceito. Assim, a credibilidade e a autoridade do presidente criam um *ethos* de identificação com aqueles que compartilham essas mesmas dificuldades.

(27) “Por isso, no caso do Holocausto, o dever da memória não pode se confundir com a simples passividade da lembrança. A memória, nesse caso, ela expressa a firme determinação de impedir que a intolerância e a injustiça se banalizem no caminho da Humanidade, aquilo que uma grande judia, grande filósofa, Hannah Arendt chamou de **“banalidade do mal”**.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto - Porto Alegre/RS, 27/01/2011]

No discurso em memória das vítimas do Holocausto, a presidenta cita Hannah Arendt no que ela chama de banalidade do mal para destacar que não se podem esquecer esses acontecimentos. É preciso lembrar o que aconteceu para evitar que tornem a acontecer. A citação contribui com credibilidade por Hannah ser judia, ou seja, o terror do Holocausto faz parte de sua história, da história de seu povo. Contribui, também, com autoridade por ser uma grande filósofa, ou seja, é apta a fazer esse tipo de declaração; além disso o vínculo afetivo estabelecido entre as personagens Hannah Arendt e Dilma Rousseff, pois, de alguma forma, ambas partilharam de forma direta ou indireta os terrores causados pela intolerância do ser humano em relação às diferenças.

(28) “Esta, às vezes, dura caminhada me fez valorizar e amar muito mais a vida e me deu sobretudo coragem para enfrentar desafios ainda maiores. Recorro mais uma vez ao poeta da minha terra:

**“O correr da vida” – diz ele – “embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria, apertada e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.**

É com essa coragem que vou governar o Brasil.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF, 01/01/2011]

A voz do escritor João Guimarães Rosa aparece no discurso de Dilma Rousseff para enfatizar as diferentes situações da vida. O argumento de coragem é reforçado pela citação que mostra que a vida é feita de altos e baixos. A presidente constrói uma imagem de superação diante dos obstáculos da vida devido à coragem que possui. Coragem essa que a fará governar o Brasil.

As vozes implícitas também merecem destaque, pois fazem a voz da presidente indissociável de vozes que representam vários grupos da sociedade brasileira. Conseqüentemente, essas vozes são responsáveis por uma identificação direta entre a presidenta e o auditório que ela representa. Cria-se, assim, um efeito de aproximação que pode ser observado nos exemplos a seguir:

(29) “Mas só existirá ensino de qualidade se o professor e a professora forem tratados como as verdadeiras autoridades da educação, com formação continuada, remuneração adequada e sólido compromisso dos professores e da sociedade com a educação das crianças e dos jovens.”[Discurso da Presidente da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF, 01/01/2011]

Nesse trecho, observa-se a reprodução de um discurso próprio da classe dos educadores do Brasil. Embora seja a presidenta que está falando, a voz dos trabalhadores da educação aparece de forma clara. Com essa declaração o auditório pode sentir-se incluso no mesmo discurso daquela que representa o país. O efeito de aproximação é realizado pelo vínculo que há entre opiniões e ideias similares.

(30) “A vitória da Terezinha é vitória de todos aqueles que são capazes de enfrentar seus desafios e com muito esforço, porque não é fácil vencê-los.”[Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa de Fortalecimento da Rede de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer de Colo do Útero e de Mama - Manaus/AM, 22/03/2011]

O exemplo (30) mostra, através do vocábulo ‘**todos**’, uma inclusão generalizada das pessoas que enfrentam desafios e que se esforçam para vencê-los. Esse já é um jargão muito conhecido na sociedade brasileira. Desse modo, todos os brasileiros podem estar enquadrados nesse grupo. Conseqüentemente, essa declaração pode representar a fala de qualquer brasileiro. O efeito de aproximação é realizado pela escolha vocabular e pelo uso de um notório jargão.



(31)“Eu tive um câncer, meu câncer foi detectado e, por ele ser detectado no princípio, eu tive um processo de cura. Eu quero que todas as mulheres no Brasil tenham acesso às mesmas coisas que eu tive.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa de Fortalecimento da Rede de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer de Colo do Útero e de Mama - Manaus/AM, 22/03/2011]

A declaração apresenta as vozes dos portadores de câncer. Entretanto, o fato de a presidente já ter sido portadora dessa doença faz com que ela saiba como um doente de câncer se sente. A identificação com esse grupo de pessoas é real e imediata, criando um vínculo de solidariedade e cumplicidade. O efeito de aproximação é concretizado com o relato de experiência em relação à descoberta da doença. Essa declaração aumenta a credibilidade da presidente e a confiança por parte do auditório em questão.

(32) “Eu venho aqui a Irecê (falha no áudio) para lançar um programa que **nós** consideramos o programa que demonstra, desde a época do governo do presidente Lula, demonstra o nosso compromisso com aquela parcela da população brasileira que foi sempre abandonada, sempre tratada como sendo uma parte da população que não interessava ao Brasil.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania - Salvador/BA, 01/03/2011]

No exemplo (32) aparece um ‘nós’ polifônico, pois este representa, na verdade, as vozes do governo em todas as esferas: federal, estadual e municipal; além, das vozes representadas metaforicamente pela justiça social e pela solidariedade em relação aos menos favorecidos.

(33) “Eu cheguei aqui porque uma quantidade muito grande de mulheres saiu de suas casas e foi trabalhar; uma quantidade grande de agricultoras botou a mão na massa e foi plantar; uma quantidade grande de mulheres virou enfermeiras, professoras, professora, que tem de ser valorizada, empregadas domésticas, médicas, mulheres enfermeiras, mulheres agentes de saúde. Enfim, mulheres em todas as áreas.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania - Salvador/BA, 01/03/2011]

Nesse trecho, observa-se a voz de todas as mulheres que trabalham porque com a entrada da mulher na área profissional muita coisa mudou na sociedade, embora algumas tenham melhorado e outras piorado. Mas, o fato é que a mulher alcançou a independência financeira e descobriu que tem muitos talentos além dos domésticos. Conseguiu realizar sonhos e conquistar lugares dominados apenas por homens. Isso tudo mudou. O agradecimento feito a essas mulheres, na verdade, é um reconhecimento próprio em que estão unidas as vozes de todas as mulheres que trabalham na sociedade brasileira.

(34) “...nós temos de pensar o seguinte: quanto mais nós crescemos, mais equilibrado será o nosso crescimento, e não o inverso. **Tem muita gente que acha que você só controla a inflação derrubando o crescimento econômico, Governador.** Mas se controla a inflação, controlando a inflação e não negociando com ela, mas controla-se a inflação também fazendo o país crescer, aumentando a oferta de bens e serviços, garantindo que o país possa ter oferta de bens e serviços que gerem uma coisa preciosa, que é o emprego. [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções entre o governo de MG, Petrobras e Cemig para a implantação de gasoduto e Unidade de Fertilizantes Nitrogenados - Uberaba/MG, 17/03/2011]

O trecho destacado no exemplo (34) é a voz de um opositor aos ideais de governo da presidente e essa voz é utilizada como estratégia de contra argumentação. Primeiro, é apresentada a voz da oposição para que em seguida essa voz seja desqualificada pelo discurso da presidente, criando um efeito de distanciamento desse tipo de pensamento. Assim, tirando a credibilidade de quem pensa desse modo, ganha-se um poder de convencimento maior em relação ao que será dito posteriormente. Consequentemente, é provável que haja maior adesão às ideias da presidente por parte do auditório.

Na tentativa de encontrar uma função argumentativa em elementos que não são comumente associados ao modo de organização argumentativo, o presente estudo observou o comportamento da relação entre *ethos* e *pathos* em trechos dos discursos políticos de Dilma Rousseff, durante o ano de 2011.

A princípio, pode-se perceber que razão e emoção estão diretamente relacionadas à construção da imagem da presidente construída pelo discurso enunciado. Em acréscimo, a constante presença de polifonia reforça o poder de argumentação, pois agrega valores emocionais, através de relatos de experiência, de relação com outros textos, em prosa ou poesia, de declarações que conferem credibilidade e autoridade, o que contribui para o fortalecimento da relação entre *ethos* e *pathos* e facilita a argumentação pelo poder persuasivo resultante dessa relação.

Com base na análise apresentada há indícios de que a constante presença de polifonia apresenta várias funções, entre elas, a de explicar, estabelecer relações lógicas por meio de exemplificações, enfim convencer o auditório a partilhar das posições, reforçando a argumentação dos discursos políticos de Dilma Rousseff.

## 6.2 Análise das expressões metafóricas

Em um total de quarenta e oito discursos analisados, foram encontradas 1139 ocorrências de expressões metafóricas, que foram divididas em oito frames principais: percurso/espço, guerra, construção, mazelas, corpo humano, jogo, mãe e etapas da vida.

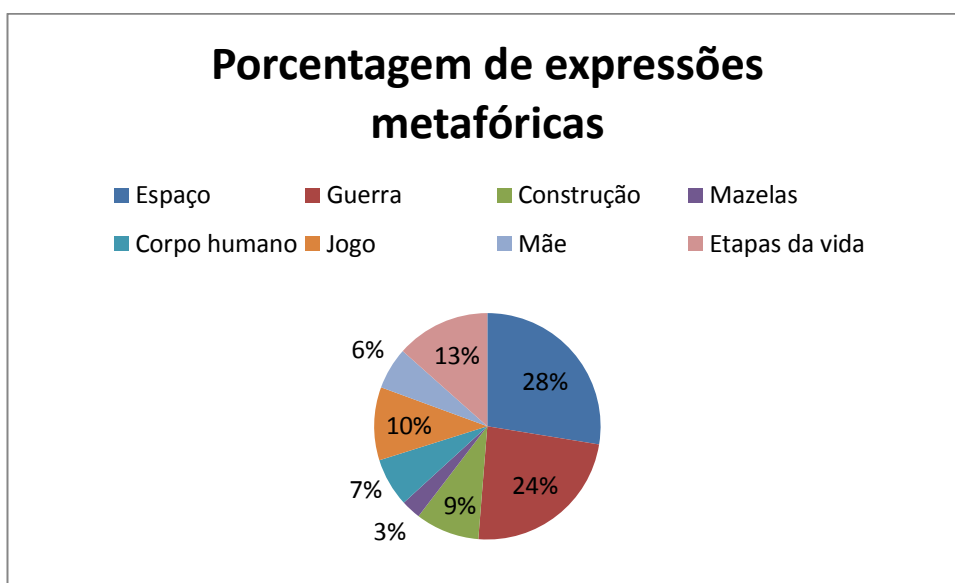


Gráfico 2: Porcentagem de expressões metafóricas

O gráfico mostra a incidência de expressões agrupadas em cada frame. Os frames de maior produtividade foram os de percurso (27,6%) e os de guerra (23,7%). Esses resultados apontam para a conclusão de que o discurso político de Dilma Rousseff constrói uma imagem (*ethos*) de seu governo, como um deslocamento no espaço e no tempo, provocando uma mudança e como um enfrentamento, ou seja, uma guerra. Logo, política é mudança e é guerra.

A seguir, uma tabela com as ocorrências e a frequência em cada mês

<b>Frame</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maió</b>	<b>Junho</b>	<b>Total por frame</b>
<b>Percurso</b>	45	17	49	61	25	117	314
<b>Guerra</b>	30	38	52	55	25	70	270
<b>Construção</b>	8	4	23	24	6	39	104
<b>Mazelas</b>	5	0	4	3	2	18	32
<b>Corpo humano</b>	5	14	13	15	4	28	79
<b>Jogo</b>	4	5	45	29	11	25	119
<b>Mãe</b>	4	1	16	17	2	28	68
<b>Etapas da vida</b>	7	22	33	33	17	41	153
<b>Total geral</b>	108	101	235	237	92	366	1139

Tabela 2: Total de ocorrências de expressões metafóricas

A tabela mostra o total de ocorrências das expressões metafóricas (1139), assim como o número total de ocorrências em cada frame nos discursos proferidos nos meses do primeiro semestre de mandato da presidente Dilma Rousseff.

O número total dos discursos foram assim distribuídos: no mês de janeiro foram analisados quatro discursos; em fevereiro, cinco discursos; em março, onze discursos; em abril, dez discursos; em maio, cinco discursos e em junho, treze discursos. De modo a estabelecer um padrão de análise, foram excluídos os juramentos, pronunciamentos e declarações da presidente Dilma Rousseff à imprensa, sendo considerados como objeto de análise apenas os discursos oficiais. Também foram descartados todos os textos proferidos pelo vice-presidente Michel Temer. Vale ressaltar que nos discursos internacionais o uso de expressões metafóricas diminui consideravelmente em relação aos discursos proferidos no Brasil.

### 6.2.1. Análise do frame percurso/espaco

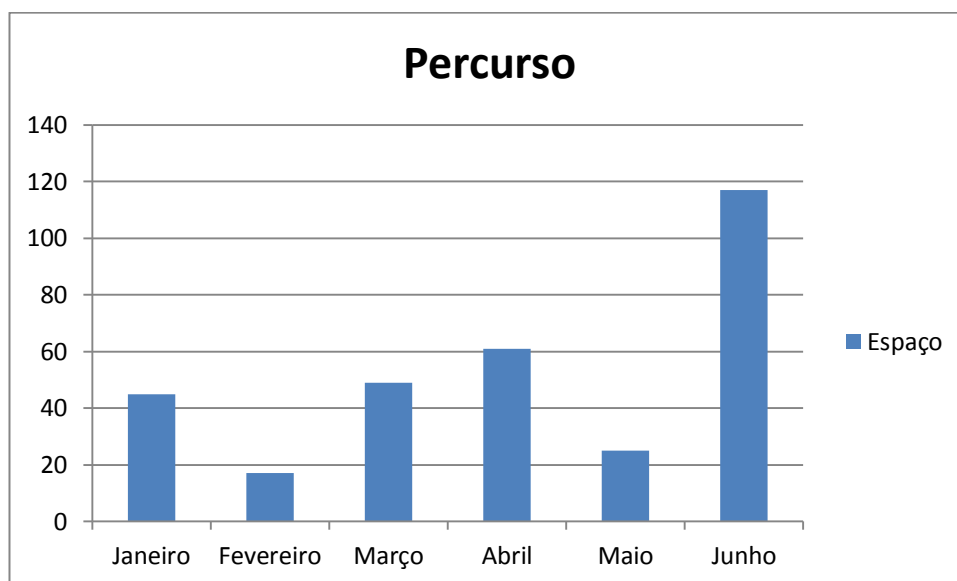


Gráfico 3: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame percurso

As ocorrências de expressões metafóricas referentes ao frame espaço/percurso foram as mais produtivas, com um total de trezentos e catorze exemplos distribuídos da seguinte maneira: em janeiro quarenta e cinco ocorrências; fevereiro dezessete ocorrências; março quarenta e nove ocorrências; abril sessenta e uma ocorrências; maio vinte e cinco ocorrências; e junho cento e dezessete ocorrências. Para esse frame, apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: trajetória, abrir caminho, avançar, salto, caminhada, travessia, passo, passagem, prosseguir, jornada, subir, sair e trilha.

(35) “Sem sombra de dúvida, é uma imensa emoção receber este diploma da Corte responsável pelo processo eleitoral brasileiro. É uma grande emoção, tanto do ponto de vista da minha **trajetória** política, como também da minha situação como mulher brasileira.” [Registro histórico – Discurso da presidenta eleita, Dilma Rousseff, durante cerimônia de diplomação no Tribunal Superior Eleitoral - Brasília/DF]

No exemplo (35), a expressão metafórica “trajetória” cria uma imagem de deslocamento e pressupõe um percurso, um trajeto percorrido por uma pessoa em movimento. Desse modo, a política pode ser vista como um deslocamento, uma mudança de espaço, de posição. Nesse caso, a trajetória é direcionada sempre para a frente. Cria-se uma imagem de alguém que está sempre se desenvolvendo em suas experiências políticas. Isso implica tanto um saber quanto um saber fazer que

contribuem para reforçar a imagem (*ethos*) de competente que, por sua vez, reforça a credibilidade da presidente contribuindo para a eficácia da argumentação.

(36) “Tem sido uma longa **trajetória** de mulheres dedicadas à educação, e a nossa sociedade tem de tomar consciência disso. Quando a maioria das mulheres ainda estava restrita a viver dentro de casa, personagens como Nísia Ferreira [Floresta], Helena Antipoff ou Cecília Meireles ensinavam, dirigiam os primeiros colégios para meninas e escreviam livros pioneiros em defesa dos direitos femininos. Essas brasileiras superaram preconceitos e **abriram caminhos** para dar à mulher, no Brasil, o espaço a que ela tem direito como profissional e como cidadã.

É impressionante o quanto **avancamos**, desde então. Hoje, na educação básica, as mulheres são maioria quase absoluta. Dos mais de 1 milhão e 900 mil professores e professoras que atuam nessa área, no Brasil, é importante saber que 1 milhão e 600 mil são mulheres, ou seja, 81%. São a maioria avassaladora das educadoras e das professoras.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de outorga da Ordem Nacional do Mérito a educadoras brasileiras - Brasília/DF]

O exemplo (36) apresenta três expressões metafóricas referentes ao campo/frame: “trajetória”, “abriram caminho” e “avancamos”. Os três exemplos referem-se à mulher e suas conquistas em diferentes setores da sociedade. A escolha lexical dessas expressões metafóricas pressupõe deslocamento, porém com valores semânticos distintos. Primeiramente, “trajetória” pressupõe um deslocamento entre lugares distintos e um caminho percorrido, no caso exemplar de mulheres pioneiras na educação. Já a ação de “Abrir caminho” pressupõe iniciar algo ainda não explorado e reporta a uma imagem de desbravamento, de pioneirismo. E a forma verbal “avancamos” implica incluir o governo na história para afirmar que se vai além de um ponto demarcado, criando-se uma imagem de continuidade.

Pode-se afirmar que as expressões metafóricas também se comportam como metáforas orientacionais em quase todas as ocorrências. Nesse exemplo, os deslocamentos de espaço ocorrem sempre para frente. Desse modo, a mulher fez parte dessa “trajetória” de mudança, abriu caminho e avançou, ou seja, as mulheres estão em constante desenvolvimento e em constante conquista. Com o uso dessas expressões metafóricas fica evidente a importância da mulher na sociedade brasileira e, de forma implícita, a importância de a presidente ser uma mulher. Logo, cria-se a imagem (*ethos*) de um governo direcionado para o desenvolvimento e o sucesso. O *ethos* de competente é construído pela capacidade de saber fazer, o que reforça o *ethos* de credibilidade.

(37) “Estamos [assistindo a] um **salto** coletivo da mulher brasileira para se qualificar no mais alto nível e passar a participar, de igual para igual, no processo de

desenvolvimento de nossa sociedade.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de outorga da Ordem Nacional do Mérito a educadoras brasileiras - Brasília/DF]

O exemplo (37) também está associado à importância da mulher na sociedade. A escolha lexical do termo “salto” coletivo pressupõe um deslocamento brusco para cima. Para saltar é necessário pegar impulso. Isso pode indicar que a mulher foi impulsionada através da qualificação profissional. Cria-se a imagem (*ethos*) de competência que reforça o *ethos* de credibilidade. O vocábulo “salto” também é uma metáfora orientacional, que direciona o deslocamento para frente e para cima.

(38) “Nessa **caminhada**, estaremos fortemente unidos pela herança lusófona comum de nossos povos e pela opção democrática de nossas sociedades. Nós, brasileiros, estaremos ainda imbuídos do sentimento de admiração e solidariedade que nutrimos pelo povo timorense em sua luta pela libertação nacional e afirmação de sua identidade.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante visita do Primeiro-Ministro do Timor Leste, Xanana Gusmão - Brasília/DF]

No exemplo (38) a escolha lexical “caminhada” possibilita o entendimento do mandato de governo como uma caminhada. A relação é estabelecida para mostrar a aproximação entre os dois países - Brasil e Timor Leste. O *ethos* construído é de solidariedade que reforça o *ethos* de identificação da presidente. O termo “caminhada” pressupõe um deslocamento no espaço para frente.

(39) “Eu queria destacar para vocês uma outra coisa. Quando a gente diz que o Bolsa Família é só **uma parte do caminho, não é o caminho todo**, é muito importante. Por quê? Nós queremos fazer duas coisas ao mesmo tempo: garantir que as famílias que precisam tenham um dinheiro para garantir comida para as crianças, para garantir que as crianças tenham acesso a material escolar ou, até, que a mãe possa comprar remédio. Mas, ao mesmo tempo, a gente quer que as famílias do Bolsa Família tenham uma outra perspectiva na vida: que o pai e a mãe possam encontrar um emprego decente, melhorar a sua renda e colocar comida na mesa dos filhos, colocar os filhos para estudar de forma cada vez melhor. Por isso, o Bolsa Família é uma parte do nosso projeto. A outra parte é necessariamente, é necessariamente as oportunidades de participar produtivamente da vida da sociedade.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania - Salvador/BA]

O exemplo (39) refere-se ao programa Bolsa Família. Primeiramente, o programa é considerado uma parte do “caminho” e não o caminho todo. Essa expressão metafórica destaca a importância do programa, que, embora sozinho não seja capaz de solucionar o problema da miséria no Brasil, evidencia seu poder transformador. Cria-se, assim, a imagem de alguém que está fazendo e continuará fazendo algo pelo país.

Com isso, tem-se um *ethos* de competente pelo saber fazer e, ao mesmo tempo, um *ethos* de sério pela responsabilidade do fazer e um *ethos* de virtuoso pela sinceridade no fazer. São os três *ethé* ligados à credibilidade em uma única expressão metafórica que contribui para o fortalecimento da argumentação.

(40) “Meus queridos, nós estamos chegando ao fim. Eu sei, também, que o combate à pobreza é um **passo** essencial, mas não é o único, para o desenvolvimento do Brasil e para um desenvolvimento cada vez mais harmônico. Junto com ele, junto com o Brasil sem Miséria, e não depois dele, nós precisamos implementar outras ações muito decisivas. O governo tem feito isso e vai continuar fazendo.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza – Brasil sem Miséria - Brasília/DF]

No exemplo (40) a palavra “passo” evoca a imagem de alguém agindo e em movimento. Isso denota que as providências necessárias estão sendo tomadas, pois o *passo* permite a pessoa avançar e chegar aos locais desejados. “Passo” também é um exemplo de metáfora orientacional, que indica deslocamento para frente. Fica em evidência mais uma vez o *ethos* de competência que reforça o *ethos* de credibilidade e que convence de forma natural e lógica.

(41) “Por seu lado, o Brasil **atravessa** o melhor momento de sua história com uma economia pujante, um povo criativo e confiante e uma sociedade democrática. Fizemos, estamos fazendo e faremos todos os esforços possíveis para transformar o Brasil em um país, em uma nação e em uma sociedade desenvolvida mais justa, mais igual e também capaz de se basear em processos inovadores.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Diálogo de Alto Nível Brasil-China em Ciência, Tecnologia e Inovação - Pequim/China]

No exemplo (41) a escolha da forma verbal “atravessa o melhor momento de sua história” pressupõe que está passando pela melhor fase da história. Sendo ela continuadora do governo Lula, só pode indicar que o Brasil não estava em um momento muito bom nos governos anteriores. Os *ethé* identificados com base nessa expressão metafórica são o *ethos* de competência pelo saber fazer e o *ethos* de guia-pastor que desloca o país para um lugar melhor. Dessa forma, ocorre mais uma vez o reforço não só do *ethos* de credibilidade, mas também do *ethos* de identificação, ambos contribuem para a eficácia argumentativa. Mais uma vez, a metáfora orientacional é marcada pelo movimento para frente que apresenta sempre valor positivo.

(42) “Sob a sua liderança, o povo brasileiro fez a **travessia** para uma outra margem da nossa história.



Minha missão agora é de consolidar esta **passagem** e **avançar no caminho** de uma nação geradora das mais amplas oportunidades.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

O exemplo (42) continua a metáfora da *travessia*, já realizada pelo presidente Lula, enquanto ela reafirma que sua missão é consolidar essa passagem e avançar no caminho. Constrói-se, então, uma imagem de solidez e continuidade. As escolhas lexicais “passagem” e “avançar no caminho” pressupõem que Dilma Rousseff cumpre a importante missão, a de fazer com que as mudanças iniciadas no governo do ex-presidente Lula permaneçam de forma definitiva e a de que ela promete outras mudanças ainda não iniciadas.

Assim, temos o *ethos* de competente que reforça o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de chefe caracterizado pelo de guia que reforça a imagem da identificação. Semelhantemente ao exemplo anterior, a metáfora orientacional apresenta um deslocamento para a frente, de avanço.

(43) “Eu tenho certeza de que a criação deste grupo de trabalho é um momento de definição, por uma razão: nós entramos numa **trilha** de desenvolvimento com inclusão social; nós entramos numa **trilha** de crescimento econômico com estabilidade monetária e consolidação fiscal. Essa **trilha** de governo que nós perseguimos, nós temos também de ter clareza de duas questões. A primeira: nenhum país será de fato um país rico sem [com] miséria. Mas a história demonstra também que não houve desenvolvimento econômico nos países que não enfrentaram o desafio de transformar o seu Estado.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de instalação da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade - Brasília/DF]

No exemplo (43) a palavra “trilha” simboliza as ações do governo em direção ao desenvolvimento. Conseqüentemente, cria-se a imagem de um caminho novo, diferente, percorrido por alguém capaz de fazer mudanças por apresentar conhecimento e capacidade suficientes para isso. O *ethos* em destaque é o de competência e de chefe que reforça o *ethos* de credibilidade, com base na orientação de inclusão social e mudança.

(44) “Queria também dizer para vocês que hoje para mim é um dia de muito orgulho e alegria. Nós estamos aqui para celebrar o valor da Educação no processo de construção do nosso país. Estamos aqui também para **prosseguir** em uma **jornada** que começou muito tempo atrás e que agora está na sua sexta etapa, porque esta é a sexta Olimpíada. E, portanto, eu me sinto muito orgulhosa de, como Presidente da República, estar aqui pela primeira vez.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff,

durante cerimônia nacional de premiação da 6ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) - Rio de Janeiro/RJ]

No exemplo (44) a expressão metafórica “jornada” refere-se à Olimpíada de Matemática. A escolha lexical evidencia o caráter de continuidade da Olimpíada. Mais uma vez o deslocamento é para frente. O *ethos* criado é de competência, pois implica um saber, ou seja, o conhecimento necessário para realizar esse tipo de evento e a capacidade do país decorrente da experiência adquirida pela realização de jornadas anteriores. O verbo “prosseguir” constrói a imagem de habilidade e competência que, por sua vez, reforçam o *ethos* de credibilidade.

(45) “No Brasil era crime dar subsídios. Nós achamos que subsídios dados corretamente não só apenas são efetivos, como não criam bolhas, não criam ilusões e, ao mesmo tempo, fazem mexer a roda social do país, assegurando que haja mobilidade, que as pessoas possam **subir** na vida, o que é um anseio justo e que deve ser respeitado em cada um dos brasileiros e das brasileiras.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do programa Minha Casa, Minha Vida 2 - Brasília/DF]

No exemplo (45), ao mencionar que pessoas podem subir na vida, percebe-se um movimento de baixo para cima, ou seja, um deslocamento visto de maneira positiva e que é ocasionado pelas mudanças realizadas pelo governo. A escolha lexical pelo verbo “subir” marca a mudança de posição na vida das pessoas, assegurada pelas ações do governo. Constrói-se, assim, o *ethos* de chefe caracterizado pela figura de guia-profeta. Esse *ethos* de chefe contribui para o *ethos* de identificação com o auditório, ao estabelecer um elo emocional com base no sentimento de esperança. Outro *ethos* identificado nesse exemplo é o *ethos* de competência que reforça o *ethos* de credibilidade, advindo do fato de que o governo foi o responsável pela mobilidade e mudança, com oferecimento de subsídios para a população.

(46) “E eu venho aqui com muita alegria porque o programa Minha Casa, Minha Vida, que é de onde **saíram** essas 580 casas, é um programa que ele tem um sentido social e de valores. Social, porque, um país como o nosso, não pode ter uma parte da sua população – e uma parte muito significativa da sua população, milhões e milhões de pessoas – sem teto, sem um lar, sem uma casa própria.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante solenidade de entrega de unidades habitacionais do programa Minha Casa, Minha Vida - Blumenau/SC ]

No exemplo (46) na seleção da figura das “casas que *saíram* do programa Minha Casa, Minha Vida”, tem-se a ideia de um resultado, um ponto de chegada e não de

deslocamento propriamente dito. O sentido base do verbo “sair” é um deslocamento de dentro para fora, metaforicamente a relação estabelecida é de que as novas casas *sairam de dentro* do programa. Há uma relação entre o produto concreto e a ação do governo que contribui para a construção do *ethos* de competente, o que reforça o *ethos* de credibilidade da presidente.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Trajectoria Abriram caminho Avançamos	Credibilidade (competente)	Para frente
Salto	Credibilidade (competente)	Para cima
Caminhada	Identificação (solidariedade)	Para frente
Uma parte do caminho, não é o caminho todo	Credibilidade (competente)	Para frente
Passo	Credibilidade (competente)	Para frente
Atravessa	Credibilidade (competente) Identificação (chefe – guia-pastor)	Para frente
Travessia Passagem Avançar no caminho	Credibilidade (competente) Identificação (chefe – guia-profeta)	Para frente
Trilha	Credibilidade (competente)	Para frente
Prosseguir Jornada	Credibilidade (competente)	Para frente
Subir	Credibilidade (competente) Identificação (chefe – guia-profeta)	Para cima
Saíram (as casas)	Credibilidade (competente)	De dentro para fora

Quadro 1: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame percurso

O quadro indica que, na grande maioria dos casos de expressões metafóricas referentes ao frame de *percurso*, o *ethos* de maior ocorrência foi o *ethos* de credibilidade (competência). Isso indica que essas expressões metafóricas agregam argumentos em favor do governo. Entretanto, alguns *éthe* de identificação como de solidariedade e de chefe reforçam os sentimentos de segurança e esperança do auditório. Quanto às metáforas orientacionais, a grande maioria indica uma direção para frente. O governo de Dilma Rousseff mostra-se, portanto, como um governo que constrói em seu discurso uma imagem de credibilidade com base na imagem de competência e é capaz

de promover um deslocamento sempre positivo para frente, para cima ou de dentro para fora. As imagens são sempre positivas e criam um efeito de confiança em um futuro melhor do país.

Em quase todos os exemplos pode-se perceber que as imagens criadas pelo uso das expressões metafóricas apresentam forte valor argumentativo. Assim, busca-se convencer o ouvinte, pelos traços comuns de sentido ou pela similaridade que aproximam os dois elementos, aumentando sua eficácia argumentativa. As expressões metafóricas apresentam esse poder de convencer e persuadir por serem compartilhadas culturalmente.

### 6.2.2. Análise do frame guerra

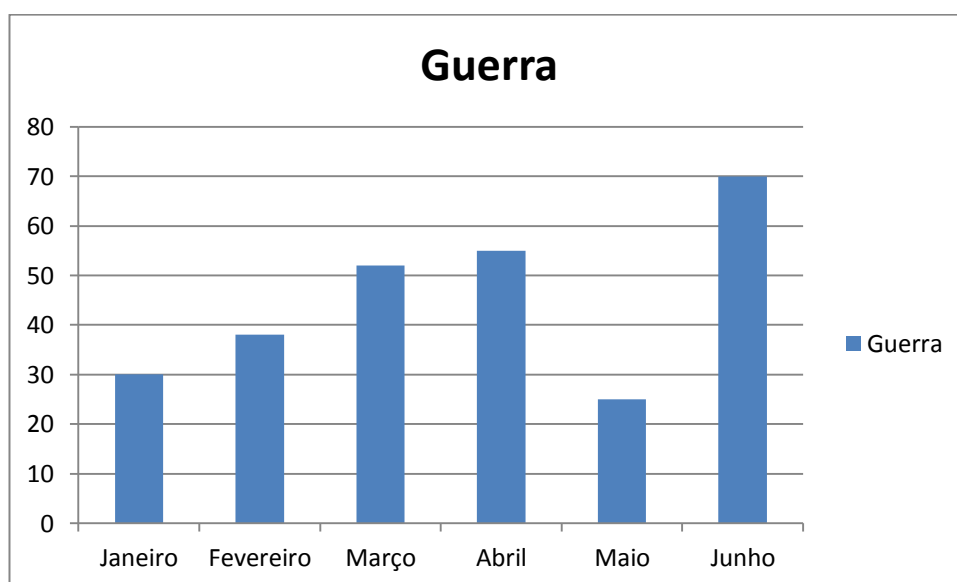


Gráfico 4: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame guerra.

As ocorrências de expressões metafóricas referentes ao frame *guerra* ocuparam a segunda posição mais frequente com um total de duzentos e setenta exemplos, distribuídos da seguinte maneira: em janeiro trinta ocorrências; fevereiro trinta e oito ocorrências; março cinquenta e duas ocorrências; abril cinquenta e cinco ocorrências; maio vinte e cinco ocorrências; e junho setenta ocorrências. Para o frame *guerra* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: luta, missão, defesa, arma, combate, quartel, linha de frente, estratégica, enfrentamento e venceremos. Os exemplos, a seguir, ilustram as ocorrências.

(47) “A **luta** mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema e a criação de oportunidades para todos.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (47), pelo uso da expressão metafórica “luta” cria-se a imagem de que política é guerra, combate. Conseqüentemente, o governo da presidente Dilma será um governo de luta. A escolha lexical do termo “luta” seguida de “obstinada” pressupõe um grande esforço para vencer os obstáculos. Além disso, pode contribuir para a imagem de uma pessoa firme, forte e agressiva. Nesse exemplo, o *ethos* de caráter é reforçado. Em decorrência disso, ocorre um efeito de aproximação com o auditório que partilha do conhecimento comum de que o povo brasileiro é lutador, um “forte”. O *ethos* de identificação é construído pelo sentimento partilhado entre a presidente e o povo brasileiro, pois ambos são lutadores. A expressão metafórica consegue acionar o emocional (*pathos*) fortalecendo o caráter persuasivo do discurso.

(48) “Junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a **luta** pela qualidade da educação, da saúde e da segurança.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (48), pelo uso da expressão metafórica “luta” cria-se a imagem de que política é conflito, guerra, combate. Em decorrência disso, o governo da presidente Dilma terá como prioridade a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança. A escolha lexical do termo “luta” pressupõe que a presidente fará um grande esforço para vencer as adversidades e obstáculos que impedem a qualidade nessas três áreas principais de atuação. Nesse exemplo, o *ethos* de caráter é reforçado pelos semas de firmeza e coragem implícitos na escolha lexical de “luta”. Em decorrência disso, ocorre um efeito de aproximação com o auditório que partilha o conhecimento comum de que o povo brasileiro é lutador, base cognitiva para o *ethos* de identificação. Além disso, o enunciador reconhece que precisa lutar pelas três áreas de maior insatisfação da população reforçando-se o efeito emocional (*pathos*), criando-se uma imagem (*ethos*) de solidariedade.

(49) “Considero uma **missão** sagrada do Brasil a de mostrar ao mundo que é possível um país crescer aceleradamente, sem destruir o meio ambiente.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (49), observa-se uma expressão metafórica que apresenta uma conotação híbrida. Por parecer polissêmica, ao mesmo tempo que se prende ao frame de guerra, poderia estar listada em um frame de cunho religioso. No primeiro sentido, “missão” implica um dever a cumprir. Em uma frase muito comum ao segmento militar ouve-se que “missão dada é missão cumprida”, onde se percebe um comprometimento quase que obrigatório em executar a tarefa apresentada.

Por outro lado, o vocábulo “missão” refere-se também ao ato de “se dispor a”, de se “lançar”, sentido referente a ação de missionários cujo objetivo principal é a catequese, ou seja, obra da conversão de gentios, o que acarreta mudança de ideias e comportamentos. O adjetivo “sagrada” que acompanha o substantivo “missão” reforça esse caráter religioso do termo. Cria-se, então, um (*ethos*) de identificação com o *ethos* de chefe, presente na imagem de guia-profeta capaz de conduzir o povo na direção certa. Isso resulta em um possível acréscimo do sentimento (*pathos*) de confiança e segurança por parte do auditório.

(50) “Serei rígida na **defesa** do interesse público. Não haverá compromisso com o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para atuarem com firmeza e autonomia.”[Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (50) a escolha lexical do termo “defesa” pressupõe proteção e resistência a ataques. O adjetivo “rígida” pode sugerir certa intransigência, mas, nesse caso, a associação dos vocábulos “rígida” e “defesa” cria uma imagem (*ethos*) de firmeza que reforça o *ethos* de caráter, base que sustenta o *ethos* de identificação. A aproximação entre enunciador e auditório se intensifica, pois aquele se coloca como o defensor dos interesses deste. Além da imagem de caráter, constrói-se também a imagem de chefe e ambos são parte do *ethé* de credibilidade.

(51) “Nós temos de lembrar sempre, para impedir que aqueles que não são objetos da barbárie se silenciem e pratiquem a grande **arma** humana diante desses momentos, que é a solidariedade e a coragem de se manifestar contra essas práticas e contra essas experiências com a vida humana.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto - Porto Alegre/RS]

No exemplo (51) o vocábulo “arma” refere-se a um instrumento para atacar ou defender. A expressão metafórica pressupõe que a solidariedade e a coragem de se

manifestar são instrumentos para ataque e defesa quando se trata de violência. Cria-se, então, uma imagem (*ethos*) de coragem, humanidade e de solidariedade. Por compartilhar o fato de também ter sido vítima de violência no período da ditadura, a presidente Dilma Rousseff instaura um elo de solidariedade com as pessoas que tenham uma relação com as vítimas do Holocausto. O *ethos* de identificação está diretamente ligado aos efeitos emocionais (*pathos*) do auditório, ampliando o poder de persuasão de suas palavras.

(52) “Esse é um quadro que nenhum de nós aqui – tanto nós, do governo, como todos aqueles que integram governos estaduais ou municipais, mas também os senhores professores, as senhoras professoras, integrantes da sociedade civil – pode se tornar indiferente a ele. O meu governo vai dar um **combate** sistemático à questão do crack. Eu tenho um compromisso com o povo do meu país, de levar uma **luta sem quartel** ao crack, principalmente porque, devido a características da nossa juventude, nós sabemos que essa é uma droga que tem uma capacidade de propagação muito elevada. Primeiro, por ser barata; segundo, por ser extremamente danosa; e, terceiro, pelo fato de que ela contribui para uma desagregação da personalidade, mas também dos vínculos sociais. E isso, para um país como o nosso, ter sua juventude vulnerabilizada pela droga é algo que compromete o próprio sentido de nação que nós devemos ter. Daí porque eu fico muito feliz pelo fato de os senhores estarem integrando a **linha de frente** desse **combate**. Nós precisamos formar profissionais. Nós sabemos que essa é uma droga que ela também apresenta o desafio de não ter – e não é só no Brasil –, não ter, no plano mundial, um acervo de conhecimentos e um acúmulo de metodologias para o tratamento. Isso faz com que a iniciativa dos Centros Regionais de Referência seja uma iniciativa pioneira, e a participação dos senhores, **estratégica**, para o país e para a nossa juventude.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do seminário de implantação dos Centros Regionais de Referência em Crack e Outras Drogas - Brasília/DF]

No exemplo (52) observam-se quatro expressões metafóricas distintas referentes ao frame guerra “combate”, “luta sem quartel”, “linha de frente” e “estratégica”. A escolha lexical de “combate” apresenta os mesmos semas de *batalha* que é um dos sinônimos de *luta*, *de esforço*. “Luta” implica conflito, guerra, oposição. “Linha de frente” refere-se ao pelotão de ataque, que toma a iniciativa pela ação. “Estratégica” implica o planejamento de uma ação para conseguir um resultado, o que exige conhecimento e preparo específico para a guerra.

Nesse caso, o *combate* é estabelecido no governo de Dilma Rousseff cujo adversário é a droga, mais especificamente o crack. Cria-se, desse modo, um *ethos* de chefe com base no *ethos* de comandante, ao apresentar uma posição mais agressiva de autoridade. O *ethos* de chefe está diretamente associado ao *ethos* de identificação entre enunciador e auditório por meio de um elo emocional: ambos querem livrar os jovens

do crack. O *ethos* de competente relaciona-se ao conhecimento estratégico apresentado. Semelhantemente, tem-se o *ethos* de sério, marcado pela presença no combate e no autocontrole, além do *ethos* de virtuoso que se baseia na fidelidade aos objetivos propostos. Esses três últimos *éthe* reforçam o *ethos* de credibilidade conferindo um valor argumentativo-persuasivo às expressões metafóricas utilizadas no discurso de Dilma Rousseff.

(53) “E aí, eu acredito que vocês estão num lugar privilegiado, que é o lugar que estrutura as condições de **enfrentamento** da droga. Compreendê-la, entender os seus mecanismos, ser capaz de incorporar todas as variáveis dos diferentes saberes a esse projeto vai ser uma das **armas** mais **fortes** que nós vamos ter nesse **enfrentamento**. Junto com a Polícia Federal nas áreas de fronteira, com o próprio Exército, com as Forças Armadas, o saber talvez seja uma das condições privilegiadas através das quais nós podemos decifrar as drogas, porque aí junta com o seu... Você fez um desafio, não é? Eu acho que tem outro aqui, outro **desafio** que é o “decifra-me ou devoro-te”, e aqui nós vamos... nós vamos... nós, vocês aí, no caso, são os decifradores. Espero que vocês decifrem para que a gente possa, em termos sociais, devorar esse processo, metabolizar, expelir e controlá-lo na nossa sociedade.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do seminário de implantação dos Centros Regionais de Referência em Crack e Outras Drogas - Brasília/DF]

No exemplo (53) a primeira expressão metafórica “enfrentamento” refere-se ao combate contra a droga. O projeto de combate à droga elaborado pelo governo de Dilma Rousseff é considerado por ela como uma das armas mais fortes. Constrói-se um *ethos* de competência, pois mostra que houve todo o planejamento necessário para combater o problema em todas as suas vertentes. Pode-se inferir que o governo busca apresentar um *saber* e um *saber fazer* capazes de garantir o sucesso na concretização desse desafio, desse projeto. Em decorrência disso, a imagem de credibilidade é fortalecida pela promessa e pelo empenho pessoal do governo, aumentando o poder de argumentação.

(54) “É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que **venceremos** a desigualdade de renda e do desenvolvimento regional.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (54) a escolha lexical pela forma do verbo “venceremos” indica asserção de um triunfo sobre um adversário ou uma situação adversa. Os programas sociais do governo de Dilma Rousseff são apresentados no discurso como os grandes responsáveis pela vitória na luta contra a desigualdade social e pelo desenvolvimento regional. Mais uma vez é a construção do *ethos* de competente que ela procura passar,



devido possuir o governo os saberes necessários para planejar e executar os projetos dos programas sociais, os quais estabelecem o *ethos* de credibilidade; são eles os principais fatores do poder de argumentação das expressões metafóricas.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Luta	Identificação (solidariedade / caráter)	Para frente
Missão	Identificação (chefe – guia-profeta)	Para cima
Defesa	Identificação (firmeza / caráter / chefe – guia-profeta)	Para trás
Arma	Identificação (solidariedade / humanidade)	Para frente
Combate Luta sem quartel Linha de frente Combate Participação estratégica	Credibilidade (competente / sério / virtuoso) Identificação (chefe – comandante)	Para frente
Enfrentamento Armas fortes Enfrentamento	Credibilidade (competente)	Para frente
Venceremos	Credibilidade (competente)	Para cima

Quadro 2: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame guerra.

O quadro indica que, na grande maioria dos casos de expressões metafóricas referentes ao frame de guerra, o *ethos* de maior ocorrência foi o *de identificação*. Isso indica que para esse frame específico prevaleceram os efeitos emocionais (patêmicos). O apelo emocional é resultado de sentimentos partilhados pelo enunciador e pelo auditório. O *ethos* de credibilidade reforçado por um *ethos* de competente também se mostra produtivo em alguns exemplos. Observa-se, assim, que as expressões metafóricas podem funcionar ora como argumentos lógicos, ora como argumentos de manipulação patêmica, ora comportam-se de forma híbrida.

Quanto às metáforas orientacionais, o predomínio de expressões metafóricas continuam com um indicativo de movimento para a frente. Alguns exemplos, porém, indicam posicionamento para cima e para trás. Isso ocorre devido aos múltiplos posicionamentos

estratégicos em uma guerra. Ataque é para frente, já defesa é para trás e vitória pode ser para a frente ou para cima. Essas coordenadas de espaço/percurso contribuem para reforçar a construção do *ethos* de guerreira da presidente Dilma Rousseff, que intenta construir-se como alguém competente e preparada para atuar em qualquer posicionamento estratégico.

### 6.2.3. Análise do frame construção

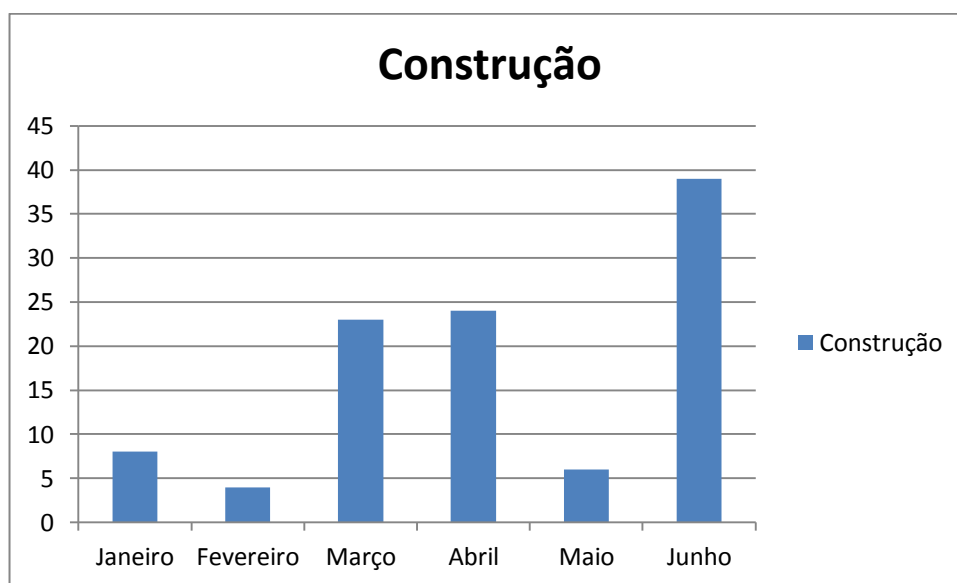


Gráfico 5: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame construção.

O frame *construção* foi o quinto mais produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas com um total de cento e quatro exemplos distribuídos da seguinte maneira: em janeiro, oito ocorrências; em fevereiro, quatro ocorrências; março com vinte e três ocorrências; abril teve vinte e quatro ocorrências; maio, seis ocorrências e junho, trinta e nove ocorrências. Para o frame *construção* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: obra, ferramentas, alicerce, empreitada, construção e reconstruir, exemplificadas e comentadas a seguir.

(55) “Venho para consolidar a **obra** transformadora do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, venho para consolidar a **obra** transformadora do Presidente Lula, com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, ao seu lado, nestes últimos anos.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (55), a expressão metafórica “obra” cria a imagem de uma construção, de um fazer. Logo, o governo Lula começou uma obra transformadora que o governo da presidente Dilma irá consolidar.. A escolha lexical do termo “obra” implica trabalho, ação. O fato de o termo “obra” estar associado à figura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também pode trazer à memória sua origem como operário.

Esse fato acarreta uma identificação direta com o auditório, pois o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi o primeiro presidente que representou a parcela de brasileiros trabalhadores de origem pobre. Ele foi o exemplo de que o pobre poderia chegar a lugares altos, de que poderia vencer. Esse exemplo contribui para a construção do *ethos* de solidariedade, pois enunciador e auditório compartilham das mesmas necessidades.

O *ethos* de solidariedade reforça o *ethos* de identificação que, por sua vez, estabelece um elo emocional (*pathos*) que contribui para o valor persuasivo do que foi dito. Em acréscimo, a presidente Dilma afirma que vem para consolidar a obra transformadora do ex-presidente Lula. A escolha lexical do termo “consolidar” implica tornar estável, firme, forte. O uso do termo “consolidar” associado ao termo “obra” passa uma ideia de continuidade e aperfeiçoamento. Não apenas de continuar o que o ex-presidente começou, mas também de melhorar contribuindo para a segurança do povo brasileiro. Isso implica um saber fazer que possibilita a construção de uma imagem (*ethos*) de competente que reforça o *ethos* de credibilidade garantindo o poder de argumentação da expressão metafórica.

(56) “Mas, igualmente, agregar novas **ferramentas** e novos valores.”[Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (56) a expressão metafórica “ferramentas” indica um meio para alcançar um resultado ou um instrumento necessário para auxiliar ou propiciar uma determinada atividade. O governo de Dilma Rousseff apresenta-se como o responsável por agregar novas “ferramentas e novos valores” à ação de governar. Busca construir, dessa forma, um *ethos* de competente, pela capacidade de fazer e de agregar novos valores, contribuindo suas opções para o fortalecimento do *ethos* de credibilidade.

(57) “Estou convencida de que a educação pública de qualidade é o **alicerce** insubstituível dessa **obra** soberana e democrática que estamos desenvolvendo

conjuntamente. A escola pública de qualidade é o espaço em que devem ser corrigidas as desigualdades, em benefício das nossas crianças e dos nossos jovens.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de outorga da Ordem Nacional do Mérito a educadoras brasileiras - Brasília/DF]

No exemplo (57) a expressão metafórica “alicerce” indica que a educação pública de qualidade é o fundamento para o progresso do Brasil. É por meio da educação pública de qualidade que ações de governo podem estruturar o crescimento do país. O *ethos* de competente é construído com base no saber e no conhecimento. Quem proporciona ao povo o exercício do saber e contribui para a aquisição do conhecimento com qualidade também constrói para si uma imagem de competente. Esse *ethos* de competente busca reforçar o *ethos* de credibilidade, conferindo valor argumentativo à expressão metafórica.

(58) “Então, posto que o Fundeb não banca esse período, porque o Censo não está pronto, eu quero comunicar aos prefeitos que nós vamos enviar uma medida provisória ao Congresso, porque nós vamos bancar com recursos do Ministério da Educação... (palmas) Obrigada! Nós vamos bancar, com os recursos do Ministério da Educação, esse interregno entre... até vocês receberem os recursos do Fundeb, justamente porque nós queremos que, neste programa, as coisas fluam de uma forma a garantir que as nossas crianças tenham as suas oportunidades garantidas. Até por que tem dois grandes agentes nessa **empreitada** que nós vamos encarar, nesse desafio que nós vamos assumir, que é [são] o professor e a professora. Nós temos de ter professor e professora de qualidade para lidar com crianças de zero a cinco anos, assim como temos de ter professor de qualidade no ensino básico em geral e nas universidades.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de termos de compromisso para construção de 718 creches do PAC 2 em 419 municípios e de entrega de novas unidades do ProInfância - Brasília/DF]

No exemplo (58) a expressão “empreitada” indica uma obra realizada por conta de outrem. A presidente refere-se a uma medida provisória na qual ela enviará recursos do Ministério da Educação para sanar os problemas causados pela ausência de verba do Fundeb à educação básica. Cria-se a imagem de alguém que quer resolver a situação e que apresenta “jogo de cintura”, ou seja, flexibilidade para lidar rápido com a situação da educação. As imagens (*éthe*) construídas são, mais uma vez, de séria e competente que contribuem para o fortalecimento do *ethos* de credibilidade; há também o de caráter e o de solidariedade que contribuem para o fortalecimento de *ethos* de identificação.

(59) “É verdade que nós incluimos, nos últimos anos, milhões e milhões de brasileiros que estavam esquecidos, que estavam à margem da história. É verdade também que era imprescindível incorporar esses brasileiros na **construção** de um novo Brasil, dando a eles, ao mesmo tempo, a alegria - porque há alegria nisso - e a esperança

de **reconstruir** suas próprias vidas.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza – Brasil sem Miséria - Brasília/DF]

No exemplo (59) as expressões metafóricas “construção” e “reconstruir” indicam uma mudança significativa para a população do Brasil. Primeiro, “construção” pressupõe a ação de reunir os cidadãos brasileiros sob o governo de Dilma Rousseff, formando um todo voltado para a estruturação do Brasil. Como efeito dessa união para a construção de um novo país, os brasileiros passam a restaurar suas próprias vidas. Nesse exemplo, pode-se observar tanto o *ethos* de credibilidade quanto o *ethos* de identificação. O *ethos* de credibilidade em virtude da imagem de competente pelo *saber fazer* está implícito nesta ação. E há o *ethos* de identificação pela imagem de solidariedade já que governo e população compartilham as mesmas necessidades e os mesmos anseios: a reestruturação do país.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Ferramentas	Credibilidade (competente)	
Alicerce Obra	Credibilidade (competente)	Para cima
Empreitada	Credibilidade (competente/sério) Identificação (caráter / moderação)	Para cima
Construção Reconstruir	Credibilidade (competente) Identificação (solidariedade)	Para cima

Quadro 3: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no *frame* construção.

A tabela indica que houve um predomínio do *ethos* de credibilidade no que se refere ao *frame* construção. A imagem de credibilidade está sendo construída e reforçada pela imagem de competente, imagem de quem sabe fazer o que se propõe. E a imagem de identificação é construída pelas imagens de caráter e solidariedade. Quanto às metáforas orientacionais, o termo “ferramentas” não apresenta nenhum tipo de direcionamento quanto à orientação espacial, mas o conteúdo semântico das ocorrências de outros termos apresenta direcionamento para cima, como *construção*, por exemplo.

Logo, o frame como um todo orienta que o governo de Dilma levará o Brasil para uma posição mais elevada do que a atual.

#### 6.2.4. Análise do frame mazelas

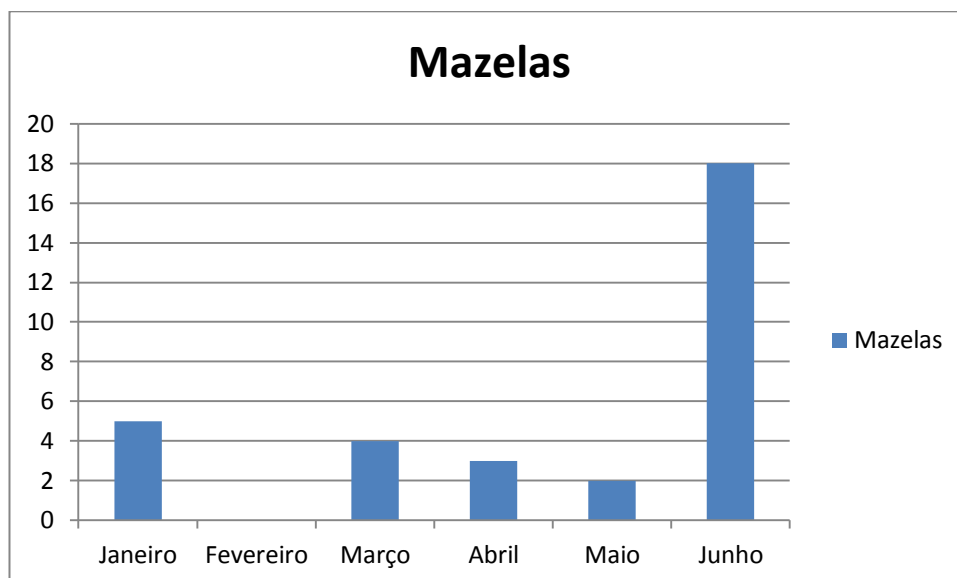


Gráfico 6: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame mazelas.

O frame *mazelas* foi o menos produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas, com um total de trinta e dois exemplos, distribuídos da seguinte maneira: em janeiro houve cinco ocorrências; fevereiro, nenhuma ocorrência; março, quatro ocorrências; abril, três ocorrências; maio, duas ocorrências; e junho, dezoito ocorrências. Para o frame *mazelas* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: praga, sufoca, sombra, atraso e câncer.

(60) “A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações.

É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e do desenvolvimento regional.

Isso significa – reitero – manter a estabilidade econômica como valor. Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa **praga** volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.”[Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

Vale ressaltar que o único frame encontrado com valor negativo (mazelas) refere-se à construção de uma imagem que não representa diretamente o governo da presidente Dilma Rousseff, mas representa as oposições, os obstáculos e adversidades encontrados no exercício da presidência. No exemplo (60) a inflação é uma praga. A imagem criada é de que a inflação é algo devastador. A escolha do item lexical “praga” faz referência a uma maldição, calamidade. A associação do termo “praga” ao verbo “corroer” pode apresentar uma relação com as pragas de lavoura que trazem grande prejuízo aos agricultores. Nesse exemplo, a imagem da presidente Dilma é construída como alguém que impedirá a ação dessa praga (inflação).

Pode-se observar a construção de um *ethos* de identificação e de um *ethos* de busca de credibilidade. O *ethos* de identificação é construído a partir do *ethos* de chefe. A imagem de chefe representada é a de guia-profeta, pois há uma promessa de guiar o país para um futuro melhor. O efeito possivelmente criado pelo *pathos* no auditório é de confiança e segurança. O *ethos* de credibilidade, por sua vez, é construído a partir do *ethos* de competente. A relação *ethos* e *pathos* está presente em uma mesma expressão metafórica.

(61) “Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que **sufoca** qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (61) a expressão metafórica “sufoca” indica a ação dos países ricos que provocam uma situação muito difícil que gera angústia e pode até provocar a *morte* da economia do Brasil. É um adversário que precisa ser derrotado para que a economia do país possa se desenvolver. A presidente afirma que seu governo não fará a menor concessão ao protecionismo desses países que atrapalham a economia brasileira. Cria-se uma imagem (*ethos*) de resistência diante da dificuldade. Essa resistência diante das dificuldades caracteriza o *ethos* de sério que, por sua vez, caracteriza o *ethos* de credibilidade.

(62) “Essa **sombra** chamada Holocausto, inaugurou uma das mais lamentáveis violências do homem contra o homem na história da Humanidade. E uma violência especial, porque era uma violência que pela primeira vez combinava o uso da força, o emprego da dor e, ao mesmo tempo, a desumanização do considerado adversário ou daquele que era objeto de extermínio.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto - Porto Alegre/RS]

No exemplo (62) a expressão metafórica “sombra” indica algo em que falta luz. O Holocausto é representado como a escuridão, um fantasma, horrendo e assustador. Encarna a ideia símbolo de violência, que deve ser eliminada da mente e do coração das pessoas. O esforço da presidente é para derrotar mais um adversário que é a violência de modo geral, exemplificado na figura do holocausto. O *ethos* construído é o de solidariedade devido à aproximação entre a presidente e as vítimas de violência. Não se deve esquecer o fato de a presidente ter sido torturada durante a ditadura, o que aumenta a força do *ethos* de solidariedade, base para o *ethos* de identificação. Assim, o argumento da expressão metafórica é um argumento de manipulação patêmica que implica apelo emocional.

(63) “É este o modelo que eu comecei a construir junto com o presidente Lula, e que tenho energia e força para - como presidente - continuar aperfeiçoando e ampliando. O modelo, eu faço questão de repetir, que tem um compromisso profundo com os mais pobres e com a classe média. Como eu disse no meu discurso de posse, temos que combater a miséria, que é **a forma mais trágica de atraso** e, ao mesmo tempo, avançar, investindo em áreas sofisticadas, como é o caso da inovação, da ciência, da pesquisa científica e tecnológica.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza – Brasil sem Miséria - Brasília/DF]

No exemplo (63) a expressão metafórica “atraso” indica que a *miséria* é a responsável pela falta de desenvolvimento no país. A miséria é comparada a uma *calamidade*, o maior impedimento para o crescimento da economia. Novamente a miséria aparece como um adversário que precisa ser combatido. Ao combater a miséria a presidente Dilma Rousseff cria uma imagem (*ethos*) de coragem que possibilita a construção do *ethos* de caráter que, mais uma vez, busca orientar para um *ethos* de identificação. Trata-se, portanto, de um apelo emocional que une os sentimentos de sofrimento e luta compartilhados com as pessoas menos favorecidas.

(64) “Porque nós temos certeza de que o Brasil vai crescer, e vai crescer a taxas sustentáveis daqui para frente. Nós temos tudo para crescer, nós somos um país que vai controlar a inflação, não vai deixar ela sair do controle. Nós sabemos que a inflação é como um **câncer**: ela corrói o tecido econômico e corrói o tecido social, ela diminui a renda de toda a população. Por isso, nós não teremos contemplação com a inflação.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da implantação do Terminal de Regaseificação de Gás Natural Liquefeito (GNL) da Bahia - Salvador/BA]



No exemplo (64) a expressão metafórica “câncer” refere-se à inflação. Esta é comparada a um tumor maligno que destrói a economia e a sociedade. A imagem que a presidente constrói é a de alguém capaz de controlar a inflação. Seu governo é mostrado como um remédio para a doença que impede a economia do Brasil de crescer. Isso contribui para a construção da imagem (*ethos*) de séria, pelo poder de controle como também da de competente, pelo fato de querer e poder fazer isso. Ambos *éthe* contribuem para o fortalecimento de *ethos* de credibilidade que reforça o valor argumentativo do discurso.

(65) “O Brasil se situa à margem de esquemas hegemônicos de poder. Não somos caudatários de grandes potências, nem **prisioneiros** de preconceitos que opõem civilizações. Com espírito aberto e construtivo, procuramos abrir caminhos que conduzam ao diálogo, pois é dele que advêm o entendimento e a paz.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido ao primeiro-ministro da Suécia, Fredrik Reinfeldt - Brasília/DF]

No exemplo (65) a expressão metafórica “prisioneiros” refere-se ao povo brasileiro. A presidente afirma que não somos *prisioneiros* de preconceitos os quais opõem civilizações; ela pretende estabelecer uma aproximação entre o Brasil e a Suécia. Fica implícito que, se não somos prisioneiros, somos, então, livres de preconceitos. Isso cria uma imagem de povo cordial. O *ethos* de cordialidade está atrelado ao *ethos* de caráter que possibilita um *ethos* de identificação. Assim, a argumentação é efetivada mais uma vez pelo apelo patêmico.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Sufoca	Credibilidade (sério)	
Sombra	Identificação (solidariedade)	Para baixo
Atraso	Identificação (caráter / firmeza, coragem)	Para trás
Câncer	Credibilidade (sério / competente) Identificação (solidariedade)	
Prisioneiros	Identificação (cordialidade)	

Quadro 4: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame mazelas.

O quadro indica que, entre os *ethé* construídos com base no frame mazelas, houve a preferência pela construção da imagem da presidente por meio do *ethos* de identificação por meio de apelos emocionais principalmente por sentimentos de solidariedade, cordialidade, firmeza e coragem para destruir os adversários ou torná-los parceiros. De qualquer modo, a construção do *ethos* de credibilidade também se fez presente principalmente pelos *ethé* de sério e competente. Quanto às metáforas orientacionais, embora alguns exemplos não especifiquem orientação espacial, pode-se dizer que tanto “sombra” refere-se a uma posição para baixo quanto “atraso” que se relaciona a “para trás”. São essas posições negativas que reforçam os obstáculos e adversidades causados pelas mazelas, mas que são enfrentadas pelo governo de Rousseff.

#### 6.2.5. Análise do frame corpo humano

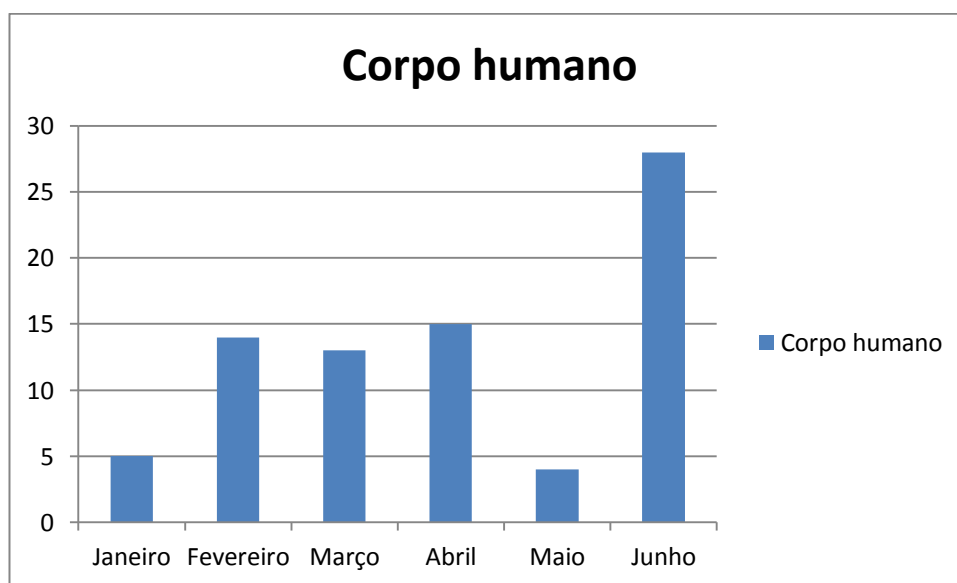


Gráfico 7: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame corpo humano.

O frame *corpo humano* foi o sexto mais produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas com um total de setenta e nove exemplos, distribuídos da seguinte maneira: em janeiro houve cinco ocorrências; fevereiro, catorze ocorrências; março, treze ocorrências; abril, quinze ocorrências; maio, quatro

ocorrências; e junho, vinte e oito ocorrências. Para o frame *corpo humano* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: coração, alma, mão, braços, pés, útero, perna e dedo.

(66) “Esse é um agradecimento muito importante, porque ele compõe e integra o **coração** do projeto que eu representei nessas eleições, que foi um projeto de desenvolvimento com inclusão social, um projeto que pensava, que vivia e que se determinou a alterar as desigualdades regionais e sociais do Brasil.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do XII Fórum dos Governadores do Nordeste - Aracaju/SE]

No exemplo (66), observa-se o coração que é o órgão central do corpo humano responsável por bombear a sangue mantendo a circulação e a vida. E, metaforicamente, responsável pelos sentimentos, pela emoção. A escolha lexical pelo termo “coração” mostra que o governo de Dilma Rousseff também é um governo que apresenta sentimento. Cria-se a imagem de um governo que ama os menos favorecidos. A palavra “coração” poderia ser trocada pela palavra “centro” ou “base” sem comprometer o entendimento. Entretanto, a expressão metafórica “coração” traz em si uma série de informações implícitas que outra escolha vocabular não englobaria. Nesse contexto cria-se a imagem (*ethos*) de humanidade que reforça o *ethos* de identificação. Trata-se de um argumento com apelo emocional para persuadir o auditório. Logo, a escolha lexical está diretamente relacionada ao efeito patêmico que acarreta valor argumentativo.

(67) “Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu **coração** para receber, neste momento, uma centelha da sua imensa energia.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (67), a expressão metafórica “coração” indica que a presidente Dilma Rousseff está emocionada com o compromisso de exercer a função de presidente. Cria-se a imagem de uma mulher que apresenta um lado afetivo voltado para sua função. Na sociedade brasileira, geralmente, os homens são considerados pela sua força e as mulheres pela sensibilidade, ou seja, pelo lado emocional. A presidente afirma que tem a força e o exemplo da mulher brasileira. A imagem de virtuosa também é construída por ela, pois afirma que segue o exemplo da mulher brasileira. Essa imagem reforça o *ethos* de credibilidade. Observa-se, ainda, o *ethos* de solidariedade, por compartilhar ela mesma das mesmas necessidades de uma mulher comum, a quem

oferece aberto seu coração. O *ethos* de solidariedade compõe o *ethos* de identificação partilhado com o auditório.

(68) “Mas o caminho para uma nação desenvolvida não está somente no campo econômico ou no campo do desenvolvimento econômico pura e simplesmente. Ele pressupõe o avanço social e a valorização da nossa imensa diversidade cultural. A cultura é a **alma** de um povo, essência de sua identidade.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (68) a expressão metafórica “alma” personifica o termo “cultura”, já que apenas os seres humanos possuem alma. A presidente afirma que a cultura é alma, ou seja, a essência de um povo, e que, além da economia, é preciso desenvolver a cultura do país. A imagem (*ethos*) de chefe é construída pelo direcionamento dado ao desenvolvimento e a valorização de nossa imensa diversidade cultural. A figura de guia se adequa à imagem de Dilma Rousseff pelo caráter agregador com que pretende trataras diferenças sociais. O *ethos* de chefe está vinculado ao *ethos* de identificação que tende a estabelecer elos emocionais capazes de persuadir o auditório.

(69) “Mais uma vez estendo minha **mão** aos partidos de oposição e às parcelas da sociedade que não estiveram conosco na recente jornada eleitoral. Não haverá de minha parte e do meu governo discriminação, privilégios ou compadrio.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (69) a expressão metonímica e metafórica “estendo minha mão” indica que a presidente está disposta a se relacionar com os partidos de oposição, assim como com todos os que não votaram nela para presidente. Com base nessa atitude, os *ethé* de humanidade e de generosidade buscam ser construídos, por meio de uma “trégua” no que foi dito. Como efeito de sentido, há uma aproximação com os seus adversários e opositores e esse *ethos* de humanidade serve de fundamento para o *ethos* de identificação. Assim, o efeito do discurso é a construção de uma imagem de generosidade que resulta em tentativa de persuadir os opositores para transformá-los em aliados.

(70) “E é por isso, que esse Programa, além de transferir renda através do Bolsa Família, além de procurar aposentado no campo que nem sabe que tem direito a aposentadoria e dar o direito a ele, porque o direito é dele, esse Programa, o que ele quer é fazer com que o Brasil use toda a sua riqueza, use toda a sua riqueza, trazendo para a civilização, trazendo para a vida melhor, trazendo para ter refeição digna mais 16

milhões de brasileiros. Com isso, todos nós ganhamos, e ao invés do Estado ficar esperando de **braços** cruzados que o pobre ache uma porta de entrada e uma conversa com o Estado, nós é que vamos correr atrás do pobre para que ele tenha o seu direito reconhecido.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de batismo da Plataforma P-56 - Angra dos Reis/RJ]

No exemplo (70) a expressão metafórica “de braços cruzados” indica que o governo não ficará estático diante do problema da pobreza. Pelo contrário, será o responsável por criar oportunidades para que o pobre consiga melhorar de vida. A imagem de séria é construída pela presença atuante do governo diante das dificuldades. O *ethos* de séria reforça o *ethos* de credibilidade conferindo valor argumentativo à expressão metafórica.

(71) “Os brasileiros recuperaram sua autoestima nesse período, de forma inequívoca. Todos nós, e cada um em particular, deixamos de ver o Brasil como um país pequeno, impotente diante de seus desafios históricos. O Brasil se levantou sobre seus próprios **pés**.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura da Turma 2009-2011 do Instituto Rio Branco - Brasília/DF]

No exemplo (71) a expressão metafórica “pés” personifica o Brasil. Quando a presidente afirma que o Brasil se levantou sobre seus próprios pés isso indica que o país foi autossuficiente e prosperou sem nenhuma ajuda externa. Fica implícito que o país se reergueu durante o governo da presidente. Esse fato possibilita a construção de uma imagem (*ethos*) de competente que reforça o *ethos* de credibilidade. A metáfora orientacional indica uma posição para cima pelo uso do substantivo “pés” relacionado ao verbo na forma “levantou”. Embora os pés estejam em uma posição inferior em relação ao corpo humano, nesse caso especificamente indicam uma ação para cima devido ao contexto situacional. Mais uma vez, o governo de Dilma Rousseff mostra-se responsável por conduzir o país para uma posição mais alta, elevada.

(72) “E quero dizer para vocês, primeiro, que eu me sinto uma de vocês, porque, no dia 19 de dezembro de 2006, eu recebi lá na Assembleia Legislativa, o título de cidadã amazonense. Daí porque eu sou amazônida também, e isso muito me orgulha, e me fez compartilhar a benção que é pertencer a isso, que eu acho que foi a Daniela que falou, que é o **útero** do Brasil. E eu vou te dizer viu, Daniela, é do Brasil e do mundo. Mas é, sobretudo, um dos mais valiosos patrimônios do nosso país. Eu acredito que aqui, na região Norte, está o que é a possibilidade de a gente construir um país do futuro. Um país que respeite o meio ambiente, que assegure a integridade da nossa floresta, que assegure a nossa biodiversidade e, ao mesmo tempo, seja um país que saiba que aqui vivem 20 milhões de brasileiros e que esses brasileiros tem o mesmo direito de todos os brasileiros, de uma vida melhor.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Programa de Fortalecimento da Rede de

No exemplo (72) a expressão metafórica “útero” indica o órgão feminino responsável por gerar filhos. A presidente se apropria do discurso de outrem para reafirmar que a Amazônia é o útero do Brasil. A escolha lexical marca o caráter afetivo intrínseco ao vocábulo “útero”. Esse termo poderia ser substituído de forma a apresentar um valor semântico de neutralidade pelo vocábulo “centro”. Entretanto, a palavra “útero” traz uma série de informações implícitas, assim como uma carga semântica afetiva muito forte. Somente uma mulher tem útero. Esse útero é responsável por gerar filhos. O útero transforma uma mulher em mãe. Em consequência disso, a Amazônia apresenta uma imagem (*ethos*) de estado livre e soberano, pois é um estado altamente fértil e produtivo. Essa capacidade de produção implica um saber fazer que compõe o *ethos* de credibilidade. A imagem construída faz jus tanto ao estado da Amazônia quanto à presidente Dilma Rousseff que o representa.

(73) “Acredito, Governador, que é muito importante a extensão deste gasoduto na região, a chegada do gás em Uberlândia e em toda esta região, não só para este projeto, mas para outros projetos que será possível construir aqui. E aí eu queria dizer que o estado está de parabéns, a Cemig está de parabéns também, na construção e viabilização daquele trecho, aquela “perna” do gasoduto que viabiliza a chegada do gás até Uberaba. E aqui nós vamos ter um dos principais, senão o principal, polo brasileiro de fertilizantes fosfatados, o que vai ser muito importante de ser combinado com todo o esforço que tem sido feito no Brasil para que nós tenhamos uma taxa de crescimento que não seja aquela do voo da galinha: em um ano a gente cresce, no outro ano a gente para; em um ano a gente cresce, no outro ano a gente para. Não! Nós queremos um crescimento constante para que o que o Governador estava me dizendo hoje, se mantenha. Vai ter anos que nós vamos crescer muito mais, mas nós queremos manter um patamar de crescimento. O Governador estava me dizendo que o crescimento aqui, o PIB de Minas Gerais, de 2010, é um PIB “chinês”. Dez por cento, não é, Governador? 10,9%. Um PIB “chinês”. [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de Protocolo de Intenções entre o governo de MG, Petrobras e Cemig para a implantação de gasoduto e Unidade de Fertilizantes Nitrogenados - Uberaba/MG]

No exemplo (73) a expressão metafórica “perna” personifica o gasoduto. A escolha lexical “perna” poderia ser substituída pelo termo “segmento”. O vocábulo “perna” associado ao verbo “chegar” constrói uma imagem de ação / locomoção do governo. É como se governo, pelo gasoduto estivesse em ação, em movimento. O *ethos* implícito nesse exemplo é o *ethos* de competente, pois mostra que o governo possibilitou a expansão do gasoduto devido ao conhecimento técnico adquirido. O

exemplo da construção de uma “perna do gasoduto” reforça o *ethos* de competente e ajuda a construção do *ethos* de credibilidade que reforça o poder de argumentação do discurso.

(74) “Aqueles que nos apontam, muitas vezes, tentando uma competição desleal, dizendo que nós estamos produzindo, como aqui os empresários da cana-de-açúcar já passaram e já sofreram, nos **apontam o dedo** dizendo: “vocês estão desmatando a Amazônia e produzindo cana-de-açúcar”, são aqueles que tentam essa forma de competição desleal. Nós, que atuamos nos fóruns internacionais, sempre desconstruímos essas críticas lembrando a nossa produtividade na produção de cana e a nossa produtividade na produção de etanol. Lembrando sempre, também, que nós produzíamos cana, a região de maior produção de cana, a região do Sudeste e do Centro-Oeste deste país distava da Amazônia como Lisboa distava de Moscou, para permitir que se tivesse o mínimo de visão a respeito de uma questão que era utilizada, principalmente, para tentar diminuir a nossa importância nessa área. Mas por que essa área é importante? Porque nós somos, de fato, o país com a matriz energética mais renovável. A matriz energética mais renovável, na área elétrica, depende da água, mas, na questão da matriz de combustíveis, depende do etanol, da agricultura e, portanto, depende desse casamento bem feito entre agricultura, indústria e área energética.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2011-2012 - Ribeirão Preto/SP]

No exemplo (74) a expressão metafórica “apontam o dedo”<sup>2</sup> refere-se aos opositores do governo de Dilma Rousseff. Isso indica que o governo da presidente recebe críticas referentes aos projetos do governo para a Amazônia. A imagem (*ethos*) implícita construída é de alguém capaz de rebater as críticas. Observa-se, então, o *ethos* de competente, pois a presidente demonstra um saber capaz de desconstruir as críticas lançadas contra o seu governo. Desse modo, o *ethos* de credibilidade é estabelecido possibilitando maior eficiência na argumentação.

---

<sup>2</sup> O exemplo (74) apresenta a ocorrência de metáfora e metonímia simultaneamente. A expressão “apontam o dedo” é um exemplo de metonímia da parte pelo todo. E, é um exemplo de metáfora, pois apresenta o sentido de acusar. Vale ressaltar que só foi considerado na análise o aspecto metafórico do exemplo em questão. Pois, os exemplos metonímicos não foram considerados na análise deste trabalho.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Coração	Credibilidade (virtuoso) Identificação (solidariedade)	Para dentro
Alma	Identificação (chefe – guia-pastor)	Para dentro
Mão	Identificação (humanidade)	Para cima
Braços	Credibilidade (sério)	Para cima
Pés	Credibilidade (competente)	Para baixo (cima)
Útero	Credibilidade (competente)	Para dentro
Perna	Credibilidade (competente)	Para baixo
Dedo	Credibilidade (competente)	Para cima / baixo

Quadro 5: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame corpo humano.

O quadro indica que em relação ao frame *corpo humano* houve o predomínio do *ethos* de credibilidade por meio do *ethos* de competente. Isso reforça o valor argumentativo adquirido pelo discurso por meio das expressões metafóricas utilizadas. Quanto à metáfora orientacional, as posições foram estabelecidas tendo como base a posição dos órgãos e membros em relação ao corpo humano.

Desse modo, útero e coração são considerados como órgãos internos ao corpo. A alma também foi considerada como parte interna ao corpo, embora não seja um órgão. Mão e braços foram posicionados para cima por serem membros superiores e *perna e pés*, embora indiquem membros inferiores, são citados como metáforas do empreendimento – perna - ou de sustentação e impulso para cima - pés. Por isso, *pés*, no exemplo analisado, recebe a influência do verbo *levantar* que confere ao substantivo um posicionamento positivo para cima. Tudo isso contribui para a ideia de movimento, de locomoção, que ocorre de baixo para cima e sempre para frente, para o



desenvolvimento. Assim, cria-se a imagem de um país em processo de mudança, de transformação.

#### 6.2.6. Análise do frame jogo

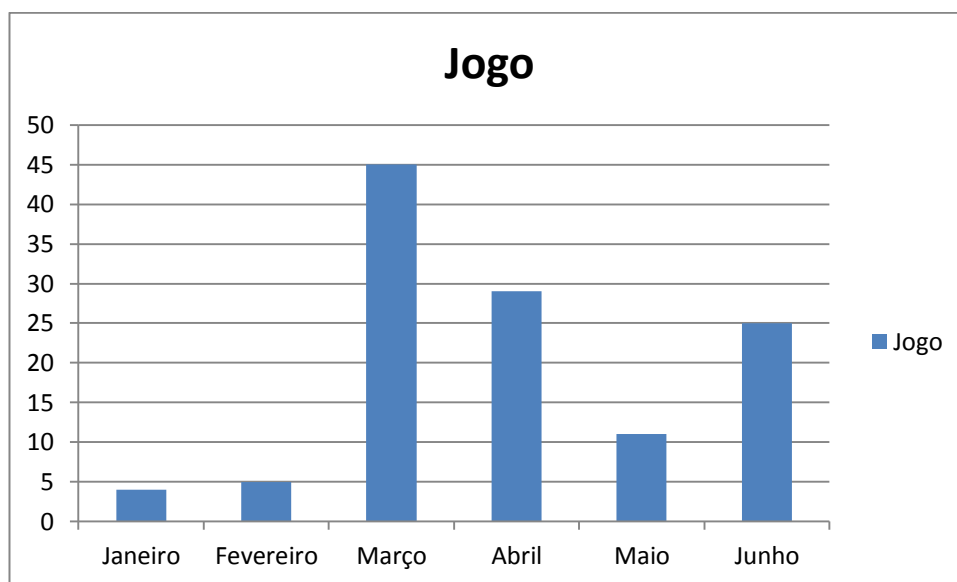


Gráfico 8: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame jogo.

O frame *jogo* foi o quarto mais produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas com um total de cento e dezenove exemplos distribuídos da seguinte maneira: em janeiro houve quatro ocorrências; fevereiro, cinco ocorrência; março, quarenta e cinco ocorrências; abril, vinte e nove ocorrências; maio, onze ocorrências; e junho, vinte e cinco ocorrências. Para o frame jogo apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: campeões, mapa da mina, roda, apostar, bola, remar e jogo.

(75) “Para mim, é um momento muito importante e é um privilégio reunir nesta Câmara alguns dos maiores especialistas em planejamento estratégico, em gestão de negócios e em gestão de pessoas. É, como disse a ministra Miriam Belchior, um **time de craques**, um **time de campeões**.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de instalação da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade - Brasília/DF]

O exemplo (75) refere-se à metáfora de competição, esporte, jogo. As expressões metafóricas “time de craques” e “time de campeões” criam a imagem de que

o governo é um jogo, uma competição. A escolha lexical pelo termo “time” sugere que os governantes, nesse caso, deputados e ministros estão todos com o mesmo propósito, com o mesmo objetivo. As palavras “craques” e “campeões” sugerem que esses governantes são os melhores e bem sucedidos. Assim, o governo da presidente Dilma é um governo unido e um governo capaz de vencer os obstáculos que se apresentarem.

Disso, decorrem muitos *éthe*. Entre os *éthe* de credibilidade, pode-se perceber a construção do *ethos* de séria pela promessa de um governo presente diante das adversidades; do *ethos* de virtuosa por promover a união entre os governantes; e de competente porque essas ações pressupõem um saber e um saber fazer. Entre os *ethé* de identificação, pode-se perceber o *ethos* de caráter pela moderação; e o *ethos* de chefe pela imagem de guia-pastor que é agregador. A identificação direta com o auditório também ocorre pela associação dos vocábulos “time”, “craques” e “campeões” que fazem referência ao jogo de futebol que é um dos esportes de maior preferência popular. Com essas escolhas lexicais consegue-se um efeito de aproximação direta do enunciador com o auditório devido aos efeitos emocionais (patêmicos) provocados por compartilhar o gosto pelo futebol.

(76) “Somos e seremos os **campeões** mundiais de energia limpa, um país que sempre saberá crescer de forma saudável e equilibrada.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

O exemplo (76) apresenta a expressão metafórica “campeões”. Esse termo indica que houve algum tipo de competição e que houve vitória devido ao esforço de alguém que foi superior aos demais. Nesse caso, a vitória sugerida consiste em utilizar a energia de maneira sustentável. Isso possibilita a construção de uma imagem de que o Brasil é superior aos outros países no que se refere ao uso consciente de energia. Pode-se perceber a construção do *ethos* de competente para o governo, pelas ações que pressupõem um saber e um saber fazer. Além disso, percebe-se, também, um *ethos* de virtuoso, ou de cuidado com a natureza. Ambos conferem uma imagem de credibilidade reforçando o poder da argumentação. Quanto à orientação espacial, o termo campeão é sempre voltado para cima, o que indica crescimento.

(77) “Bom, essas propostas, que eu acho que nós temos de nos deter, eu não tenho todo o “**mapa da mina**”, mas para que a gente possa manter e acelerar o desenvolvimento do nosso Nordeste, eu queria destacar algumas questões.” [Discurso

da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do XII Fórum dos Governadores do Nordeste - Aracaju/SE]

No exemplo (77) a expressão metafórica “o mapa da mina” refere-se à possibilidade de conhecer o caminho que leva a algum tesouro. Nesse caso, indica que a presidente não tem a resposta para tudo e não é capaz de dar conta de solucionar todos os problemas que se colocam diante do governo dela. Parece, a princípio, uma imagem negativa. Entretanto, isso mostra uma capacidade de selecionar as prioridades, ou seja, de determinar o que deve ser resolvido primeiro. Essa capacidade de focar na resolução daquilo que é mais emergencial confere-lhe uma habilidade que contribui para a construção do *ethos* de competente. Este, por sua vez, contribui para a construção do *ethos* de credibilidade.

(78) “E, ao mesmo tempo, nós iremos manter este país crescendo. Porque este país, este nosso país precisa – e nós sabemos disso, cada um de nós sabe, a dona de casa sabe, o senhor aqui presente sabe que a gente precisa – gerar empregos e que, quando o Brasil gera empregos, quando, como disse o Jaques Wagner, a **roda** da economia gira, lá no interior, pelo dinheiro do Bolsa Família, pelas compras que a gente faz, no Programa de Aquisição de Alimentos, pela agricultura familiar, pelo fato de a Petrobras construir aqui um terminal de GNL, pelo fato de nós estarmos construindo a Transnordestina, pelo fato de a gente construir aqui, na Bahia, a ferrovia de integração Oeste-Leste. Tudo isso significa uma coisa: significa emprego, significa trabalho, significa vida digna. Mas, sobretudo, significa também cidadania, porque nós queremos que os nossos... os nossos queridos concidadãos, as nossas queridas companheiras mulheres sejam capazes de ter visão crítica, de ser capazes de questionar, de ser capazes de dizer o que querem, porque também este país é uma grande democracia, sim, que nós queremos que ele continue.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da implantação do Terminal de Regaseificação de Gás Natural Liquefeito (GNL) da Bahia - Salvador/BA]

No exemplo (78) a expressão metafórica “roda” está associada ao termo “economia”. Roda geralmente gira em torno de um eixo. Esse exemplo refere-se à economia que se movimenta no interior. Essa movimentação se dá em torno do eixo que são os programas sociais de governo de Dilma Rousseff. Segundo o discurso, graças a esses programas houve um aumento na movimentação econômica do país, principalmente em lugares onde isso não era possível. A presidente utiliza as palavras de outrem para reafirmar isso. O *ethos* de competência é construído, pois são os programas de governo os responsáveis por essa movimentação. Assim, a imagem de credibilidade está fortalecida contribuindo para a eficiência da argumentação.

(79) “Queria cumprimentar cada um dos prefeitos e das prefeitas, e todos os secretários municipais de Educação que, junto com os prefeitos e as prefeitas, são quem vai levar até a população do nosso país – até as crianças, as mães, os pais –, vai levar este nosso compromisso de fazer com que o país avance, porque investir em criança é **apostar** no futuro e, ao mesmo tempo, é consolidar o nosso presente, na medida em que a gente modifica, de forma radical, o cenário de oportunidades do nosso país.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de assinatura de termos de compromisso para construção de 718 creches do PAC 2 em 419 municípios e de entrega de novas unidades do ProInfância - Brasília/DF]

No exemplo (79) a expressão metafórica “apostar” implica correr riscos. Porém, corre-se o risco confiando no sucesso, na vitória do jogo. O investimento nas crianças é comparado a uma aposta no futuro. Apesar de o futuro ser um tempo incerto, há a esperança de que tudo dará certo. Por meio dessa expressão metafórica, constrói-se uma imagem (*ethos*) de coragem que está atrelada a imagem (*ethos*) de caráter que, por sua vez, está relacionada ao *ethos* de identificação. Assim se estabelece um elo emocional, pois mostra um sentimento comum com as pessoas que não têm medo de tomar as atitudes necessárias, mesmo que envolvam algum tipo de risco.

(80) “Eu ajudei nesses oito anos, mas agora a **bola** está conosco, com os homens e as mulheres – e sobretudo com as mulheres. Porque a mulher sabe de duas coisas também: sabe ter coragem – porque não é uma mulher sem coragem aquela que acorda todo dia de manhã, arruma os filhos, assegura que eles tenham comida, providencia educação, solta os meninos para a escola, encara o trabalho do dia a dia, encara a sua profissão. Mas também, além da coragem, eu acho que a mulher tem uma outra coisa: ela tem carinho. Ela cuida, ela protege, ela dá amor, e ela apoia e incentiva.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início do Mês da Mulher: Trabalho e Cidadania - Salvador/BA]

No exemplo (80) a expressão metafórica “bola” faz referência ao governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao governo de Dilma Rousseff. O termo “bola” representa a transição de um governo para o outro, a continuidade entre eles. Bola também faz alusão ao futebol que é o esporte de maior preferência no Brasil. Com isso, consegue-se um efeito de aproximação entre enunciador e auditório de forma direta em decorrência do sentimento de amor ao futebol. Por compartilharem do mesmo sentimento a imagem de solidariedade é construída no discurso por meio das inferências semânticas que o termo “bola” pode acarretar. Assim, fica destacado o *ethos* de identificação que contribui para a persuasão do auditório.

(81) “Mas, seria terrivelmente injusto não mencionar que sempre houve brasileiros brilhantes, destemidos, corajosos que **remaram contra essa maré** de

insensibilidade e indiferença. Dos abolicionistas do século XIX aos movimentos sociais e sindicais do final do século XX; dos escritores modernistas, dos pensadores sociais dos anos 30 aos intelectuais contemporâneos; dos políticos reformadores do século XX, passando pelas lideranças socialmente comprometidas dos dias atuais, nós temos de reconhecer que muitos deles, muitos deles contribuíram para que nós chegássemos até aqui.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza – Brasil sem Miséria - Brasília/DF]

No exemplo (81) a expressão metafórica “remaram contra a maré” indica que os brasileiros tiveram muitas situações contrárias, mas não se intimidaram com elas. Isso mostra que os brasileiros apresentam coragem para vencer as adversidades desde muito tempo. É como se isso já estivesse internalizado em todos os brasileiros. A imagem construída por esse discurso é uma imagem de coragem e solidariedade, já que essa característica é compartilhada por todos. Tem-se, assim, o *ethos* de caráter e o *ethos* de solidariedade contribuindo para a consolidação do *ethos* de identificação. O *ethos* de identificação é responsável pelos efeitos emocionais (patêmicos) no auditório.

(82) “É do **jogo** democrático que enfrentemos a oposição, ministra Gleisi, quase sempre ruidosa, nem sempre justa. A pressão e as críticas são da regra democrática, e não vão inibir a ação do meu governo. Jamais ficaremos paralisados diante de embates políticos. Sabemos travar o debate e, ao mesmo tempo, governar. Temos promessas a cumprir, e vamos cumpri-las; temos programas a executar, e vamos executá-los, com rigor e com dedicação.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse da ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República, Gleisi Hoffmann - Brasília/DF]

No exemplo (82) a expressão metafórica “jogo” indica que no governo da Presidente Dilma Rousseff a política é comparada a um jogo no qual existem adversários que precisam ser enfrentados. A política é uma competição, um confronto. A imagem (*ethos*) de competente é construída com base no conhecimento e na habilidade para enfrentar o adversário e *jogar* o jogo político reforçando, assim, o *ethos* de credibilidade.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Campeões	Credibilidade (competente)	Para cima
Mapa da mina	Credibilidade (competente)	
Roda	Credibilidade (competente)	
Apostar	Identificação (caráter – coragem)	Para frente
Bola	Identificação (solidariedade)	
Remaram contra a maré	Identificação (caráter / solidariedade)	Para frente
Jogo	Credibilidade (competente)	

Quadro 6: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame jogo.

O quadro indica que o frame jogo apresenta expressões metafóricas que possibilitam a construção de imagens (*éthe*) tanto de credibilidade quanto de identificação. Não há uma diferença muito grande entre essas imagens, embora a credibilidade ainda seja mais presente do que a identificação. Quanto às metáforas orientacionais, não foi possível identificar nos exemplos, mas ressalte-se o conteúdo dos verbos *apostar* e *remar* que são direcionados para frente e o substantivo *campeões* que é direcionado para cima.

### 6.2.7. Análise do frame mãe

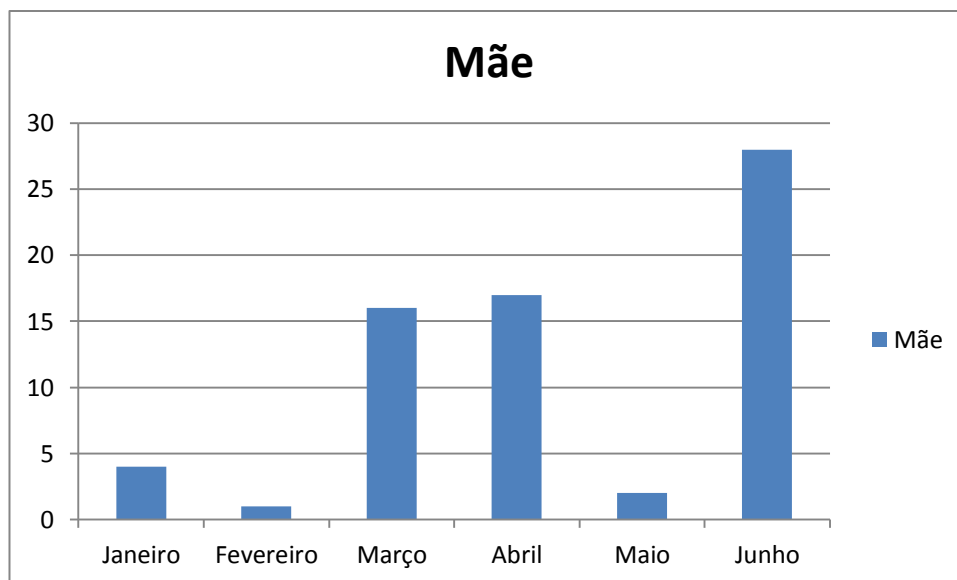


Gráfico 9: Número de ocorrências de expressões metafóricas do frame mãe.

O frame mãe foi o segundo menos produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas, embora houvesse um total de sessenta e oito exemplos, distribuídos da seguinte maneira: janeiro apresenta quatro ocorrências; fevereiro, uma ocorrência; março, dezesseis ocorrências; abril, dezessete ocorrências; maio, duas ocorrências; e junho, vinte e oito ocorrências. Para o frame *mãe* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: *cuidarei*, *umbilical*, *gerar* e *proteger*.

(83) “Quero dedicar todo o meu carinho e empenho aos desejos mais justos e destacados das famílias brasileiras: a educação das crianças e jovens, a segurança das nossas comunidades, e a saúde de todos os brasileiros.

**Cuidarei** da estabilidade econômica e do investimento, tão necessários ao crescimento e ao emprego. Defenderei sempre a liberdade de manifestação de imprensa e de culto. Mas reafirmo que nenhuma estratégia política ou econômica é efetiva se não se refletir diretamente, concretamente na vida de cada trabalhador, de cada trabalhadora, de cada empresário, de cada família e de todas as regiões deste imenso e generoso nosso país.” [Registro histórico – Discurso da presidenta eleita, Dilma Rousseff, durante cerimônia de diplomação no Tribunal Superior Eleitoral - Brasília/DF]

No exemplo (83) a expressão metafórica “cuidarei” indica que a presidente irá prestar bastante atenção na economia do país. O governo Dilma apresenta a imagem de mãe de forma explícita como mãe do PAC, mãe do Pré-sal. Neste exemplo, a imagem de mãe é criada de forma sutil pelo emprego do verbo cuidar e algumas palavras que antecedem o verbo cuidar como “carinho”, “famílias” e “educação”. A escolha lexical do verbo “cuidar” pressupõe que a presidente irá tomar conta, prestar atenção no que se refere à economia do país.

Assim, o governo de Dilma é apresentado como um governo que cuidará de suas responsabilidades com toda a atenção como uma mãe cuida de um filho. Ocorre uma identificação direta com o auditório não apenas com as mulheres que são mães (*ethos* de solidariedade), mas também com toda a população, que tem como referência a figura materna (*ethos* de chefe). A imagem (*ethos*) de mãe é uma característica genuína do discurso da presidente Dilma Rousseff, cuja imagem de mãe e de mulher são reforçadas em seu discurso. Esses *éthe* constroem o *ethos* de identificação por meio de fortes efeitos emocionais (*pathos*). Um elo emocional muito forte é estabelecido com a construção de uma imagem (*ethos*) de mãe. Isso promove um efeito patêmico no auditório. O vocábulo “mãe” possibilita o acúmulo de muitas informações implícitas. Entre elas, a de mulher que dá origem a vida; alguém que irá amar o filho de forma incondicional; alguém que será responsável por cuidar, alimentar e proporcionar condições favoráveis para o crescimento e desenvolvimento deste ser. Portanto, comparar o exercício de sua função no governo ao exercício das funções de uma mãe é um apelo emocional eficiente e eficaz para o fortalecimento da argumentação.

(84) “Nós temos de assegurar que o Brasil também cresça em ritmo adequado, para o Nordeste crescer acima do ritmo brasileiro. É impossível o Nordeste ter um crescimento significativo, acima até do PIB, do crescimento do PIB brasileiro, se o PIB brasileiro cair. **A nossa relação é uma relação umbilical.** É um pouco acima, mas tem de ser um pouco acima do acima.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do XII Fórum dos Governadores do Nordeste - Aracaju/SE]

No exemplo (84) a expressão metafórica “a nossa relação é uma relação umbilical” pressupõe uma relação entre mãe e bebê ainda dentro da barriga. Isso se refere à produção, desenvolvimento, unidade entre outras informações implícitas. A imagem de identificação é construída como uma imagem de gravidez que está diretamente relacionada ao *ethos* de mãe que reforça um *ethos* de chefe e mãe



cuidadora, pela responsabilidade pressuposta. Cria-se, assim, um elo emocional com forte valor persuasivo.

(85) “E, ao mesmo tempo, nós iremos manter este país crescendo. Porque este país, este nosso país precisa – e nós sabemos disso, cada um de nós sabe, a dona de casa sabe, o senhor aqui presente sabe que a gente precisa – **gerar** empregos e que, quando o Brasil **gera** empregos, quando, como disse o Jaques Wagner, a roda da economia gira, lá no interior, pelo dinheiro do Bolsa Família, pelas compras que a gente faz, no Programa de Aquisição de Alimentos, pela agricultura familiar, pelo fato de a Petrobras construir aqui um terminal de GNL, pelo fato de nós estarmos construindo a Transnordestina, pelo fato de a gente construir aqui, na Bahia, a ferrovia de integração Oeste-Leste. Tudo isso significa uma coisa: significa emprego, significa trabalho, significa vida digna. Mas, sobretudo, significa também cidadania, porque nós queremos que os nossos... os nossos queridos concidadãos, as nossas queridas companheiras mulheres sejam capazes de ter visão crítica, de ser capazes de questionar, de ser capazes de dizer o que querem, porque também este país é uma grande democracia, sim, que nós queremos que ele continue.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da implantação do Terminal de Regaseificação de Gás Natural Liquefeito (GNL) da Bahia - Salvador/BA]

No exemplo (85) a expressão metafórica “gerar” pode ser associada também à imagem de mãe que é geradora do filho. Essa capacidade de trazer à existência e dar vida enobrece a função primordial de mãe. Quando a presidente afirma que é preciso gerar empregos, cria-se a imagem de um governo preocupado com seus filhos, que busca cuidar deles, no essencial que é fornecer-lhes meios de subsistência, pelas informações implícitas que o verbo gerar acarreta. Apresentam-se dois *éthe* um de identificação que é o *ethos* de chefe (também mãe) e um de credibilidade que é o de competente (saber fazer).

(86) “Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo – eu reitero – é honrar as mulheres, **proteger** os mais frágeis e governar para todos!” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional - Brasília/DF]

No exemplo (86) a expressão metafórica “proteger” pode indicar, de modo muito sutil, uma das múltiplas funções de uma mãe. Cria-se uma imagem de alguém acolhedor. Isso contribui para a construção da imagem (*ethos*) de identificação na figura de chefe pela imagem de guia-pastor, mas a de uma mãe protetora. O elo emocional é estabelecido entre a presidente e o auditório em uma relação de protetor e protegido.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Cuidarei	Identificação (chefe / solidariedade)	
A nossa relação é uma relação umbilical	Identificação (chefe – mãe)	
Gerar	Credibilidade (competente) Identificação (chefe – mãe)	
Proteger	Identificação (chefe – guia-pastor)	

Quadro 7: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame mãe.

O quadro indica que o frame mãe apresenta o *ethos* de identificação como imagem predominante. Os argumentos são persuasivos devido aos elos emocionais que se estabelecem a partir de imagem de mãe e suas relações com o auditório. Não foi possível identificar uma posição de direção nas expressões metafóricas pertencentes a este tipo de frame.

#### 6.2.8. Análise do frame etapas da vida

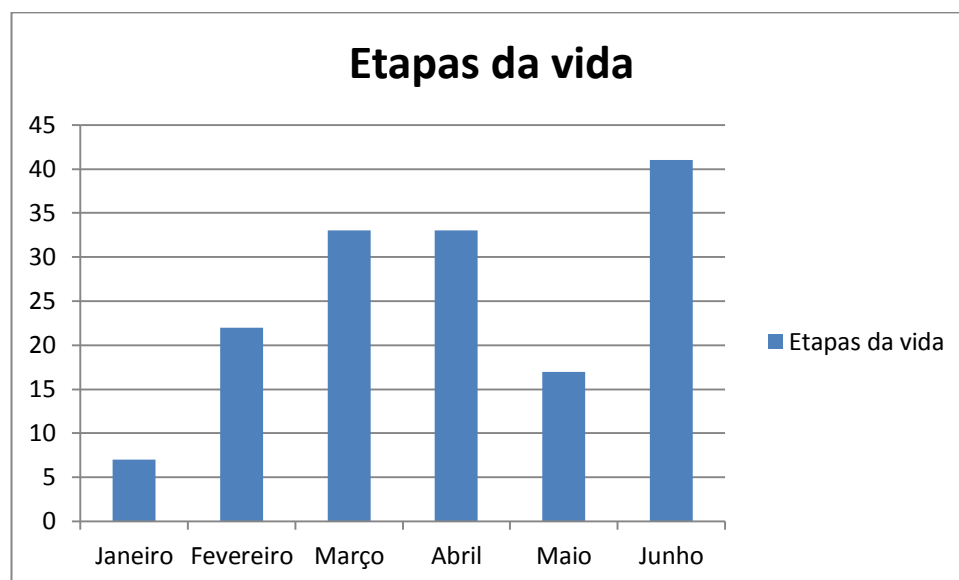


Gráfico 10: Número de ocorrências de expressões metafóricas no frame etapas da vida.

O frame *etapas da vida* foi o terceiro mais produtivo em relação ao número de ocorrências de expressões metafóricas com um total de cento e cinquenta e três exemplos, distribuídos da seguinte maneira: em janeiro, sete ocorrências; fevereiro, vinte e duas ocorrências; março, trinta e três ocorrências; abril, trinta e três ocorrências; maio, dezessete ocorrências; e junho, quarenta e uma ocorrências. Para o frame *etapas da vida* apresentaram-se as seguintes expressões metafóricas: nasce, certidão de nascimento, cresça e se desenvolva, maturidade e envelheceu.

(87) “O Plano Brasil sem Miséria, que estamos lançando hoje, **nasce** com base nessa filosofia e nesses princípios. Ele vai além, aperfeiçoando e avançando por esse caminho que nós construímos.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano de Superação da Extrema Pobreza – Brasil sem Miséria - Brasília/DF]

No exemplo (87) a expressão metafórica “nasce” refere-se ao programa de governo do ‘Brasil sem miséria’. A seleção lexical pressupõe que o programa veio à existência por meio do governo de Dilma Rousseff. O nascimento está associado à imagem de mãe e nova vida, nascimento. Isso cria um efeito de aproximação entre enunciador e auditório por meio do sentimento de esperança. Assim, o apelo emocional é responsável pela construção da imagem (*ethos*) de chefe, mãe e guia.

(88) “Nós temos de manter, aqui, o PIB crescendo a taxas acima do PIB nacional, e nós temos de fazer aqui um esforço imenso, porque a pobreza no Brasil, **ela tem uma certidão de nascimento** que privilegia, infelizmente, esta região do país. Por isso é que eu tenho esse compromisso que, eu diria, assim, que é um compromisso de alma com esta região. Para tanto, nós vamos precisar de fortalecer o nosso pacto para além dessas diferenças políticas, mas tendo clareza dos nossos objetivos. Daí por que eu fico muito feliz de começar minha caminhada no Nordeste nesta reunião do Fórum de Governadores. Porque, sem os senhores, eu sei que nós não conseguiremos, porque os senhores são estratégicos nisso.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do XII Fórum dos Governadores do Nordeste - Aracaju/SE]

No exemplo (88) a expressão metafórica “ela tem uma certidão de nascimento” refere-se à pobreza no nordeste brasileiro. Esse é o único exemplo em que nascimento apresenta um sentido negativo. O fato de a pobreza ter uma certidão de nascimento na região nordeste significa que ela existe de forma marcante naquela região. Esse exemplo não se refere a uma imagem da presidente, mas a uma imagem de uma parte do Brasil. Assim, a região nordeste apresenta como característica alguns aspectos negativos como, por exemplo, o de frágil, o de debilitada por causa da pobreza. Entretanto, é uma região

a qual o governo pretende dar uma atenção especial. Com isso, o *ethos* de mãe é reforçado pela atitude de uma mãe que ajuda o filho que mais precisa dela.

(89) “Para mim, este é um momento muito especial e me sinto muito comovida por estar aqui hoje homenageando todas as mulheres que desempenham papel decisivo na construção do nosso país, na construção de um futuro para o nosso país. Mas, sobretudo, queria cumprimentar as 11 companheiras professoras que, aqui presentes, estão demonstrando como é importante para o nosso país pessoas que dedicam a sua vida, o seu esforço e, de uma forma extremamente generosa, contribuem para que o nosso país **cresça e se desenvolva**.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de outorga da Ordem Nacional do Mérito a educadoras brasileiras - Brasília/DF]

No exemplo (89) pode-se perceber a etapa da vida que indica crescimento. A expressão metafórica “cresça e se desenvolva” personifica o Brasil. É como se o Brasil fosse uma criança que deve ser bem cuidada pelo governo e pela população. O *ethos* de identificação está fundamentado na imagem de solidariedade. Assim, o exemplo (89) fortalece a imagem de um país que cresce e se desenvolve. O crescimento, nesse caso, é uma personificação do Brasil. O governo da presidente Dilma é um governo capaz de cuidar do Brasil com a ajuda das professoras, profissionais da educação e também mulheres. Esse cuidado com a educação garante o crescimento do país. A escolha lexical do termo “cresça” pressupõe mudança, avanço e aumento. O *ethos* de identificação é construído com base no *ethos* de chefe estabelecido pela imagem de alguém que possibilitará o crescimento do Brasil por meio da fusão de uma imagem de mãe e de uma imagem de professora.

(90) “A China e o Brasil são dois grandes países, com expressivas economias e crescente atuação internacional. Nossas relações são sólidas e alcançamos, de uma certa forma, **a maturidade**. No entanto, o Brasil, e tenho certeza a China, quer inaugurar uma nova etapa nessas relações, um salto de qualidade no modelo de cooperação que tivemos até agora.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Diálogo de Alto Nível Brasil-China em Ciência, Tecnologia e Inovação - Pequim/China]

No exemplo (90) a expressão metafórica “maturidade” refere-se à fase adulta da vida de uma pessoa. Entretanto, essa fase está relacionada no texto a uma relação entre dois países. A imagem (*ethos*) criada é de uma pessoa séria, virtuosa e competente. Esses *éthe* fortalecem o *ethos* de credibilidade facilitando a argumentação no discurso.

(91) “No momento em que debatemos como serão a economia, o clima e a política internacional no século XXI, fica patente também que, do ponto de vista da

segurança, a ONU também **envelheceu**. Os eventos mais recentes nos Países Árabes e no norte da África mostram uma saudável onda de democracia, que desde o seu início apoiamos. Refletem também a complexidade dos desafios dos tempos em que vivemos. Lidamos com fenômenos que não mais aceitam políticas imperiais, certezas categóricas e as respostas guerreiras de sempre.” [Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura da Turma 2009-2011 do Instituto Rio Branco - Brasília/DF]

No exemplo (91) a expressão metafórica “envelheceu” indica que a ONU não apresenta a segurança necessária. A velhice é a etapa da vida menos favorecida devido às dificuldades que acarreta. Isso mostra que o modelo de segurança da ONU está antiquado e precisa ser reformulado. A imagem (*ethos*) referente à ONU é negativa, pois mostra-se inadequada. Porém, a presidente, ao apontar essa dificuldade como um desafio a ser enfrentado e uma de suas possíveis ações futuras, constrói para si uma imagem de competente, reforçando o *ethos* de credibilidade.

Expressões metafóricas	<i>Ethos</i>	Metáfora orientacional
Nasce	Identificação (chefe)	Para fora
Ela tem uma certidão de nascimento	Fragilidade	
Cresça e se desenvolva	Identificação (solidariedade)	Para cima
Maturidade	Credibilidade (séria, virtuosa, competente)	
Envelheceu	Inadequação Credibilidade (competente)	

Quadro 8: Expressões metafóricas, *ethos* e metáfora orientacional no frame etapas da vida.

O quadro indica que o frame *etapas da vida* apresenta a maioria de suas imagens (*ethé*) construídas com base em argumentos que são fundamentados em apelos emocionais de identificação, embora esteja presente também a imagem de credibilidade. Ocorreram algumas imagens negativas referentes aos obstáculos a serem enfrentados no governo de Dilma Rousseff. Apenas duas metáforas orientacionais foram identificadas com posição para fora e para cima, que são direções positivas.

Os resultados das análises de cada frame indicam que as expressões metafóricas são responsáveis pela construção de imagens (*ethé*) que caracterizam o discurso político da presidente Dilma Rousseff. Com base nos exemplos apresentados, podem-se listar os

principais *ethé* do governo da presidente Dilma Rousseff encontrados em seu discurso político:

Frames encontrados	Imagens ( <i>éthe</i> ) construídas com base nos frames
Espaço/ percurso	O governo de Dilma é mudança, deslocamento, percurso.
Guerra	O governo de Dilma é enfrentamento, luta, guerra.
Construção	O governo de Dilma é sólida construção, por realizar, por fazer
Mazelas	Os obstáculos ao governo de Dilma são mazelas a enfrentar .
Corpo humano	O governo de Dilma é um corpo humano, vivo, tem sentimento.
Jogo	O governo de Dilma é um jogo, uma competição, um desafio. E os auxiliares do governo de Dilma são unidos e competentes.
Mãe	O governo de Dilma apresenta a responsabilidade e os cuidados de uma mãe para com os filhos.
Etapas da vida	Instituições do governo são vivas e passam por todas as etapas da vida. O governo de Dilma contribui para que o país cresça.

Quadro 9: *Ethé* construídos a partir dos frames encontrados.

Pode-se concluir que o discurso da presidente é construído basicamente por oito *ethé* (imagens) principais: O governo apresenta-se como um percurso de deslocamento, ou seja, é um espaço de transição e de mudança; o governo é enfrentamento, governar é uma guerra; o ato de governar caracteriza-se também como processo de construção, é trazer à existência aquilo que ainda não existe; o governo está preparado para enfrentar e acabar com as adversidades e mazelas; o governo está vivo, atuante e coordenado como um corpo humano; governar é um jogo, uma aposta na qual é preciso coragem para arriscar e força e preparo para vencer; o governo tem uma responsabilidade maternal para com seus filhos; e, como tudo na vida passa por várias etapas em seu desenvolvimento.

## 7. CONCLUSÃO

A observação do comportamento dos elementos linguístico-discursivos enquanto recursos argumentativos contribuiu para a compreensão de como fatores que, em princípio, aparentemente não apresentam função argumentativa, podem assumir essa função dentro de contextos determináveis.

No primeiro caso, o uso de polifonia, foi possível verificar que as citações funcionam como um reforço para o argumento apresentado, na medida em que outras vozes agregam credibilidade pelo reconhecimento público do cargo; pela identificação devido à notoriedade dos representados; e pela força argumentativa, pois mostra compartilhar da mesma opinião que a presidente. Essas vozes foram capazes de criar imagens de credibilidade e de identificação.

Verificou-se ainda que a relação entre *ethos* e *pathos* ocorre de maneira sutil devido à identificação direta entre a imagem construída por meio das vozes citadas, por meio da voz da presidente e da voz da população. É como se essas três vozes se unificassem em uma única voz, vindo daí sua força.

A análise dos trechos com presença de polifonia contribuiu para a comprovação da hipótese de que o uso da polifonia em textos argumentativos (discurso político) serve para reforçar os argumentos, aumentando sua força persuasiva.

No segundo caso, o uso da metáfora, semelhantemente ao caso de polifonia, também foi possível comprovar sua utilização como um eficaz recurso argumentativo. As expressões metafóricas foram selecionadas e agrupadas em oito *frames* principais que caracterizam o discurso político da presidente Dilma Rousseff. Com base nesses *frames* e na produtividade das expressões metafóricas resultaram os *ethé* de credibilidade e identificação.

Assim, a relação entre *ethos* e *pathos* é imediata uma vez que as metáforas serem constituídas de saberes culturalmente partilhados. Além disso, devido ao grande teor de informações implícitas e de valores emocionais, a aproximação com o auditório ocorre de forma direta, contribuindo também esse fato para o convencimento de seu público alvo. Observa-se que o governo de Dilma era bem avaliado nas pesquisas de opinião pública gozando de credibilidade.

Em ambos os casos, a análise fundamentou-se em conceitos de teorias da Análise do Discurso, entretanto, na análise da metáfora foi necessário recorrer à teoria

da metáfora conceptual de Lakoff & Johnson, unindo teorias distintas, porém complementares, na abordagem da argumentação no discurso político.

Os resultados mostraram que há um equilíbrio entre as imagens de credibilidade e de identificação. Em alguns exemplos, predominam as imagens de credibilidade, em outros, predominam as imagens de identificação, mas ocorrem, ainda, exemplos nos quais as imagens de credibilidade e de identificação são representadas simultaneamente. Isso pode indicar que há uma tendência ao hibridismo na função dessas imagens. Pode haver um *continuum* na relação entre *ethos* e *pathos*.

O governo da presidente Dilma Rousseff foi caracterizado como um governo predominantemente pautado no deslocamento, na mudança e na guerra; no enfrentamento, na luta; na construção; na vida, na atividade; no jogo; e na maternidade. A imagem que resulta da junção de todos os frames analisados é a de que o governo de Dilma Rousseff é vivo e, portanto, ativo. Essas atividades estão relacionadas à personificação do governo que pode ser compreendido como um corpo em movimento. E não apenas o corpo físico, a imagem do governo apresenta também um corpo com alma, com sentimentos decorrentes do *ethos* da mãe que cuida dos filhos.

Pode-se perceber que tanto o uso de polifonia quanto o uso de metáfora são capazes de produzir imagens que criam um efeito emocional de aproximação com o auditório e contribuem para a persuasão e o fortalecimento das técnicas argumentativas utilizadas em seu discurso.



## 8. REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 3.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- ADAM, Jean-Michel et al. *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.
- AMARAL, Ricardo Batista. *A vida quer é coragem*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude & DUCROT, Oswald. *L'Argumentations dans la langue*. 3.ed. Liège: Mardaga, 1997.
- ARAUJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola editorial, 2004, p. 99-123.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas*. António Pedro Mesquita (coord.). Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- \_\_\_\_\_. Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas (19): 25-42. jul-dez 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995, cap V e VI.
- \_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.307-337.
- \_\_\_\_\_. Língua, fala e enunciação / A interação verbal. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

- BENVENISTE, Émile. Aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOISSINOT, A. *Les textes argumentatifs*. Toulouse: Bertrand-Lacoste, 1992.
- BRAIT, Beth. Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia. In: *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. MACHADO, Ida Lúcia (Org.) Belo Horizonte: Carol borges Editora, 1999, p. 335-346.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. (Org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 5-70. (Série Investigações Linguísticas).
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVASSI, S. C. (Orgs.). *Da Língua ao Discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005, p. 11-27.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. e adaptação grupo NAD-UFMG e CIAD-Rio. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. Identité sociale et identité discursive. In: *Revista Gragoatá*, n. 21, jul-dez 2006: 339-354, Niterói. R. J. EDUFF.
- \_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006. 119
- \_\_\_\_\_. *Discurso político*. Tradução Komesu & Cruz. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_ & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. da tradução Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. IN; PAULIUKONIS, MALP & GAVAZZI, S. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 05-35.
- DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003, cap. II.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2008.
- \_\_\_\_\_ & SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 2005.

FREITAS, Maria Teresa. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997, p.311-329.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GRIZE, Jean-Blaise. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1997.

GUIMARÃES, Eduardo. *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, Wanderlei. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios)

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso*. Tradução de Fernando Afonso de Almeida e Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 8a ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander. (orgs). *Análises do Discurso hoje*. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LOPES, Edward. *Metáfora: da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1987.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (orgs). *As emoções no discurso*, v.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (orgs). *As emoções no discurso*, v.2. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

MACHADO, Irene. “Gêneros discursivos” In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.151-165.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2a .ed. Tradução Freda Indursky. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. Possenti & Souza-e-Silva (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, Paulo Henrique Aguiar. *Metáfora/ Metonímia e Discurso Político*. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. Do Autor (UFMG), 1998.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2.ed. 2007.

\_\_\_\_\_. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2. ed. 2007.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Leonor Werneck. *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. *A argumentação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 20.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

VILELA, Mário. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.